

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**

WANÊSSA LACERDA POTON

***DEVIR-FLOR: A MULHER BUSCANDO
SUPERAR A DEPRESSÃO***

VITÓRIA
2010

WANÊSSA LACERDA POTON

***DEVIR-FLOR: A MULHER BUSCANDO
SUPERAR A DEPRESSÃO***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva, na área de concentração Política e Gestão em Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Túlio Alberto Martins de Figueiredo.

VITÓRIA
2010

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

P864d Poton, Wanêssa Lacerda, 1972-
Devir-flor : a mulher buscando superar a depressão / Wanêssa
Lacerda Poton. – 2010.
147 f. : il.

Orientador: Túlio Alberto Martins de Figueiredo.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo,
Centro de Ciências da Saúde.

1. Depressão em mulheres. 2. Saúde pública. I. Figueiredo, Túlio
Alberto Martins de. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro
de Ciências da Saúde. III. Título.

CDU: 614

WANÊSSA LACERDA POTON

***DEVIR-FLOR: A MULHER BUSCANDO
SUPERAR A DEPRESSÃO***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva na área de concentração Política e Gestão em Saúde.

Aprovada em 30 de junho de 2010.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Túlio Alberto Martins de Figueiredo
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof. Dr. Gregório Félix Baremlitt
Instituto Félix Guattari

Prof. Dr. Luís Henrique Borges
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dra. Maria Elizabeth Barros de Barros
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dra. Maristela Dalbello Araújo
Universidade Federal do Espírito Santo

AGRADECIMENTOS

Agradecer! As palavras não conseguirão manifestar todos os sentimentos experimentados neste acontecimento – o mestrado –, que invadindo um dos vagões da minha vida, tornou-se parte dela. Conheci e convivi com pessoas ilustres, onde encontrei beleza, bondade, humanidade... Essa turma já deixou saudade!

Agradecimentos que quero deixar para a eternidade, como retratada por Arthur Rimbaud (1870) em seu poema:

Ela foi encontrada!
Quem? A eternidade.
É o mar misturado
Ao sol.

Minha alma imortal,
Cumpra a tua jura
Seja o sol estival
Ou a noite pura.

Pois tu me liberas
Das humanas quimeras,
Dos anseios vãos!
Tu voas então...

— Jamais a esperança.
Sem movimento.
Ciência e paciência,
O suplício é lento.

Que venha a manhã,
Com brasas de satã,
O dever
É vosso ardor.

Ela foi encontrada!
Quem? A eternidade.
É o mar misturado
Ao sol.

Meus agradecimentos são como uma rede, um emaranhado de linhas, que tento agradecer os momentos: de desejos, de amor, de perdas, de emoção, de sacrifícios, de ausências, de compreensão... Uma imensidão de sentimentos!

Agradeço à vida, ao sol, ao vento, à energia que emana de nossas almas e que nos move, e à tudo que nos faz a cada dia novos sujeitos.

Agradeço à meus amáveis pais: Wilson e Cleusa, pelo amor, pela dedicação, pelos ensinamentos tão nobres e sólidos. Aprendi com vocês a lutar pelos sonhos, mesmo pelos que parecem impossíveis.

Ao meu amado Edson, companheiro de luta, de sonhos, de sucessos, de desafios... Agradeço-te a cada dia pelo seu amor e por estar sempre do meu lado.

Aos meus grandes e eternos amores: Pietro e Isabele. Amores que me move, que me deixa viva, que me faz lutar – frutos da minha existência. Peço desculpas pelas minhas ausências. Amo muito vocês!

Ao meu querido orientador: Túlio, que entrou de supetão no trem da minha vida. Apresentou-me a Esquizoanálise e o Esquizodrama de um jeito simples e prazeroso. E nesse ir e vir fez-me vivenciar novos modos de ser e de sentir a vida e o mundo. A cada hora de orientação, fazia-me potência produtiva e desejante. Cuidou de mim, me acolheu, me estimulou... Como te agradecer?

Às minhas cunhadas: Maria José e Penha, que presenciaram minhas dificuldades e durante minhas ausências, metamorforesearam em mãe (de Pietro e Isabele). Muito obrigada!

Ao meu irmão e irmã: Júnior e Simone, companheiros de alegrias e tristezas em família. Obrigada!

Aos meus queridos sobrinhos: Michaela, Jéssika, Ana Carolina, David..., me fazem devir-adolescente. Quantas lembranças!

Ao meu grupo de mestrado: Ana Paula, Ana Rosa, Élem, Josélia, Larissa, Letycia, Luciene, Márcia, Paula, Rafaela, Rodrigo, Rosa, Talita e Viviane. Juntos passamos momentos de alegria, contentamento, superação, sufoco, tristeza, decepções... Conseguimos com a união transpor todas as dificuldades que foram surgindo, e vencemos. Quanta saudade!

Aos professores do Mestrado com quem pude aprender, conhecer, ousar... Obrigada!

Às minhas recentes e já grandes amigas: Cláudia, Edna, Mara, Mônica, Jaqueline, Ana Maria. Juntas, trabalhamos pelo mesmo ideal: melhorar a situação de vida das mulheres e crianças do nosso estado. Obrigada pela ajuda e por compreenderem meus momentos de ausência.

Às minhas antigas-ausentes e pra sempre amigas: Márcia, Suely, Marizete, Gilsa, Marcinha... Agradeço a solidariedade e o carinho!

À minha grande amiga e confidente Graça, que com seu jeito amável, doce; ser de alma cristalina; aprendi a ver a vida de outra forma. Conviver com você tornou-me um ser melhor. Um fraterno muito obrigada!

A Camila e Janaína que com muito carinho e paciência me acolheram como se me conhecessem há anos, permitindo que penetrasse como um rato em seus espaços e, também no grupo “Alegria de Viver”. Muito obrigada!

Às mulheres e ao homem do grupo “Alegria de Viver”. Aprendi muito com vocês. Afetada fiquei, com suas histórias, e muito agradecida por estar parte do grupo durante um curto tempo. Muito obrigada!

À minha ilustre banca de examinadores: Dr. Baremlitt, Dr. Luís Henrique, Dra. Beth Barros, Dra. Maristela. Vocês, com seus vastos saberes, irão enriquecer o meu trabalho. Muito obrigada por fazerem parte desse momento!

Às demais pessoas que aqui deixo de citar nominalmente, mas que colaboraram e contribuíram de alguma forma para que eu conseguisse concluir o meu mestrado. Muito obrigada!

RESUMO

Experimentação vivenciada com um grupo de mulheres diagnosticadas como depressivas e acompanhadas pelo Programa de Saúde Mental de uma unidade de saúde do Município de Vila Velha - ES. Oficinas qualitativas, quatro ao todo, tendo como dispositivos as cantigas de roda, o desenho com massa de modelar, a dramatização e a dança; foram as abordagens utilizadas neste trabalho que potencializaram o processo de auto-análise e autogestão dessas mulheres: a Esquizoanálise - enquanto concepção ético-estético-revolucionário-desejante da vida e do mundo -, e o Esquizodrama - enquanto espaço de produção do revolucionário e do novo -, deram o tom dos acontecimentos. Buscando desviar-se do trabalho de grupo convencional, marcado pela repetição, a proposta de clínicas ofereceu a possibilidade de proliferação de multiplicidades. Durante as oficinas muitos acontecimentos tristes de suas vidas, parte de um eterno presente, foram sendo revisitados; mas, como ninguém consegue ser depressivo vinte e quatro horas por dia, acontecimentos alegres - verdadeiras palhaçadas amorfas -, permitiram a essas mulheres, numa explosão de alegria, metamorfosearem-se em flores. Essas mulheres (e um homem também), com histórias singulares e modos de vida peculiares, vivenciaram processos produtivo-desejante-revolucionários da vida e do mundo, com produção do novo.

Palavras-chave: Saúde Coletiva. Movimento Instituinte. Esquizoanálise. Esquizodrama. Depressão.

ABSTRACT

An experimentation deeply experienced with a group of women diagnosed as depressive and followed by Mental Health Program from a Health Care Unit in the City of Vila Velha-ES. There were four qualitative workshops, in which the mechanism used were children ballads, drawing with modeling clay, dramatization and dance; this work had approaches which potencialized the process of self-analysis and self management of these women: the Schizoanalysis – as a conception willing-ethical-aesthetic-revolutionary of the life and the world -, and the Schizodrama – as a space of production of the revolutionary and the new -, they had given the tone of the events. Trying to turn aside the conventional group work, marked by the repetition, klínicas proposal is to offer the possibility of proliferation of multiplicities. During the workshops a number of sad events of their lives, part of a perpetual gift, had been revisited; but, since nobody can be depressive twenty four hours a day, happy events also happened – original amorphous jokes -, which allowed these women, in a joy explosion, like a metamorphosis into flowers. These women (and one man), with singular histories and peculiar ways of living, had lived productive-willing-revolutionary processes of the life and the world, with the production of the new.

Keywords: Public Health. Institutional Movement. Schizoanalysis. Schizodrama. Depression.

SUMÁRIO

POSSIBILIDADES	12
CHARNECA 1:	
CAMINHANDO PELOS SABERES DE DELEUZE, BAREMBLITT E OUTROS MAIS	16
O MOVIMENTO INSTITUCIONALISTA	16
A ESQUIZOANÁLISE	20
O ESQUIZODRAMA	27
CHARNECA 2:	
DEPRESSÃO: REGISTROS DE UM DISCURSO INSTITUÍDO	31
CHARNECA 3:	
ONDE QUERÍAMOS CHEGAR?	37
CHARNECA 4:	
SOBRE O “MÉTODO” – A CARTOGRAFIA	38
CHARNECA 5:	
COSTURANDO A MINHA APROXIMAÇÃO COM O GRUPO!	44
CHARNECA-EM-FLOR 6:	
PIQUENIQUEANDO	47
CHARNECA-EM-FLOR 7:	
PICTOGRAFANDO ACONTECIMENTOS	61
CHARNECA-EM-FLOR 8:	
DEVIR-FLOR	74
CHARNECA-EM-FLOR 9:	
DISCOTEQUEANDO	84
CONSIDERAÇÕES MELHORES	93
REFERÊNCIAS	96
ANEXOS	104
ANEXO A: APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA	104
ANEXO B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	105
ANEXO C: TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA IMAGENS	107

ANEXO D: ARTIGO 1	
ESQUIZOANÁLISE E ESQUIZODRAMA: POSSIBILIDADES NO CAMPO DA SAÚDE COLETIVA	108
ANEXO E: ARTIGO 2	
DEVIR-FLOR: A MULHER BUSCANDO SUPERAR A DEPRESSÃO	128

POSSIBILIDADES...

[...] as possibilidades da mulher foram sufocadas e perdidas para a humanidade [...]
(BEAUVOIR, 1980).

Este estudo se insere na área de concentração Política e Gestão em Saúde do nosso Curso de Mestrado em Saúde Coletiva, e parte do pressuposto que no campo da saúde coletiva deve existir uma vinculação entre o pensamento e a ação de forma que

[...] nada pode ser um problema intelectual, se não tiver sido, em primeira instância, um problema da vida prática. Isto quer dizer que a escolha de um tema não emerge espontaneamente, da mesma forma que o conhecimento não é espontâneo. Surge de interesses e circunstâncias socialmente condicionadas, frutos de determinada inserção no real, nele encontrando suas razões e seus objetivos (MINAYO, 1992, p. 90).

Esta é uma pesquisa cartográfica¹ da vivência de um grupo de mulheres diagnosticadas clinicamente como depressivas. Trata-se, no entanto, de um grupo de mulheres marcado pela diferença; um coletivo de mulheres que até possui como um de seus integrantes um homem, que chegou e foi ficando, e nesse ficar tornou-se parte do mesmo. Estive com esse grupo por quatro momentos; momentos singulares, marcados por proliferações produtivas, desejantes e até mesmo revolucionárias. São sobre esses encontros que eu quero contar!

A pesquisa tentou vislumbrar as multiplicidades existentes nesse grupo, aqui entendidas como “aquilo que DIFERE DE SI MESMO e nunca se caracteriza por uma suposta identidade, nem tampouco pela presença em si de sua negação ou de seu contrário” (BAREMBLITT, 2009c, p. 9, grifo do autor).

¹ A cartografia não é o desenho de uma realidade da forma como ela ocorre, mas o relato momentâneo de uma passagem, das matérias de expressão. Não tem nada a ver com explicar, muito menos com revelar (ROLNIK, 1987, p. 67).

O eixo norteador do estudo foi potencializar possibilidades e proliferações a esse grupo. Afinal, por que esse rótulo de depressão? As pessoas são depressivas vinte e quatro horas por dia, em tempo integral, durante toda a sua vida?

Como intensificar a potência desse grupo, senão pela via da auto-análise e da autogestão!

Auto-análise... Autogestão... Modos de potencializar devires² nas pessoas, buscando como desafio a utopia ativa, a qual Baremblytt (2002, p. 172) denomina como “as metas e objetivos mais altos e nobres [...] que orientam os processos produtivo-desejante-revolucionários dos movimentos e agenciamentos sociais em seus aspectos instituintes - organizantes”.

Afastando-se das atividades rotineiras tão comuns na condução de um processo grupal, essa proposta vislumbrou a possibilidade de vivenciar com o grupo uma clínica; desse jeito mesmo, uma clínica³ com K. Sobre a clínica, Amorim (2008, p. 63) entende como

[...] um lugar onde se propicie incessantemente a perspectiva de desterritorializar-se, e “despersonalizar-se”, ou seja, de “desviar-se” dos macro-modelos segmentários já instituídos na sociedade, das grandes identidades (pai, mãe, mulher, homem, criança, cientista e leigo, analista e analisando, etc.) para acontecer como novos sentidos e devir como novos corpos intensivos.

Este texto é uma bricolagem⁴. Nele atuo como ladra de idéias, roubando conceitos, opiniões, juízo, pensamentos de diversos autores e também desse grupo com o qual convivi acontecimentos⁵.

² O devir é um termo relativo à economia do desejo. “Os fluxos de desejo procedem por afetos e devires, independentemente do fato de que possam ser ou não rebatidos sobre pessoas, sobre imagens, sobre identificações” (GUATTARI; ROLNIK, 2007, p. 382).

³ Clínica com “k”, terminologia criada por Baremblytt, tem sua origem na palavra grega *clinamen*, onde o processo no qual ocorre um “desvio” dos átomos, que ao se colidirem produzem o novo, uma nova singularidade. A clínica é entendida como “todo dispositivo inventado para a prática do Esquizodrama, que está muito mais inspirado no alternativo, desviante e original do que no convencional, consagrado e difundido” (BAREMBLYTT, 2009c, p. 1).

⁴ A bricolagem é uma modalidade de composição artística, de origem primitiva, que se propõe como procedimento e efeito estético a aproximação de elementos que, nas distribuições da realidade convencional, não teriam nada a ver entre si. Para Deleuze (1992) “se trata de aproximar-se sigilosamente de um autor, pelas costas, e fazer-lhe um filho monstruoso no qual ele não se reconheceria”.

⁵ Acontecimento é o resultado do acaso, do novo absoluto, da diferença e da singularidade, que pode em algum momento introduzir uma ruptura na vida do sujeito (BAREMBLYTT, 2002, p. 134).

Tento neste estudo exercitar as idéias de Deleuze: a fuga à reprodução do eterno, o desafio de produzir o novo, o criativo, remetendo-me aos acontecimentos da vida dessas mulheres, em um tempo que não o cronológico - passado, presente e futuro - , mas em um tempo aiônico⁶, o “[...] tempo do acontecimento que é um tempo que *não passa*, uma vez que o acontecimento é um entre-tempo” (PELBART, 2007, p. 100, grifo do autor).

Esse tempo (aiônico) é repleto de acontecimentos, que “chegaram atrasados à estação da vida e perderam o trem da história. Eles chegaram à estação quando já tinha sido realizada a distribuição das passagens, por isso, não possuem lugar no trem”. Portanto, esse tempo vivido nesses momentos com o grupo “Alegria de Viver” ficou “propenso totalmente a transgressões, travessuras irresponsáveis, palhaçadas amorfas” (FIGUEIREDO, 2009, p. 15).

Esses encontros com mulheres tão admiráveis (e com um homem não menos admirável) foram marcados por acontecimentos que me afetaram. E sobre aquelas mulheres, qual a intensidade da afetação de cada uma delas?

Rotuladas como depressivas, cada uma dessas mulheres poderia ser uma “charneca”. Diz a língua portuguesa (MICHAELIS, 2010) que charneca é um “terreno inculto e árido onde há apenas vegetação arbustiva e rasteira”. Mas charneca também pode ser “estilo árido ou monótono”.

Florbela Espanca⁷, no entanto, considera que charneca, por mais rude que seja, é um campo fértil, pois tem a potência de abrir-se em flor:

CHARNECA EM FLOR

Enche o meu peito, num encanto mago,
O frémito das coisas dolorosas...
Sob as urzes queimadas nascem rosas...
Nos meus olhos as lágrimas apago...

Anseio! Asas abertas! O que trago
Em mim? Eu oiço bocas silenciosas
Murmurar-me as palavras misteriosas

⁶ No tempo aiônico, os acontecimentos se sucedem independentemente da linearidade do tempo. Para Schulz (1994, p. 32), “os fatos são ordenados no tempo, dispostos em seqüência como uma fila [...]”; agrupam-se apertados, pisam nos calcanhares uns dos outros. Cada fato tem uma passagem, tem seu lugar reservado para sua viagem no trem da história.

⁷ Flor Bela Lobo, assim era o nome de batismo de Florbela Espanca, poeta portuguesa, precursora do movimento feminista em Portugal. Considerada neurótica, suicidou-se no dia do seu aniversário (1894-1930). Escritora de vários livros, de temas lúgubres e melancólicos: o Livro de Mágoas, o Livro de Soror Saudade, Charneca em Flor e o Diário de Último Ano.

Que perturbam meu ser como um afago!

E, nesta febre ansiosa que me invade,
Dispo a minha mortalha, o meu burel,
E já não sou, Amor, Soror Saudade...

Olhos a arder em êxtases de amor,
Boca a saber a sol, a fruto, a mel:
Sou a charneca rude a abrir em flor
(ESPANCA, 1927).

Como Florbela Espanca, creio que pessoas (e uma dissertação de mestrado também) são charnechas com potência para produzir o novo... flores! É de charnechas que este trabalho-charneca produtivo-desejante vai falar: charnechas-em-flores.

CHARNECA 1:

Caminhando pelos saberes de Deleuze , Baremblytt e outros mais

O Movimento Institucionalista

Neste capítulo irei caminhar numa estrada repleta de pensamentos e idéias formuladas por estudiosos inovadores, anarquistas, que tentam mostrar um novo olhar sobre os coletivos humanos, rompendo com paradigmas e modelos concretos - antiprodutivos.

O Movimento Institucionalista (MI) ou Instituinte foi criado na Europa, surgindo no Brasil em meados dos anos 70, em universidades brasileiras, com a participação de várias categorias profissionais, sendo a Análise Institucional (de René Lourau), a Sociopsicanálise (de Gérard Mendel) e a Esquizoanálise (de Gilles Deleuze e Félix Guattari) as correntes mais divulgadas no país (BAREMBLYTT, 2002; L'ABBATE, 2003). Para Baremblytt (2002, p. 13), o MI “é um conjunto de escolas, um leque de tendências”.

Descrevendo minuciosamente o MI, Pereira (2005, p. 59) o define como

[...] uma série de teorias, pensamentos, correntes, práticas e experiências de nomes variados, que têm como premissa a autogestão e auto-análise: “Análise Institucional”, “Pedagogia Institucional”, “Psiquiatria Democrática”, “Sociopsicanálise”, “Psicossociologia”, “Esquizoanálise”, “Grupo-Drama-Institucionalista”, “Sociologia Clínica”, “Grupo Operativo”, “Educação Popular” e outros. Essas escolas objetivam impulsionar experiências coletivas utópicas, criadoras de novos saberes e modos alternativos de viver.

Aos que insistem em classificar o MI como uma teoria, Baremblytt (1989, p. 114) esclarece que esse movimento é uma amplitude de teorias com várias características,

[...] às quais podemos acrescentar uma crítica do conceito de verdade e, em segundo lugar, o problema do Poder – seja dos micro e macropoderes – do

poder econômico, político, seja do poder como uma questão do domínio ou da capacidade de fazer. O institucionalismo se interessa pela questão do Desejo, da intervenção de forças inconscientes em todas as atividades humanas, e não apenas na questão da saúde; onde quer que a subjetividade tenha participação, o institucionalismo está preocupado em desvendá-la; interessa-se pela questão do inconsciente postulando a existência de muitos inconscientes e a impossibilidade de universalizá-lo, totalizá-lo e sobretudo torná-lo de domínio de uma teoria só.

O MI, enquanto micropolítica do desejo, é antagônico aos poderes que dominam o indivíduo, tornando-o sujeitado⁸. Sobre o processo de sujeitamento ao qual pela via do poder o sujeito se submete, Foucault (1985, p. 175) entende que tal poder é “[...] uma relação de força: algo que se exerce, só existe em ação”, logo consiste em relações de força, múltiplas e móveis, desiguais e instáveis, não surgindo somente de um ponto central (Estado), mas sim de instâncias periféricas localizadas. Dessa forma, o poder está, ao mesmo tempo, em todos os pontos do suporte móvel das correlações de força que o constitui; está em toda parte, na relação de um ponto com outro, enfim, multiplica-se e provém, simultaneamente, de todos os lugares.

Na contracorrente do sujeitamento é que se instala o MI, ao afirmar que

[...] as grandes mudanças históricas, as macromudanças, são sempre resultado de pequenas micromudanças, e que os grandes poderes em vigor na sociedade são apenas forças resultantes de pequenas potências que se chocam e conectam em espaços microscópicos de uma sociedade (BAREMBLITT, 2002, p. 41).

As semelhanças também estão presentes entre os sujeitos, mas o importante para o MI é a produção de diferenças, a singularidade do sujeito, já que “não existe esse sujeito eterno e universal [...] o que existe são processos de produção de subjetivação⁹ ou de subjetividade¹⁰”. Por isso, o MI tem como objetivo criar campos de leitura, de compreensão, de intervenção para que cada processo produtivo desejante, revolucionário, seja capaz de gerar os homens (ou sujeitos) de que

⁸ Conceito criado por Félix Guattari, sujeitado é o indivíduo alienado em objetivos, procedimentos, estruturas e leis, o qual não consegue cumprir com sua finalidade de vida (BAREMBLITT, 2002).

⁹ Subjetivação é o modo “de ser e de existir em que prevalece o desejo produtivo e a prática de ações transformadoras e críticas com relação ao modo de vida característico da organização vigente [...]”. A subjetivação vai produzir indivíduos/sujeitos, famílias, grupos, movimentos, cuja principal característica é a capacidade de inventar outros modos de vida. Os paradigmas que mais se aproximam desses novos modos seriam o ecológico e o artístico. São indivíduos/sujeitos mais solidários, cooperativos, inovadores, inventivos, livres e críticos, preocupados com o meio ambiente e por uma vida digna para todos” (AMORIM, 2009, p. 3).

¹⁰ Subjetividade é o “modo de existir dominante de uma sociedade, constituído por instituições/organizações/equipamentos e pelos indivíduos/sujeitos que o praticam, assim como a prática em si mesma. [...] é a resultante de encontros de diferentes dimensões da realidade, das quais, o indivíduo/ sujeito são apenas uma dentre várias. A subjetividade é a efetuação desse *entre*” (AMORIM, 2009, p. 2).

precisa, logo aceitar a idéia de que os novos homens se fazem a cada momento, em cada circunstância (BAREMBLITT, 2002, p. 45).

As correntes do MI não possuem limites precisos, perpassando uma sobre a outra, como um rizoma¹¹, com conceitos semelhantes (L'ABATTE, 2003), trabalhando a idéia de processos auto-analíticos e autogestivos. Na opinião de Barembritt (2002, p. 11) esse movimento

[...] é um conjunto heterogêneo, heterológico e polimorfo de orientações, entre as quais é possível se encontrar pelo menos uma característica comum: sua aspiração a deflagrar, apoiar e aperfeiçoar os processos auto-analíticos e autogestivos dos coletivos sociais.

A pedagogia do MI requer originalidade na sua produção, da busca constante da diferença, rompendo com o modelo conservador, propondo autonomia¹², cidadania e a expressão da diversidade e da alteridade. Apesar de existir várias tentativas, nenhuma escola representa o MI em seu ideário e totalidade (BAREMBLITT, 2002; PEREIRA, 2005).

Outra idéia defendida pelo MI é que cada sociedade tem suas diferenças, logo não existem necessidades básicas naturais, pois cada sociedade irá produzir, criar e modular suas próprias necessidades (BAREMBLITT, 2002).

Pensando na sociedade conservadora vigente, alienante, da lógica identitária, do sempre igual, que compromete a autonomia do sujeito, Barembritt (2002, p. 17) reforça que os coletivos

[...] têm perdido, têm alienado o saber acerca de sua própria vida, a noção de suas reais necessidades, de seus desejos, de suas demandas, de suas limitações e das causas que determinam essas necessidades e essas limitações. Eles têm perdido um certo grau de compreensão e controle sobre que tipos de recursos e formas de organização devem dispor para colocar e resolver seus problemas.

¹¹ O rizoma não tem começo e nem fim, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, é um constante "e... e... e...". Um rizoma tem diversas formas – heterogêneo -, tem várias conexões e é repleto de multiplicidades (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

¹² Autonomia no sentido de romper com esquemas centralizadores: não se trata de participar de um poder constituído e vertical, mas de ter poder, de estratégia, de ação polivalente. Assim, novos atores, antes excluídos e subalternos, emergem no cenário da vida comunitária, organizativa e institucional (PEREIRA, 2005, p. 60).

Baseado nos problemas advindos da sociedade moderna, capitalista, é que o MI defende princípios básicos como a auto-análise e a autogestão, esta sempre presente nos processos autogestivos.

A auto-análise é um processo de produção e re-apropriação de um saber acerca de si mesmo, suas necessidades, seus desejos, demandas, problemas, soluções e limites. É também um processo de autocritica, possibilitando o conhecimento e a descoberta das causas da alienação. Muitas vezes, fazer a auto-análise é difícil, devido à desqualificação e subordinação proporcionada pelo saber científico e disciplinário, utilizado pelas entidades dominantes (BAREMBLITT, 2002; PEREIRA, 2005).

A autogestão advém do “grego e do latim: *autós* = auto; *gerére* = gerenciar, administrar, ou seja, um sistema que se autogerencia, se engendra”. O axioma fundamental da autogestão é a igualdade de direito e de desejo. Um sistema de autogestão não é somente participação, mas uma transformação nos coletivos e nos grupos (PEREIRA, 2005, p. 67).

Na autogestão a autonomia está sempre presente, com a experiência e habilidades de cada um, se autodirigindo, se autoadministrando, se autocriticando para o êxito do empreendimento, exercendo um prazer coletivo da criação. Devemos lembrar que nesse sistema existem leis que são comuns a todos para a obtenção do êxito, estabelecendo direitos iguais de desejar. Em toda a sociedade existe hierarquia, nos sistemas autogestivos ela corresponde às diferenças de potências e capacidades produtivas que são utilizadas para a vontade coletiva, inexistindo escala de poder (BAREMBLITT, 2002; PEREIRA, 2005).

Os processos de auto-análise e autogestão ocorrem concomitantes, simultâneos e articulados, e com a participação de experts numa relação horizontal com os membros da comunidade, os conhecimentos sendo compartilhados e as decisões coletivas (BAREMBLITT, 2002).

A partir do MI derivam-se várias escolas, como as de Guillon de Albuquerque, Pichón-Rivière, Eugène Enriquez, Cornelius Castoriadis, Mendel, Lourau e Lapassade, Deleuze e Guattari, Barembritt, dentre outros.

Todavia, estarei nos próximos espaços reportando especificamente à Esquizoanálise, enquanto proposição de Deleuze¹³ e Guattari¹⁴, e ao Esquizodrama, produção desejante/delirante de Baremlitt¹⁵, correntes que utilizei como baliza, para fertilização das charnecas que dão vida a este estudo.

A Esquizoanálise

Uma das vertentes do Movimento Institucionalista, a Esquizoanálise é classificada por Baremlitt (2002, p. 125) como a “modalidade mais extremista do Institucionalismo”¹⁶, proposta de Gilles Deleuze e Félix Guattari, a partir das (des) construções apresentadas no livro *o Anti-Édipo* (1972). A Esquizoanálise “[...] consiste em introduzir o desejo na produção e a produção no desejo”; logo, trata-se de um desejo produtivo e uma produção ampla, desejante (BAREMBLITT, 2002, p. 58).

A Esquizoanálise surge como uma proposta difusa, aberta, formada por um conjunto de saberes e de fazeres, e uma infinidade de teorias, campos e autores, vindos de diversas fontes filosóficas, sociológicas, religiosas, políticas, jurídicas, artísticas, e também - principalmente - com a participação do saber popular (BAREMBLITT, 2004).

Trata-se de uma corrente diferente da Sociopsicanálise e da Análise Institucional, visto que para Deleuze e Guattari não existe, necessariamente, a prestação de serviços convencionais utilizada por essas correntes que possuem uma organização

¹³ Gilles Deleuze (1925-1995), filósofo francês e grande amigo de Michael Foucault. Escreveu várias obras, muitas delas junto com Félix Guattari, sendo a de maior destaque o *Antiédipo - Capitalismo e Esquizofrenia* -, ponto de partida para a nossa compreensão do que é a Esquizoanálise: rupturas éticas, estéticas, ecológicas, científicas e revolucionárias. Para Deleuze, “a filosofia é a criação de conceitos”, porém nunca se prendeu à transformação dos conceitos em verdades a serem reproduzidas.

¹⁴ Pierre-Félix Guattari (1930-1992), filósofo e revolucionário francês, conheceu Gilles Deleuze, e juntos escreveram várias obras: *o Anti-Édipo*, *Capitalismo e Esquizofrenia*, *O que é Filosofia?*. Inventor de vários conceitos como: esquizoanálise, transversalidade, ecosofia, caosmose, entre outros.

¹⁵ Gregorio Félix Baremlitt, psiquiatra e professor, nascido na Argentina. Ao se estabelecer no Brasil, fundou o Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições (Ibrapsi) e o Instituto Félix Guattari de Belo Horizonte. Alguns profissionais, inspirados em suas ideias, criaram em sua homenagem a Fundação Gregorio Baremlitt em Uberaba (MG) (BAREMBLITT, 2002).

¹⁶ Destaque nosso.

solicitante e uma organização solicitada, com profissionais experts, fazendo o que seria uma autogestão a frio¹⁷. Os pressupostos da Esquizoanálise se aproximam mais do anarquismo; por isso, ela “[...] pode ser feita por qualquer pessoa e em qualquer lugar, [...] é uma nova forma de pensar, um modo de ser, ou uma maneira de viver” (BAREMBLITT, 2002, p. 84).

A Esquizoanálise pode ser indicada ao indivíduo ou coletivos, não necessitando de lugar e tempo determinado, podendo ser feita por um sujeito sobre si mesmo. No entanto, o ato de se esquizoanalisar implica ao sujeito reflexão e compreensão de como as determinações alienantes e dominantes estão influenciando nas atividades afetivas, sentimentais, econômicas, políticas e na relação com o outro e consigo mesmo. A Esquizoanálise não possui técnica nem metodologia própria, mas princípios teóricos que permitem a criação de metodologias e técnicas singulares a cada caso ou situação. Por isso, Barembritt (2002, p. 84) a descreve como

[...] um processo de análise permanente, generalizado e ubíquo, presente por toda parte, em qualquer momento, e protagonizado por qualquer pessoa que tenha, naturalmente, interiorizados os princípios teóricos desta concepção [...] não implica [...] uma relação de contratação. Não é, indispensavelmente, desempenhada por experts nem por profissionais.

Como uma práxis de produção de saberes e fazeres, a Esquizoanálise propõe compreender e intervir no funcionamento da realidade e da realteridade¹⁸, visando à mutação da primeira pela atualização da segunda (AMORIM, 2008).

Sobre a tentativa de enquadramento epistemológico, a Esquizoanálise poderia ser considerada uma ciência ou uma filosofia? Na avaliação de Barembritt (2002), qualquer tentativa de enquadrá-la mostra-se ineficaz, visto que a Esquizoanálise

[...] é um entendimento do mundo, da história, da vida, do psiquismo, que pretende ser um novo gênero, não enquadrável nem como uma ciência, nem como ideologia, mas, na versão dos autores, como uma proposta radicalmente nova, que não é redutível a nenhum dos gêneros de saber anteriores”.

¹⁷ Autogestão a frio entendida como uma intervenção realizada “a frio”, ou seja, quando esta é praticada em uma organização circunscrita, com conflitos mais ou menos moderados (BAREMBLITT, 2002).

¹⁸ Realteridade - Trata-se de um termo criado por Barembritt; é uma realidade imperceptível e impensada, virtual, ou seja, “uma realidade não acessível diretamente, a não ser a um pensamento, conhecimento, vontade, intuição, etc, produzidos ad hoc. Na Realteridade o tempo vigente é o Aión [...]” (BAREMBLITT, 2009?c, p. 3).

Vislumbrando no indivíduo o desejo como uma potência, não sendo restitutivo, mas revolucionário e produtivo, a Esquizoanálise não é uma produção mecânica social ou natural, mas uma produção desejante, de criação do novo, e que não se interessa em decifrar o desejo. Para a Esquizoanálise o importante é “[...] liberar, propiciar, deflagrar a potência da produção, do desejo e da diferença” (BAREMBLITT, 2002, p. 86). “Esse desejo atua em todo e qualquer âmbito do real [...] ignora a lei e não precisa ser simbolizado porque se processa sempre de forma inconsciente. Não tende à morte porque constitui a essência da vida como inconsciente” (BAREMBLITT, 2002, p. 144).

A realidade, para Deleuze e Guattari, é formada pelo conjunto de elementos ligados entre si, como um tecido, com história, emoções, afetos, sentimentos e subjetividades. É como se fosse “[...] uma superfície ‘denominada’, conhecida, familiar, unívoca, plana e monofônica que são próprias dos planos molares” (FORTUNA, 2003, p. 24), formada por linhas, linhas de várias naturezas, como as de segmentaridade dura (plano molar) (DELEUZE; PARNET, 1998). As linhas de segmentaridade mais flexível (plano molecular) “fazem pequenos desvios, delineam quedas ou impulsos, são como quanta de energia que precipitam” podendo se fundir e até se sobrepor às linhas de segmentaridade dura (FORTUNA, 2003, p. 23).

Os indivíduos ou grupos são atravessados por verdadeiras linhas, formando corpos cartográficos, criando seus territórios próprios, a partir de seus devires. Algumas linhas precisam ser inventadas, surgem ao acaso, e também existem as linhas de fuga, que são fissuras que vão para o imprevisível, já que elas possibilitam a territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Todas essas linhas estão em constante entrelaçamento, como em um rizoma, não parando de se misturar (FORTUNA, 2003; DELEUZE; GUATTARI, 1996; DANTAS, 2002).

A cartografia pode estar apenas desenhada, com seus caminhos, curvas, oscilações, mas quando essas linhas, esses devires ali presentes, são analisados, torna-se uma “*esquizoanálise*” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 48, grifo do autor). Guattari assegura que “*é através da cartografia das formações subjetivas que podemos esperar nos distinguir dos investimentos libidinais dominantes*” (ROLNIK; GUATTARI, 2008, p. 157, grifo do autor).

O mapa - registro do processo cartográfico - é um constante rizoma, por ser aberto, desmontável, suscetível a modificações constantes, podendo ser adaptado, rasgado, revestido; é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, construído como uma ação política, ou com diversas ações (DELEUZE; GUATTARI, 1995). É um território, local em constante movimento, onde estamos sempre saindo e entrando, ou seja, desterritorializando e reterritorializando ao mesmo tempo.

Desterritorializar no sentido de quebrar com a realidade conhecida, raspando os conceitos e referências instituídos, e territorializar como um conjunto de referências instituídas (FORTUNA, 2003; DELEUZE, 1998).

Esses processos de diferenciação estão em constante movimento, chamado de revolução molecular. Vivemos num mundo feito de planos - molar e molecular. O molar se restringe ao macro, ao grande, ao evidente, ao enunciável, lugar da reprodução. O plano molecular é o micro, lugar da produção, do aleatório, do imprevisível (BAREMBLITT, 2002; FORTUNA, 2003).

Barembritt (2002, p. 40) afirma que nesses campos molar e molecular

[...] não existe separação radical entre a vida econômica, vida política, vida do desejo inconsciente, vida biológica e natural. O que existe são imanências – isto é, a inerência, a posição intrínseca de cada um destes campos em relação aos outros, que só se podem separar de uma maneira artificial para a finalidade de seu estudo.

Os indivíduos, as pessoas estão em constante construção de territórios, com suas linhas que se entrecruzam, dando sentido à existência, no plano molar e molecular, de um processo que “[...] não implica uma avaliação na qual o molecular seria o bom e o molar, o mau. Os problemas se colocam sempre e ao mesmo tempo nos dois níveis” (ROLNIK; GUATTARI, 2008, p. 156).

O convencional é o modelismo criado pelas sociedades modernas, capitalistas, “[...] indivíduos reduzidos a nada mais do que engrenagens concentradas sobre o valor de seus atos” (ROLNIK; GUATTARI, 2008, p. 48), apropriando-se de suas subjetividades e controlando-os como máquinas seriadas, produzindo modos de vida e até ações inconscientes, ou seja, o modo como se ama, como se transa, como se fala, até como se pensa (ROLNIK; GUATTARI, 2008).

As revoluções moleculares são processos de diferenciação desse indivíduo, dessa sociedade de subjetividade seriada. São processos de resistência para produzir modos de subjetivação originais e singulares, perpassando por todos os níveis: infrapessoal (suas criações, seus sonhos), pessoal (suas relações de autodominação) e interpessoal (relação do indivíduo com o outro e com a sociedade) (ROLNIK; GUATTARI, 2008).

O Corpo sem Órgãos (CsO) vem romper, quebrar esta realidade posta, rigorosa, totalizável; é o que resta quando tudo foi retirado. O CsO é composto de matérias não formadas e energias ainda não vetorizadas como forças, é o grau zero de intensidades. E o que se retira é justamente o fantasma, o conjunto de significâncias e subjetivações (BAREMBLITT, 2002; BAREMBLITT, 2009a; DELEUZE; GUATTARI, 1996).

O CsO não é contrário aos órgãos, e sim à sua organização, que é conhecida como organismo; é onde tudo se traça e foge ao mesmo tempo (DELEUZE; GUATTARI, 1996; DANTAS, 2002). Deleuze e Guattari (1996, p. 9) afirmam que ao CsO

[...] não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite. [...] É sobre ele que dormimos, velamos, que lutamos, lutamos e somos vencidos, que procuramos nosso lugar, que descobrimos nossas felicidades inauditas e nossas quedas fabulosas, que penetramos e somos penetrados, que amamos.

A noção de CsO foi cunhada por Deleuze e Guattari, a partir de Antonin Artaud. “No dia 28 de novembro de 1947, Artaud declara guerra aos órgãos: “[...] se quiserem, podem meter-me numa camisa de força, mas não existe coisa mais inútil que um órgão. Quando tiverem conseguido um corpo sem órgãos então o terão libertado dos seus automatismos e devolvido sua verdadeira liberdade” (ARTAUD, 1983a, p. 161). Sobre o CsO, assume-se que ele é contra a noção de um corpo com órgãos sistematizados, a serviço da moral e do utilitarismo. O CsO é o próprio anti-édipo, que penetramos e somos penetrados, que amamos (BAREMBLITT, 2009a; DANTAS, 2002; DELEUZE; GUATTARI, 1996).

Teixeira (2003, p. 44) afirma que, para assumir um CsO, deve-se ter cautela, pois

[...] tudo isso é muito arriscado e é realmente preciso muita prudência para se fazer um CsO. A rigor, jamais se chega completamente a um CsO, pois ele é um limite. É preciso saber disso para se ter alguma chance de saber

fazê-lo: o CsO deve ser uma desterritorialização relativa; para fazê-lo é preciso “ter sempre um pedaço de nova terra [...]”.

O CsO é desejo, ocupado por intensidades, e essas passam e circulam, num campo imanente do desejo, desejo esse entendido como processo de produção, preenchido por prazer. Ele é feito de platôs, que se comunicam consistentemente, sendo um componente de passagem (DELEUZE; GUATTARI, 1996; BAREMBLITT, 2009a).

Para Deleuze e Guattari (1996, p. 26, grifo do autor) “[...] o corpo sem órgãos nunca é o seu, o meu [...] é sempre *um* corpo. Ele não é mais projetivo do que regressivo. É uma involução, mas uma involução criativa e sempre contemporânea”.

Portanto, a Esquizoanálise é uma máquina, com vários elementos integrantes de conjuntos de sequências, de conexões, protagonista de

[...] uma prática micropolítica que só toma sentido em relação a um gigantesco rizoma de revoluções moleculares, proliferando a partir de uma multidão de devires mutantes: devir mulher, devir criança, devir velho, devir animal, planta, cosmos, devir invisível [...] tantas maneiras de inventar, de “maquinar” novas sensibilidades, novas inteligências da existência, uma nova doçura (GUATTARI, 1977, p. 139).

A idéia de rizoma, termo tomado de empréstimo da botânica por Félix Guattari, conteúdo presente em sua formação básica – um estudante do curso de Farmácia. Na botânica, rizomas são “os sistemas de caules subterrâneos de plantas duradouras e flexíveis que dão brotos e raízes adventícias em sua parte inferior” (GUATTARI; ROLNIK, 2007, p. 388). Todavia, os animais também são seres rizomáticos, como os ratos quando deslizam uns sobre os outros. Assim posto, nesta leitura ampliada “há o melhor e o pior no rizoma: a batata e a grama, a erva daninha. Animal e planta, a grama é o capim pé-de-galinha [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 14).

O rizoma possui como principal característica a capacidade de conexão e heterogeneidade: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo de tal forma que, quando rompido, quebrado em qualquer lugar, retoma a partir de uma ou outra de suas linhas. Essas linhas estratificam o rizoma, territorializam, organizam, simplificam, mas também desterritorializam, e por elas ele foge sem parar (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Outra característica importante do rizoma é ter sempre múltiplas entradas, permitindo movimentos contínuos de desterritorialização e reterritorialização, fazendo uma produção permanente de subjetividade (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

A Esquizoanálise é uma proposta de produção de um devir, deflagradora de novas invenções para produzir novos sentidos e modos de existir e de atuar, entendendo o devir como um termo relativo ao desejo, ao afeto (DELEUZE; GUATTARI, 1997a). Para Guattari e Rolnik (2007, p. 382) é relativo “à economia do desejo. [...] os fluxos de desejo procedem por afetos e devires, independentemente do fato de que possam ser ou não rebatidos sobre pessoas, sobre imagens, sobre identificações”.

Um indivíduo pode passar e muitas vezes assumir vários devires: um devir-animal, um devir-flor, um devir-criança, um devir-mulher, um devir-homem, um devir-molecular, etc., assumindo certas relações subjetivas, do ponto de vista de uma imaginação coletiva, ou do ponto de vista de um entendimento social (DELEUZE; GUATTARI, 1997a).

Ao assumir seu devir, ao indivíduo ocorre um aspecto progressão-regressão, transformador possível da libido (metamorfose), podendo manifestar sequências femininas ou masculinas, infantis, animais, vegetais, ou até elementares, moleculares. O devir opera efeitos sobre a personalidade, mas não altera sua identidade básica, a qual provê o sentido de totalidade e autonomia (DELEUZE; GUATTARI, 1997a).

Esse devir, uma verdadeira metamorfose,

[...] não é certamente imitar, nem identificar-se; nem regredir-progredir; nem corresponder, instaurar relações correspondentes; nem produzir, produzir uma filiação, produzir por filiação. Devir é um verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, ele não nos conduz a "parecer", nem "ser", nem "equivaler", nem "produzir" (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 16).

A Esquizoanálise pode ser praticada em qualquer campo da realidade, pois, como uma nova terra, nos permite realizar um processo que, em vez de travar, propicia espaços de irrupção do novo.

O Esquizodrama

O Esquizodrama foi criado por Gregorio F. Baremlitt e colaboradores, há mais de quarenta anos, baseado principalmente nas ideias de Deleuze e Guattari, utilizando-se como paradigma a ética, a política, a estética e a tecnologia (AMORIM, 2008; BAREMBLITT, 2009b). Trata-se de [...] raspagem, transformação e, finalmente, metamorfose e mutação de todos e de cada um dos elementos, estruturas, parâmetros, papéis e funções antes descritos (BAREMBLITT, 2009c, p. 10).

A ideia de utilizar o “teatro espontâneo” como uma forma de trabalhar pontos em comum, como os conflitos, foi pensada desde 1920 por Antonin Artaud, com a finalidade de romper as ideias de evolução e hierarquia. A ação dramática possibilitava o reconhecimento e a identificação do outro, através de sua subjetividade, fazendo o encontro do homem consigo mesmo, diante da angústia que é a sua humanidade (PINTO, 2002).

Artaud (1896-1948) não tinha pretensões político-partidárias. Ele propunha uma revolução social, através do teatro, por reconhecer um indivíduo e uma sociedade confusa e fragmentada. Por isso, acreditava que, para ocorrer a mudança, devia-se investir na cultura, partindo pelo teatro, fazendo transformações profundas na forma de a sociedade viver suas relações, não como indivíduos isolados, mas como um ser integrado ao social. Com o teatro, Artaud pretendia transformar a consciência do espectador, sensorial e espiritualmente, mas para ele o teatro não podia ter uma linguagem fixa, devendo ser flexível para que atingisse o espírito (SCHEFFLER, 2003).

O Esquizodrama utilizou como pressupostos os ideários da Esquizoanálise de Deleuze e Guattari e a filosofia de Antonin Artaud, além de outras fontes como a literatura, a poesia, a música, o cinema, etc. É um procedimento utilizado para fins terapêuticos, educacionais, artísticos, políticos... (AMORIM, 2008; BAREMBLITT, 2009b).

O Esquizodrama tem como princípio a afirmação dos processos de criação como fonte de vida, engendrando qualidades de ser e de existir inéditas, jamais pensadas,

sentidas, percebidas ou imaginadas, sendo verdadeiras linhas de fuga e individuações (AMORIM, 2008).

Ele é utilizado como mecanismo para o indivíduo acessar sua realidade virtual, sua expressão, sua subjetividade, através da dramatização individual ou coletiva. Os dispositivos que o Esquizodrama trabalha são as clínicas, por referência a *clinamen*, palavra grega que significa desvio e invenção, através da dramatização (encenações) com a finalidade de realizar tarefas negativas e positivas da vida social, cultural, biológica, econômica, etc. (BAREMBLITT, 2009b).

As aplicações do Esquizodrama não se limitam ao(s) indivíduo(s), mas também a todo tipo de grupo ou organização. Assim posto, o Esquizodrama é

[...] um procedimento que pode ser utilizado em todo tipo de organização, estabelecimentos, grupos e também com indivíduos, com finalidades terapêuticas, pedagógicas e organizativas, consubstanciadas em um propósito inventivo (BAREMBLITT, 2009b, p. 1).

Os objetivos do Esquizodrama, descritos por Barembritt (2003, p. 1), são:

- atuar sobre os aspectos físicos, químicos, biológicos, etológicos, sociais, econômicos, políticos, semióticos, subjetivos e tecnológicos de seus dispositivos de intervenção para tentar [...] decodificar, desestratificar e desterritorializar seus agenciamentos coletivos de enunciação e seus agenciamentos maquínicos de corpos, propiciando a eclosão de um espaço liso, caosmótico, que gere condições para a emissão de linhas de fuga, quantas, vibrações e outros enementos (neologismo proveniente de $n = \text{infinito}$) inventivos, mutativos;
- favorecer a atualização do inconsciente maquínico produtivo desejante e das máquinas abstratas, propiciando a ativação de seus diagramas de forças, através dos funcionamentos acontecimentos por variação contínua, devires, heterogêneses, transversalidades e autopoiesis; a partir dessas efetuações, favorecer devires de “novos regimes de signos, novas territorializações rizomáticas, novos estilos de vida produtivo-revolucionário-desejante, novas utopias ativas, uma nova terra.

O Esquizodrama é uma proposta ético-política autogestiva, que utiliza como dispositivo as clínicas rizomáticas e proliferativas, fazendo com que os participantes

tenham uma performance, além de sua identidade molar, com produção desejante e revolucionária, formada por multiplicidades (AMORIM, 2008).

Baremlitt (2003) propõe vários tipos de clínicas, que considera elementares ou de passagem; que elas:

- clínica da produção de produção, de reprodução e de antiprodução;
- clínica do caos, caosmos, cosmos;
- clínica da diferença/repetição;
- clínica do acontecimento/devir;
- clínica da multiplicação dramática.

O importante nessas clínicas é sempre manter a ética, proposta tanto pela Esquizoanálise quanto pelo Esquizodrama, ou seja, uma ética coerente com as utopias ativas¹⁹ de quem participa, sendo elas coletivas, desejantes, libertárias, democráticas, logo, auto-analíticas e autogestivas (AMORIM, 2008).

Para a aplicação do Esquizodrama, não é necessário expert, contudo é importante a sensibilidade do esquizodramatista em perceber movimentos de antiprodução, para que possa desenvolver processos de produção desejante, libertária. Amorim (2008) acrescenta como etapa importante após, a esquizodramatização, a expressão do grupo sobre os perceptos e afetos experimentados, verbalmente ou através de outras formas expressivas, podendo ser ou não necessária alguma outra intervenção para a finalização da clínica eleita. A autora ainda recomenda que as dramatizações incluam todas as faculdades (percepção, sensibilidade, imaginação, desejo, vontade, entendimento, inteligência, pensamento), assim como a rusticidade, a gestualidade, os movimentos, os corpos e as ações.

Essas clínicas são grupos, encontros que possibilitam a desterritorialização e o desembaraçamento das linhas de produção. O grupo é formado por pessoas com histórias de vida particular, com momentos marcantes, e muitas vezes por fatos

¹⁹ Utopias são “[...] metas e objetivos mais altos e nobres [...] que orientam os processos produtivo-desejante-revolucionários dos movimentos e agenciamentos sociais em seus aspectos instituintes-organizantes. Essas metas não estão colocadas em um futuro remoto nem terminal [...]. Na Utopia Ativa há uma imanência entre fins e meios; o processo produtivo-desejante-revolucionário é seu próprio fim e meio em cada aqui e agora” (BAREMBLITT, 2002, p. 172-173).

semelhantes, mas a vivência de cada um é singular. Estar em grupo possibilita a produção de novas formas de estar no mundo, de novos agenciamentos²⁰. Permite ao indivíduo a possibilidade de criação e preserva sua autonomia (CAZELLI et al, 2007).

O grupo sujeito, protagônico, é aquele que constitui uma utopia ativa, construindo-se durante o processo e elaborando suas próprias leis. O grupo sujeito está em constante movimento de desterritorializar e reterritorializar (BAREMBLITT, 2002).

Em contraposição, o grupo sujeitado, alienado, não consegue cumprir com sua finalidade, não possui identidade própria, leis e regras, estando sempre sujeitado às regras impostas pela sociedade (BAREMBLITT, 2002).

Além das clínicas do Esquizodrama, existem vários métodos para a realização de um grupo, que são: Grupo Operativo de Pichón-Rivière; Transeanalysis de Lapassade; A vida afetiva nos grupos de Pagés; Ayaguasca y a Grupalidade de Álvares de Toledo; e a Multiplicação Dramática de Kesselman-Pavlovsky (BAREMBLITT, 2009d).

²⁰ Agenciamento ou dispositivo “[...] é uma montagem ou artifício produtor de inovações que gera acontecimentos e devires, atualiza virtualidades e inventa o novo radical. [...] geradores da diferença absoluta, produzem realidades alternativas e revolucionárias que transformam o horizonte considerado do real, do possível e do impossível” (BAREMBLITT, 2002, p. 135).

CHARNECA 2:

Depressão: registros de um discurso instituído

Depressão - transtorno mental grave é tida hoje como o mal do século.
Somos tristes.
E também morremos de tristeza, antes mesmo da ciência esclarecer
o quanto a depressão influi no adoecer físico.
O deprimido chega ao mundo psi
e com seu sofrimento mental clama auxílio.
[...] E somos tristes... Vivemos num mundo cinzento.
A humanidade anda triste.
(BICHUETTI, 2010a)

Os apontamentos apresentados nesta charneca dão conta dos discursos no campo da saúde sobre depressão: trata-se, portanto, de saberes científicos, hegemônicos e instituídos.

Tal charneca foi construída em atenção ao leitor que, não tendo formação específica em saúde, não tem compreensão do que possa ser o discurso instituído sobre a depressão.

Fica, no entanto, um alerta: as intervenções esquizoanalíticas e esquizodramáticas não consideram em momento algum os rótulos clínicos - depressão, por exemplo, - aos quais as pessoas geralmente são submetidas.

A **depressão**²¹ é considerada como um problema de saúde pública, devido a sua alta prevalência na população e aos custos sociais que gera, principalmente por incapacidade funcional (BALHS, 2002; FUREGATO; SANTOS; SILVA, 2008; SILVA; FUREGATO; COSTA JÚNIOR, 2003; GUMARÃES; CALDAS, 2006).

Estudo realizado nos Estados Unidos mostrou que a depressão, mesmo que comparada com a guerra, o câncer e a AIDS juntos, é a maior causadora de dias úteis de vida perdidos na população (MARAGNO et al, 2006; ZAVASCHI, 2002).

A prevalência da depressão na população varia segundo a faixa etária e o sexo, e estima-se que 13 a 20% da população em geral apresentem algum sintoma

²¹ Destaque nosso.

depressivo (WANNMACHER, 2004). Na literatura, não existe consenso sobre a prevalência da depressão em idosos (GUMARÃES; CALDAS, 2006).

Vários estudos epidemiológicos realizados nos Estados Unidos têm demonstrado que a prevalência de desenvolver depressão ao longo da vida é de 17,1% na população geral, acometendo principalmente as mulheres. O risco de desenvolver a depressão varia entre os sexos - 10% para o sexo masculino e 20% para o sexo feminino (ADEODATO et al, 2005; CRUZ; SIMÕES; FAISAL-CURY, 2005; MARAGNO et al, 2006).

A depressão é considerada como um transtorno mental comum, crônico, de episódio único ou recorrente, conhecida também como uma síndrome ou transtorno depressivo, transtorno do humor, distúrbio depressivo ou transtorno afetivo, apresentando alterações de humor, afetivas, cognitivas, psicomotoras e vegetativas (BAHLS, 2002; CANDIDO; FUREGATO, 2005; FLECK et al, 2003; SILVA; FUREGATO; COSTA JÚNIOR, 2003).

A depressão manifesta-se em ambos os sexos, em qualquer idade ou classe social, sendo mais frequente o surgimento na adolescência, no início da vida adulta e entre mulheres, estando em alguns casos relacionado às alterações hormonais (CRUZ; SIMÕES; FAISAL-CURY, 2005; FLECK et al, 2003; FUREGATO; SANTOS; SILVA, 2008; WANNMACHER, 2007).

Geralmente, a depressão é caracterizada por um conjunto de sintomas como tristeza, culpa, isolamento, baixa concentração, baixa auto-estima e alto risco de suicídio (FUREGATO; SANTOS; SILVA, 2008). Na maioria das vezes, estes sintomas são duradouros, persistentes, profundos e até inexplicáveis (CANDIDO; FUREGATO, 2005).

Um dos fatores que dificulta o diagnóstico da depressão é a grande amplitude de sintomas, pois o transtorno depressivo pode ir do quase normal ao patológico, podendo o indivíduo apresentar até idéias destrutivas (CANDIDO; FUREGATO, 2005).

Sobre o estado normal, Canguilhem (2002, p. 113, 211) afirma que

[...] um ser vivo é normal num determinado meio na medida que ele é a solução morfológica e funcional encontrada pela vida para responder às exigências do meio [...]. Portanto o normal é ao mesmo tempo, a extensão e a exibição da norma. [...] Uma norma, uma regra, é aquilo que serve para retificar, pôr de pé, endireitar. “Normar”, normalizar, é impor uma exigência a uma existência, a um dado, cuja variedade e disparidade se apresentam, em relação à exigência, como um indeterminado hostil, mais ainda do que estranho.

O estado depressivo altera a subjetividade e a autonomia, a maneira como a pessoa se avalia e se percebe, distorcendo sua percepção sobre o mundo e as pessoas, causando incapacidade funcional e física, afetando suas atividades escolares, no trabalho e na sua vida pessoal, e, em algumas situações, pode aumentar a procura pelos serviços de saúde (ÁVILA; BOTTINO, 2006; CANDIDO; FUREGATO, 2005; FUREGATO; SANTOS; SILVA, 2008).

Na maioria das vezes, por não entender seu modo de subjetivação, as pessoas deprimidas não procuram os serviços de saúde. Isto se deve aos próprios sintomas da doença, como, por exemplo, indecisão, insegurança, culpabilidade e falta de energia (OMS, 2002; SILVA; FUREGATO; COSTA JÚNIOR, 2003; WANNMACHER, 2004).

Mesmo sendo um problema comum e tratável, geralmente a depressão não é identificada por muitos profissionais de saúde, principalmente da atenção básica e dos serviços de emergência, devido à falta de preparo dos profissionais para lidar com o portador de transtorno mental, ocasionando na maioria das vezes incapacidades ao indivíduo por falta de tratamento (CANDIDO; FUREGATO, 2005; GUMARÃES; CALDAS, 2006; WANNMACHER, 2007).

A Organização Mundial da Saúde (2002) identificou alguns fatores responsáveis pela dificuldade dos profissionais de saúde em diagnosticar a depressão; são eles: a falta de conhecimento, a falta de destreza clínica, a limitação do tempo da escuta ao cliente, a falta de apoio especializado para a referência de pacientes com quadro clínico mais complexo.

A depressão pode ser classificada em vários tipos, de acordo com os sintomas apresentados. Dentre os diversos tipos de depressão, a depressão maior é a principal causa de incapacitação e a quarta principal causa de adoecimento no mundo.

A Organização Mundial da Saúde (2002) estima que até 2020 a depressão será a segunda principal causa de adoecimento da população mundial.

Diante das estimativas alarmantes, é importante o diagnóstico e tratamento precoce da depressão ainda nos serviços da atenção básica. Em torno de 50 a 60% dos pacientes com depressão, que procuram os serviços de atenção primária, não são diagnosticados, mostrando que a depressão é subdiagnosticada e subtratada, apesar de ser uma doença 70% prevenível, quando utilizado o tratamento correto (CANDIDO; FUREGATO, 2005; FLECK et al, 2003).

Alguns pacientes com depressão podem evoluir para casos graves como o suicídio, e Wannmacher (2004, p. 1) afirma que

[...] 80% das pessoas que cometem suicídio consultaram um clínico geral no mês que antecedeu as mortes, mostrando não reconhecimento dos problemas e, conseqüentemente, inadequado manejo.

Nas mulheres, a depressão pode ser multifatorial, e as principais causas são: a violência contra a mulher, a depressão pós-parto e o climatério (GUMARÃES; CALDAS, 2006; APPOLINÁRIO et al, 2001).

A depressão em mulheres vítimas de violência foi estudada por Adeodato et al (2005) e eles identificaram que 40% dessas mulheres apresentavam sintomas de depressão, dessas 61% tinham depressão moderada ou grave e 35% pensaram em suicidar-se. Além disso, observaram que os fatores que dificultaram essas mulheres a procurar ajuda foram a baixa auto-estima e apatia que surge após o ato de violência.

Nas mulheres, outro tipo de depressão muito presente é a pós-parto, que ocorre em 70% das mulheres gestantes que apresentam sintomas de depressão, objeto de grande preocupação aos estudiosos (NEPOMUCENO et al, 2005).

A depressão também está muito presente nas mulheres no período do climatério, observado por Nievas et al (2006), em seu estudo, que 56,6% delas apresentavam sintomas indicativos de depressão, e que esses sintomas aumentavam na faixa etária de 40 a 49 anos, em mulheres não brancas, e que haviam vivenciado o hábito de beber, óbito recente e/ou desemprego na família.

Uma das maneiras mais utilizadas para diagnóstico da depressão são as escalas de depressão que servem para avaliação do paciente, diagnóstico, acompanhamento e análise do plano terapêutico utilizado. Existem escalas de auto-avaliação, as aplicadas por observadores, avaliação global e avaliação mista (auto-avaliação e observador). Na aplicação dessas escalas utiliza-se a apreciação do paciente, de alguém que o conheça bem, ou de um profissional (CALIL; PIRES, 1998). A Escala de Depressão de Hamilton (HAM-D) é a mais utilizada para avaliação de sintomas depressivos, reconhecida internacionalmente (APPOLINÁRIO et al, 2001).

Além de diagnosticar a depressão, o profissional de saúde deve estar atento as causas ou fatores determinantes do transtorno depressivo, que surge diante determinados sofrimentos e sentimentos de perda, baixa auto-estima, estresse, violência doméstica, gestação, climatério, entre outros (ADEODATO et al, 2005; ARAÚJO et al, 2003; BAHLS, 2002; NIEVAS et al, 2006). Vários estudos têm investigado também as causas orgânicas da depressão na área da genética, biologia molecular, imaginologia, hormonais e metabólicas (FUREGATO; SANTOS; SILVA, 2008).

O tratamento do transtorno depressivo tem por objetivo eliminar os sintomas, recuperar a capacidade funcional, social e cognitiva do indivíduo e impedir sua recaída (WANNMACHER, 2004), utilizando-se medicamentos antidepressivos e terapias não-medicamentosas, como a psicoterapia, terapia cognitivo-comportamental, aconselhamento, exercício físico e terapia com luz (BORJA; GUERRA; CALIL, 2005; WANNMACHER, 2004).

O uso de medicamentos antidepressivos tem sido eficaz no tratamento agudo da depressão moderada e grave, com melhora e até supressão dos sintomas. Já as terapias não medicamentosas para a depressão como a psicoterapia cognitiva, a psicoterapia interpessoal, a psicoterapia de solução de problemas são efetivos nas depressões leves a moderadas (FLECK et al, 2003; WANNMACHER, 2004).

A associação da medicação antidepressiva com a psicoterapia cognitiva ou psicoterapia interpessoal melhora o resultado do tratamento em pacientes resistentes; e a utilização de entrevistas semanais no início do tratamento faz aumentar a adesão e os resultados do tratamento (FLECK et al, 2003).

Diante desta problemática, ou seja, uma doença prevalente e sub-diagnosticada, deve-se investir em constante melhoria dos serviços de atenção primária, com adoção de estratégias para melhorar as ações, bem como a educação permanente do clínico e do generalista, a melhoria do atendimento da enfermagem e a integração entre a atenção primária e secundária.

A falta de atenção dos profissionais de saúde da atenção básica aos problemas emocionais dos pacientes (SILVA; FUREGATO; COSTA JÚNIOR, 2003), pode ser reforçado pelo estudo de Candido e Furegato (2005, p. 11) que concluíram que

[...] os profissionais de enfermagem, nos diferentes níveis de atenção, não estão preparados para identificar e cuidar das pessoas que apresentam transtornos depressivos, [...] é urgente que a equipe de saúde desenvolva ações de identificação e intervenção voltadas ao portador de transtorno depressivo.

A implantação de equipes de saúde mental de apoio matricial aos profissionais da atenção primária, com espaços para reflexão, momentos de auto-análise decorrente dos problemas relacionados ao cotidiano do trabalho e do atendimento aos portadores de transtornos mentais, possibilita melhoria no atendimento ao paciente que procura os serviços de saúde (FIGUEIREDO; CAMPOS, 2009).

O uso de grupos terapêuticos tem surtido efeito na saúde mental por ser produtor de novas realidades, possibilidade de “[...] novos agenciamentos com a vida, de novas formas de estar no mundo” (CAZELLI et al, 2007, p. 113). A promoção de atividades sociais em grupo com idosos deve ser adotado como política de governo, por fazê-los sentir-se úteis, prevenindo assim os episódios de depressão (RAMOS, 2007).

No desafio de oferecer novas abordagens terapêuticas no tratamento e controle da depressão é que a Esquizoanálise e o Esquizodrama se situam.

CHARNECA 3:

Onde queríamos chegar?

Este estudo buscou o alcance dos seguintes objetivos:

- agenciar espaços para emersão do processo de auto-análise e autogestão de um coletivo de mulheres atendidas em um grupo de saúde mental no município de Vila Velha;
- possibilitar a esse coletivo de mulheres proliferações produtivas e desejantes;
- criar a potência para o vivenciamento de devires nessas mulheres e;
- potencializar a proliferação de uma clínica desejante-inventivo-libertária, no campo da saúde mental/coletiva.

CHARNECA 4:

Sobre o “método” - a cartografia

Assim como o mundo tem uma geografia,
Também o homem interior tem sua geografia
E esta é uma coisa material
(ARTAUD, 1983b, p. 93).

Neste capítulo, serei uma cartógrafa, irei percorrer vários caminhos, construindo um mapa de idéias, de possibilidades, de vontades e de devires. Viajando por entre as linhas e palavras do texto, procurarei afetá-lo, pois já estou afetada. Mas, não tento descobrir, transformar e nem usurpar idéias, e sim mostrar como esses momentos foram vividos e especiais nas nossas vidas.

Como cartógrafa que serei, seguirei as recomendações de Rolnik (1987, p. 67). Para ela o cartógrafo é

[...] um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado. Está sempre buscando elementos para compor suas cartografias. Este é o critério de suas escolhas: descobrir que matérias de expressão, misturadas as quais outras, que composição de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender. Aliás, “entender” para o cartógrafo não tem nada a ver com explicar, muito menos com revelar.

A ousadia deste estudo se deve a várias rupturas que foram acontecendo, múltiplas viagens, de um modo produtivo e desejante.

Percorrendo o chão das charnecas, o novo e inesperado, vou buscar alcançar o devir-pesquisadora tal qual Laville e Dione (1999, p. 191) descrevem:

[...] cabe ao pesquisador imaginar e ajustar a técnica, os instrumentos que lhe permitirão delimitar o objeto de sua pesquisa, extrair deles a informação necessária à compreensão que ele quer ter para logo partilhá-la e contribuir assim para a construção dos saberes.

Na travessia deste estudo, optei pela abordagem qualitativa, por entender como Fortuna (2003, p. 62) que “[...] não há o que explicar, não há verdades a serem reveladas, tudo é provisório e movimento”.

A escolha por este método levou em consideração também as recomendações de Minayo (1992, p. 22) ao considerar que a referida abordagem responde a questões muito particulares e

[...] se preocupa nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis [...] aprofunda-se no mundo do significado das ações e relações humanas, um lado não captável de equações, médias e estatísticas.

Considere também os apontamentos de Günther (2006). Para o referido autor existem três situações básicas em que a pesquisa qualitativa é o melhor método para compreender o comportamento e os estados subjetivos do indivíduo: observar o comportamento em tempo real; criar situações artificiais e observar o comportamento; e perguntar às pessoas sobre o seu comportamento e as situações subjetivas.

Esta viagem é ousada, arriscada e muito animada. Então iremos prosseguir para conhecer o local do estudo.

Para atravessar linhas, fusos e meridianos distintos, uma verdadeira espécie de geografia que forma o cenário do estudo, uni forças, desejos, utopias, procedendo a um desregramento de todos os meus sentidos em busca do desconhecido, raspando, me despindo de pudores, medos e me entregando a esse momento. Foi assim o meu processo de aproximação com o cenário deste estudo.

No bairro Paul, do município de Vila Velha, um grupo. Trata-se de um grupo, que surgiu há mais de 4 anos, criado para suporte às mulheres depressivas que faziam acompanhamento psicoterapêutico na Unidade de Saúde de Paul. Hoje esse grupo, conhecido como “Alegria de Viver”, é formado por várias mulheres e um homem.

A Unidade de Saúde está localizada na Região Administrativa 3 do município de Vila Velha – Espírito Santo. O referido município, juntamente com os municípios de Vitória, Cariacica, Serra, Viana, Guarapari e Fundão, formam a Região Metropolitana da Grande Vitória.

A Região Administrativa 3 – Grande Santa Rita -, do município de Vila Velha, é constituída pelos bairros: Argolas, Aribiri, Ataíde, Atalaia, Garoto, Cavalieri, Chácara do Conde, Dom João Batista, Ilha da Conceição, Ilha das Flores, Paul, Pedra dos Búzios, Primeiro de Maio, Sagrada Família, Santa Rita, Vila Batista, Vila Dom João Batista, Vila Garrido e Zumbi dos Palmares.

A opção por esse cenário de estudo levou em consideração a minha aproximação com o município, por ter trabalhado durante 8 (oito) anos na gestão municipal, como Coordenadora da Estratégia Saúde da Família. No momento de pensar fazer minha dissertação de mestrado, abordar a questão da depressão entre usuárias de saúde do referido município se configurou como possibilidade de contribuir para a melhoria das ações locais de educação em saúde, principalmente na área da saúde mental.

A Assistência em Saúde Mental de Vila Velha foi implantada na Administração 2001-2004, instituindo o Programa de Saúde Mental, segundo as normas do Sistema Único de Saúde (SUS). A Política Municipal de Saúde Mental em Vila Velha foi construída respeitando-se as diretrizes da Reforma Psiquiátrica Brasileira, a III Conferência Nacional de Saúde Mental, as Leis Federal e Estadual de Saúde Mental e Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

A organização da rede de serviços em saúde mental de Vila Velha foi elaborada baseada no princípio da descentralização para a atenção básica, estando esta articulada com o CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) e demais serviços especializados em saúde mental, que garantam os direitos de cidadania e o controle social.

O município de Vila Velha é dividido administrativamente em 05 regiões territoriais. O Programa de Saúde Mental foi implantado em cinco Unidades Básicas de Saúde, com equipes especializadas de referência, contemplando as cinco Regiões Administrativas. Nessa proposta inicial, a equipe especializada é composta por psicólogo, assistente social e psiquiatra. Com o crescimento e aumento da demanda de usuários pelo serviço, houve necessidade de incorporar novos protagonistas de saúde à equipe. Por essa ocasião, o programa de saúde mental foi ampliado, de tal forma que essa atenção fosse oferecida a um maior número de pessoas. Foi proposta a incorporação de outras especialidades à equipe, aumentando a

resolubilidade das ações, e, diante também desta necessidade, a região três possui duas equipes de saúde mental.

A Secretaria Municipal de Saúde de Vila Velha elaborou a proposta de organização da rede de atenção em saúde mental para atender às pessoas que necessitam de cuidados em saúde mental, o que corresponde a aproximadamente 11.340 pessoas (ano 2008) com necessidade de acompanhamento contínuo e persistente, por apresentar transtornos mentais severos (3% da população); 22.680 pessoas com transtornos decorrentes do uso de álcool e outras drogas (6% da população) e 45.360 pessoas que necessitam de atendimento de saúde mental por outras causas, seja contínuo ou eventual (12% da população). Esses dados são baseados em percentuais estimados pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2003).

A Unidade de Saúde de Paul é referência em Saúde Mental e conta com uma equipe de saúde implantada desde 2004. É uma Unidade Básica de Saúde que possui, além dos serviços inerentes à atenção básica, o programa de saúde mental e o programa de saúde do idoso.

Há cerca de cinco anos essa Unidade de Saúde possui equipe de saúde mental com Médico Psiquiatra, Psicólogo, Assistente Social, Farmacêutico e Atendente. Foi uma das Unidades de Saúde pioneiras na implantação do serviço de saúde mental no município, e este fato foi um dos motivadores para a escolha desse local para o desenvolvimento deste estudo. Além disso, contava com equipe completa e com corpo técnico bem estruturado e articulado.

Quanto à seleção dos sujeitos que participaram deste estudo, quero aqui deixar bem claro que não houve exclusão, somente inclusão de pessoas, de sujeitos, de indivíduos que já faziam parte do grupo de depressão, a partir de agora denominado “Alegria de Viver”. Antes um grupo de mulheres com depressão, agora um grupo de mulheres com a potência de viver com alegria.

Tratou-se de um estudo que integra, que agrega, que une - contrário à exclusão. Nesse grupo os participantes tiveram liberdade, foram autônomos para decidir o momento em que entravam e saíam, conforme seu desejo. A única prerrogativa era fazer parte do grupo “Alegria de Viver”. Então, nas quatro fases em que se deu a coleta do material que subsidiou este estudo, o grupo teve mais gente, menos gente,

ao sabor do desejo do querer ou do não querer estar numa daquelas tardes fazendo parto do grupo “Alegria de Viver”.

O que importava não era incluir ou excluir sujeitos, e sim entender os modos de subjetivação e proporcionar devires a esses indivíduos, por entender que a Esquizoanálise “se interessa pelas diferenças na medida em que o ser das diferenças é a própria produção do novo absoluto e revolucionário” (BAREMBLITT, 2009b, tradução nossa).

Antes da produção do material, surgiram questões bastante intrigantes que deveriam ser respondidas: Como adentrar um grupo fechado, constituído por pessoas depressivas? Como trazer à tona os não-ditos, os segredos de cada um dos sujeitos do grupo? Não tinha remédio para tal; a saída foi metamorfosear-me em rato.

Deveria penetrar como um “rato”²², nesse grupo formado por sujeitos, com vários caminhos, linhas e devires. O meu desejo era potencializar nessas mulheres, e no homem também, fluxos desejantes.

Nessa construção, no processo de pesquisar/intervir em um grupo, Pereira e Penzim (2007, p. 167) observam que o

[...] grupo não é uma estrutura homogênea e totalizada, mas um território onde se pode dar a produção do novo, do inesperado, do inventivo. [...] que se re-aproprie de seu próprio poder e saber, visando à instalação de um processo coletivo de auto-análise, que resulte na autogestão.

Os aspectos éticos foram adotados, sendo o projeto submetido à Secretaria Municipal de Saúde de Vila Velha, que, após anuência, tramitou pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da UFES, sendo aprovado sob registro nº 085/09 (ANEXO A). Os participantes investigados assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (ANEXO B) e o termo de autorização para publicação das imagens iconográficas (ANEXO C).

A apreensão do material deu-se utilizando múltiplos dispositivos, a saber: dramatização, representação pictográfica, filmagem e fotografia.

²² Trata-se de uma referência a Deleuze e Guattari (1995), que na obra Mil Platôs, denominam os ratos como rizomáticos, quando eles deslizam uns sobre os outros: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a outro, não se conseguindo identificar onde se inicia e onde termina.

As sessões esquizodramáticas foram filmadas e transcritas, e delas retirados fragmentos de discursos e cenas vivenciadas pelos sujeitos. Tudo isso possibilitou compreender a multiplicidade do grupo.

Como uma pesquisa/intervenção, as sessões esquizodramáticas foram construídas sob o signo de uma produção desejante, libertária e revolucionária, antípoda à ideia de reprodução, pois

por *produção*, deve-se entender aqui a geração do novo enquanto serve à invenção da vida, cada vez mais diferente, forte, bela, sã etc. Por *reprodução*, compreendemos o que tende a ser igual, idêntico a si mesmo, podendo entorpecer e parasitar os processos produtivos. Como *antiprodução*, concebemos aquilo que destrói, não como operação de produção, mas como eliminação de seu andamento e de suas realizações (BAREMBLITT, 2009c, p. 14, grifo do autor).

As bricolagens são frases dos sujeitos e também de autores e poetas. Essas frases foram utilizadas para compor o texto, tentando dar suavidade a um tema sombrio.

Foram realizadas quatro sessões esquizodramáticas que aconteceram às terças-feiras, quinzenalmente, com duração de duas horas e trinta minutos, no período da tarde. O espaço instituído foi o auditório da Igreja Católica do bairro, pois a Unidade de Saúde não possuía espaço que proporcionasse conforto para a realização das sessões.

A média de participantes por encontro foi de seis pessoas. Cinco participaram de todos os encontros, um participou de três encontros, dois participaram de dois encontros e um participou de apenas um encontro, o último.

Os participantes foram identificados por pseudônimos, nomes de flor, que emergiram em uma das sessões esquizodramáticas, em um devir-flor.

Embora houvesse um planejamento de como se daria cada sessão, a (des) ordem é que deu o tom de cada um daqueles encontros: novos dispositivos iam surgindo ao acaso; nada era cristalizado, tudo era espaço de reinvenção. Um simples lanche tinha potência para transformar-se num piquenique.

CHARNECA 5:

Costurando a minha aproximação com o grupo!

Agora, eu me encapulo o máximo possível. Por quê?
 Quero ser poeta e trabalho para tornar-me vidente:
 Você não compreenderá nada e eu quase que não saberia explicá-lo.
 Trata-se de chegar ao desconhecido através do desregramento de todos os sentidos.
 Os sofrimentos são enormes, mas é preciso ser forte, ter nascido poeta,
 e eu me reconheci poeta. Não é de modo algum culpa minha.
 É errado dizer: Eu penso: dever-se-ia dizer: sou pensado.
 — Perdão pelo jogo de palavras.
Eu é um outro. [...]
 (RIMBAUD, 1871, grifo do autor)

Deleuze e Guattari (1997b) dizem que nossa existência é uma espécie de geografia: todos nós somos corpos cartográficos. Eu sou um mapa. Todas aquelas mulheres (e o homem) do grupo “Alegria de Viver” também são mapas. Nas quatro sessões em que estivemos juntos, produtos do acaso nos permitiram inventar, traçar, cruzar linhas tão essenciais aos mapas. De uma viagem por essas geografias é que eu quero falar.

Esse grupo - assim me apresentaram ao grupo as duas psicólogas que o coordenam - nasceu com a marca estigmatizante de ser um “grupo de mulheres depressivas”. Tal marca, no entanto, pouco durou, pois esse coletivo de mulheres, insatisfeito com essa denominação, resolveu autoproclamar-se como grupo “Alegria de Viver”: um grupo de mulheres (a maioria idosas), criado para promover paixões; paixões alegres, já que suas vidas estavam repletas de tristezas. Em que ano nasceu esse grupo? Há três ou quatro anos atrás, nem mesmo minhas colegas psicólogas sabem precisar.

Trata-se de um grupo de mulheres muito singular; mensalmente, mulheres entram, mulheres saem, e nesse ir e vir o grupo já chegou a ter até doze integrantes; entre elas um homem, que chegou de mansinho, foi ficando, ficando e, nesse ficar, tornou-se parte desse grupo de mulheres.

Mas, afinal, quem são essas mulheres (e esse homem)? De onde vêm? Que histórias trazem para nos contar? De tão afetada que fiquei, senti imensa vontade de conhecer esse grupo tão singular. Foi então que parti ao seu encontro...

Era uma tarde de terça feira, mais precisamente dia treze de outubro de 2009. Tarde ensolarada, e lá fui eu para a Unidade de Saúde de Paul conhecer e me fazer conhecida pelo grupo “Alegria de Viver”. Nesse dia, elas estavam realizando uma oficina de confecção de flor para bijuterias. Reunião num espaço improvisado, um consultório desmantelado provisoriamente para aquele fim. Reunião acabada, eis que surge o consultório novamente como num passe de mágica. Espaço pequeno, onde o grupo se reúne mensalmente. Aconchego e acolhimento foram as sensações que experimentei nesse local: as pessoas próximas, conectadas; onde terminava uma começava outra - quase um rizoma -, máquinas-mulheres recebendo explicações técnicas sobre a artesanaria floral e metamorfoseando vieses coloridos em flores.

Flores de viés surgindo, de várias cores: azul, amarela, vermelha, rosa, verde, roxo..., iam enfiando a sala, umas flores maiores, outras menores, umas duplas, outras únicas. Um trabalho marcado pela repetição. Tomada por reflexões, mais tarde em casa, me pergunto: o que é viver? Viver é repetir fatos da vida como se fossem uma sucessão de flores de viés, todas iguais? Viver é negar o vivido como se flores de viés nunca pudessem ser repetidas? Ou será que viver, como bem nos ensina Deleuze²³, é abrir espaço para produções novas e desejantes?

Aproveitando o cansaço natural do grupo, pois fazer flor de viés é bom, mas chega uma hora que cansa, encontrei espaço para minha apresentação. Minha aproximação com o grupo, no entanto, não foi nada suave: olhares desconfiados, pouco receptivos, medo de que eu usurpasse o lugar das psicólogas?

O que se tramava naquele instante era uma rede de resistência; “[...] a função da rede é resistir e criar” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 112). Resistência estabelecida pelo poder instituído por eles e para eles, pois onde há poder há resistência

²³ Trata-se da obra “Diferença e Repetição”, de Gilles Deleuze (1988). A repetição do idêntico, do igual, do similar, do homólogo ou do equivalente, como uma reprodução do instituído, não resultando da repetição das diferenças dos processos de produção de reprodução e de antiprodução, atuantes tanto nas entidades e processos molares como nos moleculares.

(FOUCAULT, 1985). O laço afetivo estabelecido com as psicólogas fazia a desconfiança surgir. A intervenção das minhas colegas psicólogas naquele momento foi um oportuno convencer. Eu estava lá temporariamente apenas para somar, e no e... e... e..., elas, as psicólogas e eu:

Relações imperceptíveis com pessoas imperceptíveis é o que há de mais bonito no mundo. Todos nós somos moléculas. Uma molécula numa rede, uma rede molecular (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 112-113).

Dissipadas as desconfianças, eu me apresentei como enfermeira e aluna do Mestrado em Saúde Coletiva na UFES. Falei também do meu interesse em conhecê-las melhor e disso extrair minha dissertação de mestrado. Resguardadas todas as recomendações éticas, exprimi o meu desejo de estabelecer alguns encontros com as aquelas mulheres. Como contrato que se preza exige assinatura, partimos para o termo de consentimento livre e esclarecido, devidamente assinado por todas. Diferentemente do caminhar do grupo - mensal -, combinamos nossos encontros como quinzenais, as quatro próximas terças-feiras de suas vidas. Tudo acertado, entreguei a cada uma delas (e ao homem presente também) o convite para nosso primeiro encontro esquizodramático.



Figura 1 – Convite para encontro dia 27/10

De maneira surpreendente, nenhuma delas, tampouco o homem, - presente ao encontro, mas que naquele fazer flores, num canto da sala, esteve isolado o tempo todo -, se interessou em saber o que era um Esquizodrama.



CHARNECA-EM-FLORES 6:

Piqueniqueando

Quem canta os males espanta
(Ditado popular brasileiro).

Uma tarde de primavera com jeito de verão, 27 de outubro de 2009. Um calor escaldante. Cheguei mais cedo. Tinha que preparar o cenário; então, arrumei a mesa com toalha bordada, enfeitando-a com vasos de flores - violeta e Kalanchoe -, e algumas guloseimas: pãezinhos, biscoitos, patês, geléia, sucos e refrigerantes. As cadeiras foram posicionadas em formato de uma pequena roda.



Figura 2 – Mesa com guloseimas

Aguardar, eternos minutos. Estava eu a espera do grupo, que de repente adentrou o recinto, todos juntos, acompanhados de uma das psicólogas.

Duas da tarde, e nós reunidos no salão paroquial de uma Igreja na periferia de Vila Velha para o nosso primeiro encontro: seis mulheres, um homem, uma psicóloga (coordenadora do grupo) e eu – mais rato do que gente.

Minha colega psicóloga – de tão acolhedora que é – ficou o tempo todo entre muda e calada: palavras pra quê? Seus gestos sutis e sorriso acolhedor falavam mais do que palavras.

Sentados em roda ficamos, espaço previamente elaborado. Foi então que, mais uma vez, falei sobre minha pesquisa/intervenção, deixando-as à vontade para expressar seus sentimentos e devires; naquele espaço, tudo era permitido:

O espaço é nosso; aqui vocês podem fazer o que quiserem, fazer piruetas...
Estamos livres. Sintam-se totalmente à vontade para ir-se liberando...
Vamos colocar tudo para fora (PESQUISADORA).

De imediato, contei uma história, a da minha vida profissional e pessoal. Trabalho, filhos, marido, cachorros, ufa! Tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo... Aquele grupo era imprevisível, e o imprevisível causa medo, medo que me impulsionava adiante, com desejo de proporcionar momentos singulares para aquelas pessoas tão afáveis. Um trabalho de semeadura; mas semear o quê?

[...] Na alma, um espinho;
enquanto, semeio
pétalas de sonho no chão.
(BICHUETTI, 2010b)

Estar ali, naquele espaço do novo, elas – aquelas mulheres – eram potências desejantes. Viajavam ao encontro do desconhecido.

Como dismantelar essas máquinas duras e sem cintura e torná-las engenhocas mutantes²⁴?

Era chegado o momento de falarem sobre si mesmas. Falar da vida, sonhos, pensamentos, ilusões, desilusões, como cada uma ingressou no grupo... O silêncio reinou...

[...] o silêncio tem razões bastante complexas. Para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa a indiferença e a colaboração (POLLAK, 1989, p. 4).

Falar de si: será que é fácil?

²⁴ Engenhoca mutante é uma expressão utilizada por Fortuna (2003, p.13), como sinônimo de máquina desejante. Utilizou o termo para retratar uma equipe de saúde que está em constante produção, [...] onde ocorrem articulações de saberes e fazeres para a produção de cuidados diferentes para os usuários e para as famílias, pois suas necessidades são diferentes.



Figura 3 – Grupo “Alegria de Viver” em roda

Mas o silêncio tem uma dimensão inquietante. E, qualificando-se como falante, Margarida Branca falou:

Sou uma pessoa muito nervosa, e as pessoas percebem. Pedem para eu falar menos.

Em silêncio, todas atentamente ouviam Margarida Branca contar sua história, uma margarida a falar. Cabisbaixa, com olhar um tanto quanto entristecido, ia desabrochando: casada, dona de casa, mãe de um casal de filhos já adultos.

Margarida Branca orgulha-se de sua família; ainda hoje moram todos juntos, e se sente feliz pelo marido e filhos que tem. A ansiedade aflora em Margarida Branca, em seus gestos e na sua fala.

Um dos grandes motivos de sua infelicidade é saber-se rejeitada pelas pessoas, só por gostar de ser tão falante! Margarida Branca desabafa:

As pessoas não gostam de ficar perto de mim. Dizem que eu falo muito. E eu fico muito triste. Muitas vezes eu vou pro quarto, fico num canto, choro, e depois volto a ser eu mesma.

Margarida Branca é rotulada por um código da sociedade, sociedade essa instituída por uma entidade que promove processos de controle e captura – destruição e paralisação até mesmo no espaço do seu lar:

Quando meu marido senta para assistir televisão, para eu não atrapalhar ele, eu saio de perto.

Os macro modelos instituídos na sociedade afetam Margarida Branca, que, aflita e amiúde, culpabiliza-se, sentindo necessidade de aprender a se controlar e a falar mais baixo, a ser menos repetitiva.

Pertencente a uma identidade instituída - depressiva -, Margarida Branca afoga suas culpas em medicamentos antidepressivos, muitas vezes abrindo mão de outras

atividades, como o trabalho e atividade física. Com relação à aprendizagem de coisas simples da vida, trabalhos manuais, por exemplo, Margarida Branca sente-se limitada e com dificuldade:

Hoje o que eu faço é cuidar da casa; já tentei aprender a bordar [...] e nunca consegui [...] não sei combinar as cores [...] lavar, passar, cozinhar eu faço, mas as outras coisas eu não aprendo.

Totalmente instituída, no plano molar estava Margarida Branca, reproduzindo a regularidade da sua vida cheia de repetições. Não vislumbrava possibilidades, potências nem transformações.

As pessoas são movidas a sonhos, desejos e sentidos. O sonho de Margarida Branca se perdeu, o desejo naufragou, mesmo assim não deixou de ser feliz:

Meu sonho era ser professora, sonho que eu não realizei, mas eu sou feliz; a gente é que tem que se achar feliz, e não esperar por ninguém te fazer feliz [...] mas eu sou feliz, porque tenho Deus no coração.

Margarida Branca é poesia, é como se fosse o feminino desse personagem descrito nos versos de Paulo Cecílio (2010):

Fui muito rico.
Tive todos os sonhos.
Para ter pão,
paguei um sonho.
Para viver
paguei um sonho.
Para amar,
doei um sonho.
Para sonhar,
moí um sonho.
Para ser pai,
troquei de sonho.

Como conversa puxa conversa, Rosa Vermelha sente vontade de contar sua história, narrando momentos de sua vida, dificuldades e desafios que enfrentou, como se declama uma poesia, com momentos tristes e alegres, pois foi assim sua história de vida.

Rosa Vermelha representa sua cor, vermelha, cor da paixão, do sentimento, do desejo, recitado em suas palavras de superação.

Ela morou com sua família em cima da casa do sogro, situação que a azucrjava. Seu sogro, birrento, sempre reclamava:

Ele implicava por uma coisinha à toa. Eu não suportava ele.

Assim é Rosa Vermelha: viúva, não trabalha, estudou até a 5ª série, passa o dia cuidando da casa. Como uma flor solitária em um jardim, triste, abandonada e só, reconhece a falta de sentido na vida devido à perda do marido – um profundo vazio em seu peito:

Era um homem muito bom.

A fé, muito presente nessas pessoas, também em Rosa Vermelha, a movia para a superação de suas dificuldades; momentos de auto-análise, tentativas de autogestão. Rosa Vermelha exala sonhos e luta por eles:

Eu fui pedindo muito a Deus para largar aquela casa e ir para outro lugar, nem que fosse um barraco. E até que um dia eu consegui. Meu esposo tinha deixado um auxílio, e todo mês eu ia colocando um pouquinho na poupança. Íamos trabalhando, eu e os meninos, e juntando. E aí consegui comprar um terreno. Construimos uma casa, mais ou menos, mas fomos morar nela.

E a conversa continua, agora com Margarida Rosa; muito contente e comunicativa, inicia com alegria sua história, e não demora para que chuvas de lágrimas surjam. Com sotaque e orgulho declarado de ser nordestina, nascida no Ceará, veio em busca do mar por essas bandas, há 25 anos. Hoje está com 65 anos e estudou até o primário. Casada, teve onze filhos, e três ainda vivem com ela e o marido.

Com problemas de saúde, como hipertensão e artrose, tem a família como seu porto seguro, seu amparo, seu consolo:

Eu sempre gostei de família bem grande, todo mundo junto (MARGARIDA ROSA).

Sua história soava como um conto, tocada no sotaque típico de sua origem, jeito cantado de falar. De repente voltou no tempo. Voltou? Ou esse tempo é eterno presente na vida de Margarida Rosa?

Então, como uma flor a se despedaçar, Margarida Rosa pôs-se a chorar. Dizia ser feliz:

Até que meu filho morreu. Assassinado. Agora vai fazer 15 anos. Eu me sinto muito triste. Meu pai morreu com quase 90, minha mãe morreu com quase 90. Ele tinha 17 anos [...] Ele estudava, trabalhava, todo mundo gostava dele. [...] Depois disso, a minha vida nunca mais foi a mesma. Eu nunca consegui superar a perda do meu filho (MARGARIDA ROSA chora).

O sofrimento aí vivido por Margarida Rosa é o de “um presente que passa e um passado que se conserva” (PELBART, 2007, p. 38).

Margarida Rosa é como o José²⁵, aquele protagonista de O Sanatório, de Bruno Schulz, que vive uma relação de eterna presença com o seu pai, na qual os acontecimentos se sucedem independentemente da linearidade do tempo. Margarida Rosa vive a eterna presença de seu filho.

Depois da crueza do falar de Margarida Rosa, o silêncio toma conta de tudo.

Eis que surge o falar da Hortência, tranquila e sossegada, voz meiga e delicada, singela. Começou a tornar presente sua solidão. Gosta de ficar só, como uma flor perdida em um vasto e verde campo:

Eu moro só. A minha vida toda eu fui só.

Hortência, em sua solidão, até parece uma personagem saída de um poema de Clarice Lispector (1977):

Minha força está na solidão. Não tenho medo nem de chuvas tempestivas nem de grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite.

Como uma flor aprisionada numa eterna noite escura, Hortência tenta alcançar a luz da liberdade casando-se. Hortência aos 17 anos conheceu um rapaz e resolveu trocar alianças de compromisso. Amor? Não daquele que rasga o peito de dor:

²⁵ José é o personagem central do livro “O sanatório”, de autoria do escritor polonês Bruno Schulz (1892 – 1942). Embora seja autor de apenas dois livros, Lojas de Canela (1934) e O Sanatório (1937), mais uma pequena novela (Cometa), uma tradução de O Processo (Kafka) e um romance inacabado e perdido (Messias), Schulz (ucraniano por nascimento), até pouco tempo desconhecido fora da Polônia, é admirado pelo mundo afora, como um dos mais extraordinários escritores da primeira metade do século passado. Confinado em 1941 ao setor judeu da cidade de Drohobicz, durante a invasão alemã, sobreviveu algum tempo graças ao seu talento como desenhista, reconhecido por um oficial da Gestapo. Morreu a tiros, numa incursão fora do gueto, por um desafeto desse oficial (SCHULZ, 1994).

Casei mais para sair dessa vida. Ele (o marido) entornava todas. E eu, naquele sofrimento, sofrendo. Aí eu pensei: vou largar este homem, porque eu não aguento mais sofrer. Aí eu larguei. Fui vivendo só.

Hoje, com 62 anos, Hortência lembra que sofreu muito quando casada: o marido era alcoolista, e sua relação foi marcada por agressão física e verbal.

A fragilidade de Hortência no casamento era apenas aparente: como uma flor agreste, foi capaz de fazer rupturas e, a partir daí, sempre encarou a vida como um desafio, mas estava sempre só. Para tornar-se livre, Hortência precisou torna-se só:

A liberdade é a possibilidade do isolamento. Se te é impossível viver só, nasceste escravo (PESSOA, 1912).

Hortência teve um casal de filhos, mas somente a filha permanece viva. Demonstra grande preocupação com a filha, por ela estar revivendo momentos da vida da mãe – a violência no casamento. Hortência é repleta de sentimentos: solidão, medo, angústia, tristeza, insônia e ansiedade. Tem muito medo de ficar na rua até tarde. Vive muito sozinha:

Tem pessoas que falam que não gostam de ficar sozinha, e eu já me sinto bem ficando em minha casa sozinha. Gosto de ficar na minha casa sozinha. Mas eu sou feliz assim, ficando sozinha. Não gosto de ficar saindo na rua.

Hortência parece saída de um poema de Jorge Bichueti (2010a):

E somos tristes... Vivemos num mundo cinzento.
A humanidade anda triste.
Encarceramos nossas vidas, entre quatro paredes; mas somos globais.
Seres globais, existimos isolando-nos.
[...] O homem sofre. Angustia-se. Vive com medo. Medo da violência, medo de se dar, de amar... Medo do desemprego, das dívidas, medo de já não conseguir custear a própria vida.

No continuar de nossa conversa, agora era a vez de Flor da Noite falar. Tímida, analfabeta, fala embolada como um novelo de lã. Flor da Noite tem 42 anos, é casada e tem duas filhas.

Flor da Noite é como a noite, com períodos de escuridão; são os episódios em que tem perda da consciência, e nesses momentos fica muito agitada, com crises de choro:

Tem vez que tudo se apaga, a memória fica vazia, e eu não lembro de nada.

Preocupada, Flor da Noite procurou ajuda médica. No prontuário o seu quadro é referido como depressão da bioeletrogenese cerebral - trata-se de uma diminuição da atividade cerebral elétrica -, o que perturba, e muito, a sua família:

Minhas filhas ficam muito preocupadas. Minha mais velha chora e chora. Uma vez aconteceu a crise, e eu acordei com ela me mexendo e dizendo “mãe, mãe”.

Flor da Noite nunca pôde experimentar outra vida - falta liberdade -, a impossibilidade de ir e vir. Voz melancólica, ou será angústia? E segue desvelando sua sina neurológica:

Por causa desse meu problema, nunca pude trabalhar.

Todas as mulheres presentes no grupo haviam falado. E aquele homem? Timidez? Pode ser. Ele estava relutante em contar sua história, o que fez somente após muita insistência. Aos poucos, Cravo foi abrindo sua vida, porta apenas entreaberta. Hoje está com 70 anos e só estudou até a 2ª série (ensino fundamental).

Em sua fala, Cravo demonstra muito carinho e amor à mãe; refere que tornou-se depressivo após sua morte:

Não consegui esquecer a morte de minha mãezinha. Chorava muito. Então procurei ajuda e comecei a tomar remédio para depressão.

Cravo fala mais com as mãos do que com palavras. Falante com as mãos, agitadas como as palavras, com fala rápida e confusa, assim é o Cravo. Sua fala soa como notas incompreendidas em um recital de frases contínuas. Mora com o irmão. Relata perda da memória, após queda da escada, quando ainda era criança. Foi levado ao médico, mas não possui muitas recordações sobre esse acontecimento:

Não consigo aprender as coisas direito; não adianta. Demoro para pensar.

Cravo afirma nem sempre entender tudo o que lhe é dito. Cravo é mais um vitimado, ao qual roubaram a poesia, o sonho e a luta. Nem sofrer de amor, sofreu:

Minha mãe sempre falou que eu não podia namorar.

Não fosse datado do século XIX, um poema de Francisco Octaviano²⁶ até poderia tratar-se da vida de Cravo:

Quem passou pela vida em branca nuvem,
E em plácido repouso adormeceu;
Quem não sentiu o frio da desgraça,
Quem passou pela vida e não sofreu,
Foi espectro de homem, não foi homem,
Só passou pela vida, não viveu.

Então, como um novo dispositivo que brota naquele momento em minha mente, - não estava no script - propus ao grupo um piquenique. Ali não era mais um salão paroquial; era um campo lindo, verde, com pássaros cantarolando e as águas mansas de um rio. Uma doce tarde de primavera, as flores sorrindo a espera do verão. Esse era o local do nosso piquenique.

Imediatamente Margarida Branca, impetuosa, pôs-se a falar:

Eu nunca fiz um piquenique.

Alguns de imediato se opuseram, devido à artrose, ao joelho duro, à dificuldade em abaixar, mas, tomados pela imensa vontade de viver aquele momento, se afetaram com a proposta. Então, fomos todos piqueniquear.

Dispositivo pensado como resgate do passado como condição de passagem dos presentes. Ali não existia uma forma de começar, o importante era fazer.

O primeiro paradoxo do tempo, e também sua posição fundamental, é que o passado coexiste com o presente do qual ele é passado. O passado e o presente não são dois momentos sucessivos no tempo, mas dois elementos que coexistem, o presente que não pára de passar, o passado que não pára de ser, mas pelo qual todos os presentes passam, o passado como condição de passagem dos presentes (PELBART, 2007, p. 37).

O cenário então foi montado. A toalha que estava sobre a mesa foi estendida sobre o chão. Mas, ali não era mais o salão paroquial, agora era um campo gramado. E

²⁶ Francisco Octaviano (1825-1889), carioca, conhecido como um brilhante jornalista, também exerceu vários papéis como advogado, senador e até diplomata. Como diplomata, negociou com a Argentina e o Uruguai o Tratado da Tríplice Aliança. Foi patrono da Academia Brasileira de Letras. Suas principais obras são: Cantos de Selma (1872) e Traduções e Poesias.

todos sentaram nesse campo, para então nos deliciarmos com as guloseimas que eu havia levado ao encontro.

Como piquenique nos remonta aos sabores doces da nossa infância! Infância com brincadeiras e cantigas de roda; era o momento de lembrar nossos cantos favoritos quando criança.



Figura 4 – O piquenique

Rosa Vermelha imediatamente começou cantando:

A carrocinha pegou três cachorros de uma vez [...].

E Flor da Noite continuou a cantoria.

A CARROCINHA/TRÊS CACHORROS

A carrocinha pegou.
Três cachorros de uma vez.
A carrocinha pegou.
Três cachorros de uma vez.

Trá-lá-lá-lá, que gente é essa.
Trá-lá-lá-lá, que gente má.
Trá-lá-lá-lá, que gente é essa.
Trá-lá-lá-lá, que gente má.
(GARCIA; MARQUES, 1989, p.22).

Rosa Vermelha, empolgada, soltou a voz cantando:

“Rosa branca [...]”.

Margarida Branca, melancólica, pôs-se a cantar uma música fúnebre:

[...] tanto limo lá no chão, tanto sangue derramado dentro do meu coração.

Todos aplaudem Margarida Branca.

E um imenso cantarolar invadia o salão paroquial. Será que ali ainda era mesmo um salão paroquial, ou estávamos em um lindo campo verde? A cada música cantada, alegria se espalhava pelo ar, com muitas palmas e sorrisos cobrindo os rostos.

Aquele ambiente estava diferente. Era um dia de primavera, onde reinavam coisas belas, acontecimentos da infância.

A tristeza de Margarida Rosa tinha desaparecido; não precisava dizer nada, seu olhar dizia tudo – satisfação, alegria, felicidade.

A cada música, rostos jubilosos surgiam. E como canto puxa canto, a música não parava de rolar.

Rosa Vermelha puxava uma nova canção:

Ô rosa linda amarela [...] eu sou a rosa amarela cravo branco meu amor.

Foi então que Flor da Noite resolveu cantar outra versão da música, e na sua letra o cravo já não era mais branco, era roxo. Cravo, o único homem do grupo, antes tão calado, se entusiasma e bate muitas palmas.

Nesse piqueniquear, Flor da Noite, de tão afetada que estava, lembrou-se de uma brincadeira da infância de que gostava muito. Todos, empolgados, decidiram aprender a brincadeira ensinada por Flor da Noite. E assim nos seus lugares, cantando a música de roda ensinada por ela, mãos espalmadas iam se conectando umas com as outras e se desconectando, dando a marcação da música. Todos brincavam, muito animados e alegres.



Figura 5 – Grupo “Alegria de Viver” brincando de cantigas de roda.

Entre um cantar e outro, explosões de alegria sobre o piqueniquear:

Brincar é bom (HORTÊNCIA).

Brincadeira é bom. A gente fica muito ligada só em serviço. Eu ficaria aqui até as seis da tarde e não ficaria cansada (MARGARIDA BRANCA).

Então, totalmente inserida na brincadeira, comecei a cantarolar:

O sapo não lava o pé [...].

E todos continuaram a música. E já que estávamos falando de sapo, foi a vez de o sapo cururu entrar em cena:

Sapo cururu, na beira do rio [...] (TODOS CANTANDO).

SAPO CURURU

Sapo cururu

Na beira do rio

Quando o sapo canta,

Ó maninha,

É porque está com frio.

A mulher do sapo

Deve estar lá dentro,

Fazendo rendinha,

Ó maninha,

Pro seu casamento

(GARCIA; MARQUES, 1989, p. 96)

Rosa Vermelha resolve nos mostrar outra versão da música:

Sapo cururu, ele já morreu [...] urubu comeu.

Era cantoria sem fim. Enquanto Rosa Vermelha e Margarida Branca cantavam, o Cravo, em um devir-criança, batia palmas alegremente:

Atirei o pau no gato [...].

ATIREI O PAU NO GATO

Atirei um pau no gato-tô,

Mas o gato-tô,

Não morreu-reu-reu

(GARCIA; MARQUES, 1991, p. 30).

Logo depois, Rosa Vermelha iniciou outra música, e todos juntos cantavam e batiam palmas:

A barata diz que tem [...].

A BARATA

A barata diz que tem

Sete saias de filó.

É mentira da barata

Ela tem é uma só.

Ah, Há! Há! Há!

Hó! Hó! Hó!

Ela tem é uma só.

(GARCIA; MARQUES, 1989, p. 18).

Esse momento vivido, das cantigas de roda e do piquenique, era doce, alegre, saboroso. As flores expressavam imenso contentamento com sorrisos, palmas, cantos, esquecendo momentaneamente os problemas, as dores, as doenças, as artroses...

Eu não tive momentos bons na minha infância, mas eu achei diferente, gostei muito (HORTÊNCIA).

Foi muito bom (CRAVO).

Eu gostei muito, foi muito bom (FLOR DA NOITE).

Lembrar a infância é sempre muito bom (MARGARIDA BRANCA).

Foi um dia diferente. Eu nunca tive um dia assim (MARGARIDA ROSA).

Já era final de tarde; naquele tempo, curto período, o piquenique chegava ao fim. Tínhamos que nos despedir. Foi quando eu as presenteei com um vaso de flor, de kalanchoe e violeta de diversas cores, pois a flor representa beleza, pureza, perfeição – é o símbolo do amor. Esse piquenique vai ficar marcado em minha vida. E para a vida do coletivo “Alegria de Viver”?

Aproveitei aquele final de tarde para entregar um delicado convite para o próximo encontro.



Figura 6 – Convite para encontro dia 10/11



CHARNECA-EM-FLORES:

Pictografando acontecimentos

Navego na tempestade
e já não temo
os raios fosforescentes
que riscam o céu...
Navego... e já não temo
as ondas chicoteando
meu barco, meu corpo
e até meus próprios sonhos...

Sigo. Tão somente navego
e ondulado,
prossigo...

O tempo irá se acalmar.
E, um dia, não terei mais o peso do leme.
Então, serei apenas
o sabor do sal na pele,
o cheiro de peixe no ar
e o desejo de em alguma praia
aconchegar-me,
como quem descansa
no balanço de um suave abraço
(BICHUETTI, 2010c).

É chegado o dia do nosso segundo encontro. Sol radiante e fervente, também uma tarde de primavera, dia 10 de novembro de 2009. Jogar sementes de flores por essas charnecas é o que estou tentando fazer.

Como de praxe, cheguei mais cedo para arrumar o espaço do salão paroquial. Posicionei as cadeiras em roda e arrumei a mesa com alguns petiscos para beliscarmos: biscoito, pão, patê, refrigerante, sucos e uma salada de frutas.

Mais uma vez, aguardava ansiosa a chegada do grupo. Dessa vez, foram chegando aos poucos. Primeiro chegou o Cravo e a Margarida Branca, juntamente com uma das psicólogas. Enquanto aguardávamos a chegada dos demais, íamos conversando sobre os acontecimentos da vida. Depois, outras flores foram chegando e se juntando ao grupo.

Então, em roda nos posicionamos: cinco mulheres e o homem do grupo, outra psicóloga e eu - legítima rata.

Sorrisos largos, olhares brilhantes, assim chegaram ao encontro. Nem parecia um grupo de mulheres rotuladas como depressivas. Como teriam sido os dias que se passaram no espaço entre esse e aquele primeiro encontro?

Foi bom (CRAVO; ROSA VERMELHA; MARGARIDA BRANCA).

E o piquenique. O que acharam daquele momento? Eu perguntei.

Foi muito bom. As pessoas que não vieram não sabem o que estão perdendo. Perderam demais (MARGARIDA BRANCA).

Gostei muito. Eu nunca tinha feito um piquenique na minha vida (HORTÊNCIA).

O olhar e o sorriso de Hortência falavam mais do que as palavras. Vi em seus olhos e em seu rosto a alegria de ter vivido aquele momento, do piquenique e das cantigas de roda.

Nesse momento, aproveitei para negociar com elas a nossa atividade da tarde. A proposta é que falassem, através de desenhos com massinha de modelar, sobre suas paixões, tristes e alegres, um ou mais de um acontecimento de suas vidas.

Paixão. O que será paixão? Para Espinoza (apud DELEUZE, 2002), nós temos em nossas vidas paixões boas e paixões tristes, decorrentes dos nossos encontros que podem afetar e ser afetados. Os bons encontros intensificam nossa existência, trazendo entusiasmo e proporcionando paixões alegres. Os maus encontros, paixões tristes, cristalizam, causam concretude à existência e à criação.

Paixões tristes: raspar esses momentos – era o que eu queria; trazer à tona a sensibilidade advinda desses encontros e proporcionar seu entendimento, através de um exercício de afectologia.

Foi então que num processo de tensão psíquica²⁷, com caneta hidrocor, massa de modelar e lápis de cor, os desenhos começaram a tomar vida na gramatura grossa

²⁷ O conceito de tensão psíquica tão, essencial ao processo de criação, foi proposto por Ostrower (1987). Ela observa que “[...] criar não representa um relaxamento ou um esvaziamento pessoal, nem uma substituição imaginativa da realidade; criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer; e, em vez de substituir a realidade, é a realidade; é uma realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós e perante nós mesmos, em níveis de consciência mais elevados e mais complexos. Somos, nós, a realidade nova. Daí o sentimento do essencial e necessário no

do papel – pintados, emoldurados, formatos tridimensionais –, esboçando um ou mais de um acontecimento de suas vidas.

Surgiam assim, no papel, paixões tristes e alegres, de cinco mulheres e um homem. A criatividade invadiu aquele espaço.

Quando terminaram o desenho, uma súbita vontade de falar invadiu aquele coletivo de mulheres.

Rosa Vermelha começou a conversar sobre seu desenho, como se fosse um conto, de uma história triste com final feliz – ou quase feliz?



Figura 7 – Desenho de Rosa Vermelha

Eu passei muitos momentos ruins na minha vida, e esta mulher do desenho é a mulher que me causou muito sofrimento. Quando eu tinha nove anos, ela me colocava para fazer todas as tarefas de casa, enquanto ela ficava sentada. Eu cuidava das crianças e não tinha tempo para brincar. Eu só trabalhava. [...] Quando eu estou no meio de crianças, eu aproveito para brincar. Eu brinco mesmo. Eu desenhei eu entrando em um caminho, o caminho da esperança, e vou caminhando, vou caminhando até [...].

Cansada de ser explorada, Rosa Vermelha casou cedo; uma oportunidade de sair de casa – sua fuga. Sempre gostou de cantar, e junto com seu marido cantavam no coral da Igreja. Mas, a morte levou seu marido e também o canto. A música ressurgiu em sua vida no dia do nosso piquenique:

Eu tinha parado de cantar, desde que meu marido faleceu. Agora eu voltei a cantar. Estou muito feliz!

Irrequieta, era a vez de Margarida Branca contar sobre suas paixões boas. Só que seus encontros nem sempre foram felizes, havia em sua vida encontros ruins.



Figura 8 – Desenho de Margarida Branca

As coisas boas que aconteceram na minha vida foi eu encontrar meu marido. Eu sou muito feliz com ele.

Margarida Branca desenhou sua casa e o sol, que é a luz para sua vida, apesar de ter vivido muitos momentos tristes:

Este aqui é o sol. Para mim ele é luz na minha vida. A minha vida tem momentos de luz e outros momentos de tristeza com algumas coisas que as pessoas me dizem. Aí eu choro, e toda essa tristeza passa.

Outro incômodo para Margarida Branca é que ela gosta muito de falar e, muitas vezes, sente-se impedida, o que a perturba sobremaneira:

Meu marido diz que eu falo muito, mas eu falo o que tem que falar, só o que há necessidade de falar. [...] Eu também fico muito triste quando fico doente, que tenho que ir ao médico; no mais só tenho momentos felizes.

E as obras encantadas foram surgindo, agora pelas mãos de Flor da Noite, quase uma artista; ela gosta de trabalhos manuais e nos conta três momentos de sua vida, dois alegres e um triste.



Figura 9 – Desenho de Flor da Noite

Flor da Noite retrata suas paixões alegres, suas filhas e seu marido, com quem vive bem, mas a sua vida tem momentos tristes quando ele ingere bebida alcoólica:

O momento alegre da minha vida é quando estou grávida, tem uma criança.
O momento triste é quando meu marido bebe. Ele não pode beber, nem um pouquinho.

Flor da Noite fala pouco de si, é retraída, olhar tímido, é quieta. Vive bem com o marido, mas tem momentos de insegurança quando ele bebe.

Por algum tempo, o silêncio penetra no recinto, até que Cravo resolve falar, consternado por não ter seguido a tarefa:

Eu fui desenhando o que queria. Não desenhei minha vida.

Sem demora, eu intervim para esclarecer sobre nossos momentos naquele grupo. Estávamos realizando uma auto-análise, tínhamos liberdade e autonomia, e o objetivo era atingir a singularidade de cada um, suas potências:

Aqui podemos tudo. Era para desenharem sobre sua vida, momentos bons e ruins. Você desenhou coisas boas para você (PESQUISADORA).

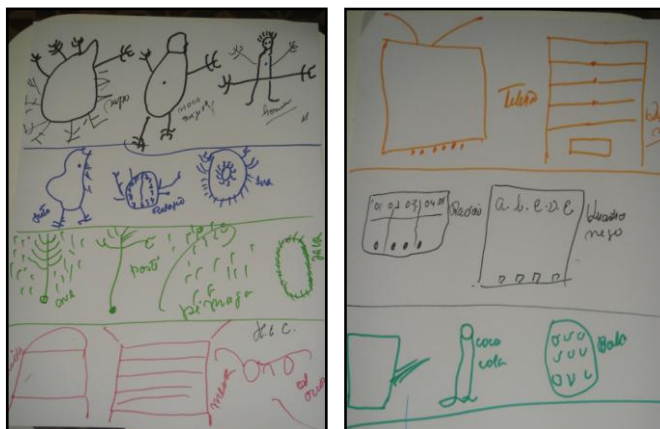


Figura 10 – Desenho do Cravo

Cravo adora desenhar, então ilustrou bichos, gente, objetos, árvores e até comida. Não quis desenhar seus momentos alegres e tristes. O momento triste de sua vida foi a perda de sua mãe – não superou, sente saudades.

Agora era a vez de Margarida Rosa, a cearense do grupo, declamar sobre sua pintura, encontros felizes e tristes.



Figura 11 – Desenho de Margarida Rosa

A alegria para Margarida Rosa era seu filho, quando ainda era vivo. Filho querido, adorado, amado. Menino bom, só lhe proporcionava felicidades:

Aqui é meu filho que morreu assassinado, e eu não esqueço dele até hoje. Me dá uma tristeza imensa.

Margarida Rosa não superou a perda de seu filho. Foi então que eu intervim:

O que você faz para tirar esta tristeza de dentro de você? (PESQUISADORA).

Eu levo meus filhos para dentro de casa, faço festa e nestes momentos eu consigo esquecer isto um pouco. Vou para a igreja. Antes eu ia para o cemitério, mas eu ficava mais triste ainda, e agora tento ficar alegre indo para a igreja. Não gosto de ficar sozinha. Se eu fico sozinha, só fico lembrando. Fiz até uma música para meu filho (MARGARIDA ROSA).

Então, Margarida Rosa começa a cantar a música que compôs para seu filho falecido:

Nunca mais saiu de minha lembrança.
 No dia em que meu filho partiu.
 Saiu falando pra mim:
 - mamãe não se preocupe, que mais tarde eu estou aqui.
 Mas foram as poucas palavras que ele disse.
 Na noite que eu sonhei que ele dormiu.
 Ele foi cheio de alegria e acompanhado de seu irmão [...].
 Eu só queria que ele estivesse vivo.
 Que com ele conseguisse falar.
 Não posso me cobrir-se a chorar,
 mas o meu filho não volta nunca mais.
 Eu queria, eu queria, assim por ele que [...]
 Não vejo como esquecer essa alma,
 mas essa dor me segue no coração.
 Não vejo como esquecer essa alma,
 mas essa dor me segue no coração.

Este meu filho era a maior alegria da minha vida (MARGARIDA ROSA).

Margarida Rosa chora. Todos, calados, estávamos comovidos com a história de Margarida Rosa. Imediatamente, Hortência inicia a sua:

A minha história não é igual à dela. Eu só tenho 1 filha.



Figura 12 – Desenho da Hortência

Hortência situa-se em seu desenho envolta pelo sol, flores e árvore. Solitária, porém feliz, sente-se triste pela situação de vida de sua filha:

Eu tento fazer de tudo para que meu dia seja feliz. Moro sozinha, mas tenho medo de sair na rua, mais à noite. A única coisa que me deixa triste é uma pessoa, que é o marido da minha filha, porque ele maltrata ela.

Quantas histórias de vida, quantos momentos bons e ruins, paixões tristes e alegres: assim eram suas vidas. A história de Margarida Rosa afetou-nos a todos; sentimo-nos perturbados, comovidos. A história havia tocado nossos corações.

Depois de tantos contos, reunimo-nos ao redor da mesa com o lanche ao som das músicas de Rosa Vermelha, agora denominada por todas a cantora do grupo. Pela primeira vez apresentou ao grupo o seu caderno de músicas. E do seu caderno foi tirando músicas que ganharam vida em seu canto naquele fim de tarde.

Todos cantavam ritmados ao som de Rosa Vermelha:

Samba lele tá doente, tá com a cabeça quebrada [...].

SAMBA-LÊ-LÊ
Samba-lê-lê está doente
Está com a cabeça quebrada
Samba-lê-lê precisava
De umas dezoito lambadas

Samba, samba, samba, ó lê lê
Levanta a pontinha da saia, ó lê lê
Samba, samba, samba, ó lê lê
Pisa na barra da saia, ó lê lê
(QUEIROZ, 1994, p. 28).

E dentro de Rosa Vermelha canta, um cantar que havia, por um tempo, ficado em silêncio e que retornou no dia do piquenique:

Pirulito que bate bate, pirulito que já bateu, quem gosta de mim é ela e quem gosta dela [...].

PIRULITO QUE BATE, BATE
Pirulito que bate, bate
Pirulito que já bateu.
Quem gosta de mim é ela.
Quem gosta dela sou eu.

Pirulito que bate, bate
Pirulito que já bateu.
A menina que eu gostava,
Coitadinha, já morreu.
(QUEIROZ, 1994, p. 30).

O canto, na vida de Rosa Vermelha, é um eterno presente. E Rosa Vermelha não queria mais parar de cantar:

Fui no tororó beber água e não achei, Achei bela morena que [...].

FUI NO ITORORÓ

Fui no Itororó
Beber água e não achei
Encontrei bela morena
Que no Itororó deixei

Aproveita, minha gente
Que uma noite não é nada
Se não dormir agora
Dormirás de madrugada

Ó dona Maria
Ó Mariazinha
Entrarás na roda
Ficarás sozinha

Sozinha eu não fico
Nem hei de ficar
Porque tenho a Ilca
Para ser meu par

Ponha aqui o seu pezinho
Bem juntinho ao pé do meu
E depois não vá dizer
Que você se arrependeu
(SANTANA, 1986, p.34).

Como canto, sempre puxa nova canção. Rosa Vermelha imediatamente começa a cantar outra canção:

Carneirinho, carneirão, neirão neirão [...].

CARNEIRINHO, CARNEIRÃO

Carneirinho, carneirão, neirão, neirão
Olhai pro céu, olhai pro chão
Pro chão, pro chão
Manda o Rei Nosso Senhor
Senhor, senhor
Para todos se ajoelhar
(QUEIROZ, 1994, p. 52).

E assim é Rosa Vermelha, um intenso cantar:

A dança da carrochinha é uma dança deliciosa. Quem come [...].

CARROCHINHA...

A dança da Carrochinha,
É uma dança estribunda,

Uma bota o joelho em terra,
o corpo que faz pena!
(QUEIROZ, 1994, p. 54).

O cantarolar de Rosa Vermelha trazia alegria àquele espaço. Todos juntos cantavam; alguns até batiam palmas:

O pião entrou na roda o pião, o pião entrou na roda o pião. Bambeia o pião, bambeia o pião [...].

O PIÃO
O pião entrou na roda, ó pião
Roda, pião! Bambeia, ó pião!

Sapateia no terreiro, ó pião
Roda, pião! Bambeia, ó pião!

Mostra a tua figura, ó pião!
Roda, pião! Bambeia, ó pião!

Faça uma cortesia, ó pião
Roda, pião! Bambeia, ó pião!

Atira a tua fieira, ó pião
Roda, pião! Bambeia, ó pião!

Entrega o chapéu a outro, ó pião
Roda, pião! Bambeia, ó pião!
(QUEIROZ, 1994, p. 101).

Rosa Vermelha, de tão empolgada que estava, continuava a cantar:

O Sinhaninha fiz que tem é dinheiro pro salão [...]
Há há há ho ho ho não tem dinheiro pro sabão [...].

SINH`ANINHA
Sinh`Aninha diz que tem
Sete saias de balão
É mentira, ela não tem
Nem dinheiro pr`o sabão

Ah, ah, ah, ah, ah, ah!
Nem dinheiro pr`o sabão
(QUEIROZ, 1994, p. 117)

Aqui e acolá, a música em Rosa Vermelha não parava de agradecer, e cada vez, ela cantava mais:

O primeiro foi seu pai. O segundo seu irmão. O terceiro foi aquele que Tereza deu a mão [...].

TEREZINHA DE JESUS

Terezinha de Jesus
 Deu uma queda, foi ao chão
 Acudiram três cavalheiros
 Todos três chapéu na mão

O primeiro foi seu pai
 O segundo seu irmão
 O terceiro foi aquele
 Que a Tereza deu a mão

Tanta laranja madura
 Tanto limão pelo chão
 Tanto sangue derramado
 Dentro do meu coração

Da laranja quero um gomo
 Do limão quero um pedaço
 Da Alzira quero um beijo
 Da Maria um abraço
 (QUEIROZ, 1994, p. 119).

E nesses momentos, juntos, cada canto de Rosa Vermelha nos remonta lembranças:

Mariquinha, sacode a saia. Mariquinha, levanta os braços! Mariquinha, tem dó de mim. Mariquinha, me dá um abraço! [...].

CASACA VELHA

Comprei uma casaca velha
 Toda cheia de remendo.
 Os moços não me querem,
 Mas os velhos tão me querendo.

Auí! Auá!
 Fulana é meu amor,
 Fulana, sacode a saia,
 Fulana, sacode os braços,
 Fulana, tem dó de mim,
 Ó Fulana, me dá um abraço.
 (GARCIA, MARQUES, 1989, p. 38).

E Rosa Vermelha não pára de cantar:

Ó mariazinha, ó mariazinha, vem entrar na roda, para ficar sozinha. Sozinha eu não pude e nem vou ficar, porque tenho a rosa para ser meu par [...].

CASINHA DO BEIJA-FLOR

Bate que bate
 Na casinha do beija-flor.
 Bate que bate
 Na casinha do meu amor.

Ó Mariazinha,
 Ó Mariazinha,
 Entrarás na roda
 E ficarás sozinha.

Eu sozinha não fico,
 Nem hei de ficar.
 Vou buscar a (Fulana),
 Para ser meu par.
 (GARCIA, MARQUES, 1989, p. 39-40).

Depois de tantos anos, Rosa Vermelha não quer mais parar de cantar:

De abóbora faz melão de melão faz melancia [...].

DE ABÓBORA, VAI MELÃO
 De abóbora vai melão.
 De melão vai melancia.
 Vai coco, Sinhá,
 Vai coco, Sinhá,
 Vai coco, Sinhá Mendonça.

Senhora dona Fulana,
 Entre dentro desta roda.
 Diga um verso bem bonito,
 Diga adeus e vá-se embora.
 (GARCIA, MARQUES, 1989, p. 47).

E assim, num intenso cantarolar, estava Rosa Vermelha:

O meu chapéu, se não tivesse 3 pontas, não seria o meu chapéu [...].

O MEU CHAPÉU TEM TRÊS PONTAS
 O meu chapéu tem três pontas.
 Tem três pontas, o meu chapéu.
 Se não tivesse três pontas,
 Não seria o meu chapéu.
 (GARCIA, MARQUES, 1989, p. 71).

Com a música, após música, Rosa Vermelha era só cantoria:

Caiu no chão. Acudiu 3 cavaleiros. Todos os 3 chapéu na mão [...].

TERESINHA DE JESUS
 Teresinha de Jesus
 Deu uma queda, foi ao chão
 Acudiram três cavaleiros,
 Todos três chapéu na mão.

O primeiro foi seu pai.
 O segundo seu irmão.

O terceiro foi aquele
Que a Teresa deu a mão.

Da laranja, quero um gomo.
Do limão, quero um pedaço.
Da boquinha, quero um beijo.
Do coração, quero um abraço.

Tanta laranja madura,
Tanto limão pelo chão.
Tanto sangue derramado
Dentro do meu coração.
(GARCIA, MARQUES, 1989, p. 101-103).

Até que nossa tarde terminou, alegremente, ao som das músicas de Rosa Vermelha e das palmas de todos, após nos deliciarmos de um saboroso lanche. Aproveitei para entregar o convite para o próximo encontro.



Figura 13 – Convite para encontro dia 24/11



CHARNECA-EM-FLORES:

*Devir-flor*²⁸

"Deixa-me, fonte!" Dizia
A flor, tonta de terror.
E a fonte, sonora e fria,
Cantava, levando a flor.

"Deixa-me, deixa-me, fonte!"
Dizia a flor a chorar: "Eu fui nascida no monte...
"Não me leves para o mar".

E a fonte, rápida e fria,
Com um sussurro zombador,
Por sobre a areia corria,
Corria levando a flor.

"Ai, balanços do meu galho,
"Balanços do berço meu;
"Ai, claras gotas de orvalho
"Caídas do azul do céu!..."

Chorava a flor, e gemia,
Branca, branca de terror,
E a fonte, sonora e fria,
Rolava levando a flor.
(CARVALHO, 1908)

É chegada outra tarde de primavera, um ensolarado 24 de novembro de 2009.

Mais uma vez, estou no salão paroquial, posicionando as cadeiras em roda e arrumando a mesa com guloseimas: pãezinhos, patê, bolo, refrigerante e sucos variados.

De repente chegam Hortência e Rosa Rosa. Para Rosa Rosa tudo é novidade, este é o seu primeiro encontro.

Os demais chegaram todos juntos com uma das psicólogas. Agora havia sete mulheres e um homem, uma psicóloga e eu.

Havia conhecido Rosa Rosa durante minha visita ao grupo, na Unidade de Saúde de Paul. É chegada a hora de contar um pouco de sua história.

²⁸ A clínica do devir causa "efeitos a nível de cada uma das personalidades, mas sem alterar sua identidade básica que é a que provê o sentido de totalidade, continuidade, autonomia relativa, etc." (BAREMBLITT, 2009?c, p. 7).

Rosa Rosa é divorciada, tem 44 anos, tem filhos e diagnóstico de depressão. Depressão desencadeada com a separação do marido, após uma traição, e potencializada com o falecimento de seus pais, principalmente da mãe. É hipertensa e cardiopata, tem história de cirurgia cardíaca. Não trabalha e estudou até o ensino fundamental:

Tem dias que estou muito triste. Não tenho vontade de comer. Fiquei muito triste depois da morte de meus pais. Primeiro foi meu pai e depois minha mãe.

Com muitas marcas em sua vida, Rosa Rosa passou por turbulências desde a infância. Aos 14 anos foi estuprada e engravidou, logo perdendo o filho.

Outra flor que surge nesse dia é a Dália. Como Rosa Rosa, é o primeiro dia em que comparece ao nosso encontro.

Dália tem 63 anos e nunca estudou. Não trabalha há 3 anos. Tem 4 filhos e mora de favor na casa da sobrinha, o que a deixa muito constrangida. Casada por duas vezes, atualmente está divorciada. Não tem vontade de andar na rua e de fazer nada; tudo causa agonia. Tem medo de andar na rua. Medo de atravessar a rua. Esquece muito. Fica perdida quando anda sozinha.

Mas, reportando-me ao grupo, antes mesmo de falar sobre nossas atividades, subitamente Rosa Vermelha pôs-se a cantar. Lembrou do aniversário de Margarida Rosa e quis cantar uma música em sua homenagem:

Parabéns, parabéns pelo seu aniversário. Parabéns nesta data querida, vamos todos cantar para você, parabéns, parabéns, parabéns [...].

PARABÉNS!

Parabéns nesta data querida
Mais um ano de vida que tens
Vamos todos cantar pra você
Parabéns parabéns parabéns

Parabéns nesta data querida
Mais um ano de vida que tens
Vamos todos cantar pra você
Parabéns parabéns parabéns

Como é linda esta data de hoje
Salve salve o seu aniversário
Deus lhe dê muitos anos de vida
Pra viver mais de um centenário

Você hoje é feliz mais feliz
 Esta data vai deixar saudade
 Voltaremos pro ano outra vez
 Desejar-te mais felicidades

Parabéns nesta data querida
 Mais um ano de vida que tens
 Vamos todos cantar pra você
 Parabéns parabéns parabéns

Os anjinhos do céu nesta hora
 Descerão cá na terra por que?
 Assoprar as velinhas do bolo
 E cantar parabéns a você

Viva o aniversariante
 Viva
 (TEIXEIRINHA, 2001)

E a música rola solta no salão, ao som da voz potente e irradiante de Rosa Vermelha:

[...] minha mãezinha querida, mãezinha do coração, te adorarei toda vida, com muito amor e emoção, eu te ofereço esta linda canção [...] ó minha mãe minha santa querida, você é o tesouro que tenho na vida, eu preparei esta linda canção, mãezinha do coração [...].

MÃEZINHA QUERIDA
 Minha mãezinha querida
 Mãezinha do coração.
 Te adorarei toda vida,
 Com grande devoção...
 É tua esta valsinha,
 Foste a inspiração.
 Canto, querida Mãezinha,
 A tua canção
 Alegria... um prazer.
 Uma grande emoção.
 Neste dia te dizer
 com muito amor e afeição.
 Oh, minha Mãe,
 Minha santa, querida...
 És o tesouro que eu tenho na vida...
 Eu te ofereço esta linda canção...
 Mãezinha do coração...
 (TIMÓTEO, 198-)

Repletos de emoção, plausos invadiram o salão. Abraços e beijos foram trocados. Era um dia de alegria para todos. A felicidade de Margarida Rosa embalada pelo cantar de Rosa Vermelha conseguiu contagiar-nos. E nesse contagiar, a união do grupo se intensificava.

Mas, Rosa Vermelha não se cansava de cantar:

Nem tu que fostes menino, aqui cantamos bonito e conhece a nossa voz,
conserva estas crianças com seu amor infantil, são elas nossa esperança,
futuro deste Brasil [...].

Assim que Rosa Vermelha deu uma pausa em seu cantar, aproveitei o momento para explicar sobre nossa atividade daquela tarde: tornar-se flor.

Olhares assustados, entusiasmados, múltiplos sorrisos; a idéia, pura inovação. Imediatamente elas se colocaram de corpo e alma em ação.

Era um momento de desterritorialização; ao som de Johann Strauss (1995), dançamos uma valsa. Aos pares, todos nós nos agrupamos e fomos deslizando pelo salão. Gestos, sorrisos, olhares inquietos invadiram o local. Aos pares e até sozinhos, dançamos. Cravo não quis dançar, acha que não sabe. De tanto insistir, deu dois passinhos. Todos entraram na dança. Pares foram formados, mas foram desfeitos, e outros surgiram, e assim a dança ia acontecendo, em clima de grande animação.



Figura 14 – Dançando valsa

Agora, desterritorializados, restava-nos o desafio do tornarmo-nos flor. Rapidamente, Margarida Rosa foi ao encontro dos apetrechos que estavam sobre a mesa: TNT, laços, fitas, maquiagem, flores de plástico. Flores verdadeiras, singulares, multiplicidades²⁹.

²⁹ Multiplicidade é como uma rede, formada por múltiplos sentidos. Não tem nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto. É um rizoma. “Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15).

Era um momento de pura produção de subjetivação livre³⁰, não assujeitada, primitiva, desejante, gerando o novo nesse espaço de produção revolucionária.



Figura 15 – Um jardim de flores

Felizes. Onde está a tristeza? Foi embora. Naquele espaço só existe alegria, prazeres e emoções boas. A angústia foi embora, junto com a depressão; ficou a vontade de brincar, de sorrir e de cantar.

A partir deste momento, mulheres (e o homem também) metamorfosearam-se em flores. De tão afetadas, foram se desabrochando como Rosas, Margaridas, Flor da Noite...

Vão emergindo nessas mulheres variados nomes de flores, e eis que surge um Cravo e uma Rosa no jardim. Flor da Noite, uma dessas mulheres, se encanta com o Cravo e as Rosas desse jardim. E, põe-se a cantar:

O cravo brigou com a rosa, debaixo de uma sacada [...].

O CRAVO BRIGOU COM A ROSA

O cravo brigou com a rosa
Dabaixo de uma sacada
O cravo saiu ferido
A rosa despedaçada

O cravo ficou doente
A rosa foi visitar
O cravo teve um desmaio
E a rosa pôs-se a chorar.
(CASTRO, 1958, p. 30).

³⁰ Produção de subjetivação livre é o processo de “geração do novo absoluto, de subjetivação absolutamente original, absolutamente singular, absolutamente instituinte, absolutamente contingente, circunstancial e gerada pelos eventos revolucionários” (BAREMBLITT, 2002, p. 46).

“Alegria de Viver”, de grupo de mulheres torna-se charneca-em-flor. Até eu fui virando e, nesse virar-se, tornei-me flor. A partir desse momento poderíamos experimentar sensações que somente as flores conhecem. Uma música com sons da natureza (NATURE, 1996), tomou conta do espaço. Embalados pelo som, nos perdemos em sensações: algumas boas, outras não tão boas, outras ruins.

Agora somos flores, e as flores estão fechadas, como um botão, e de repente começa a desabrochar. Este botão começa a se abrir, lentamente, e suas pétalas começam a balançar de um lado para o outro, até desabrochar completamente. O sol irradia sobre suas pétalas. E a flor fica feliz ao encontrar o sol (PESQUISADORA).



Figura 16 – Flores brilhando ao sol

Eis que de repente surge um temporal, que começa a jogar a flor de um lado para o outro. É um vento muito forte, e eis que surge a chuva. Também é uma chuva muito forte, caindo com força em suas pétalas. O vento e a chuva estão cada vez mais fortes. [...] Até que pára de chover. E de repente, o sol torna a aparecer. A flor fica feliz. É dia, está amanhecendo. Começa a chegar um monte de pessoas no parque, e essas pessoas vão pisando nas flores. As flores são pisoteadas, amassadas, arrancadas; estão sofrendo (PESQUISADORA).



Figura 17 – Flores pisoteadas

E as flores do jardim, embaladas pelo som da natureza, vão experimentando puras sensações de alegria, diversão e felicidade - “ai balanços do meu galho, balanços do berço meu”, outras vezes tontas de terror, vitimizadas por sussurros zombadores,

“chorava flor e gemia branca, branca de terror”: sensações de sofrimento e dor (CARVALHO, 1908).

Agora as flores estão sendo pisadas, amassadas, estão sendo arrancadas. As flores estão sofrendo. Elas choram. Até que as pessoas vão embora do parque. As flores estão tentando se recuperar, tentando ficar bonitas. O sol já está se pondo, e a noite vem chegando. O que acontece com a flor quando está de noite? Como é que a flor dorme? E a brisa da noite faz as flores balançarem vagarosamente [...] Está amanhecendo. A flor está novamente se abrindo, desabrochando. Ela se estica, para um lado e para o outro. Vai subindo, para um lado e para o outro (PESQUISADORA).

Elas não imitavam flores. Elas capturaram o sentido de ser flor. Como numa explosão de linhas de fuga, um rizoma, um buquê de multiplicidades.

Agora vamos formar um buquê de flores. Este buquê está cheio de flores de todas as qualidades e cores (PESQUISADORA).



Figura 18 – Um buquê de flores

Então, em roda ficamos, formando um círculo, abraçados; o Cravo bem no meio. Todos bem juntinhos, balançando para os lados, ao som da música.

O som era de natureza e permanecemos assim um tempo, abraçados, juntos nesse balançar.

Tornar-se flor, experimentar possibilidades...

Qual é o gosto de tais sensações? As falas não demoraram a surgir:

Eu me senti uma própria flor. Na vida a gente tem momentos alegres e tristes, mas faz parte da vida, e para mim foi muito bom (HORTÊNCIA).

Para mim foi muito bom, um momento que esqueci de tudo (MARGARIDA BRANCA).

Assim, se eu estivesse em casa, estaria triste, chorosa; aqui eu consegui esquecer as tristezas (ROSA ROSA).

Os momentos de flor pareceram muito com minha vida, um sobe e desce, com momentos felizes e momentos tristes (ROSA VERMELHA).

Eu me senti muito bem na hora do buquê; achei que o grupo estava mais unido (MARGARIDA ROSA).

Gostei muito do momento da flor abrindo (CRAVO).

Achei muito legal; nunca havia feito uma coisa assim [...] diferente (FLOR DA NOITE).

Gostei do momento que éramos um buquê e o Cravo estava no meio (DÁLIA).

Gostei muito, e me lembrou uma música que eu queria cantar (ROSA VERMELHA).

Rapidamente, Rosa Vermelha resgatou outra música de seu caderninho e começou a cantar:

Rosa vermelha, do meu bem querer, a rosa vermelha e branca hei de amar até morrer.

ROSA VERMELHA
A rosa vermelha
É meu bem querer
A rosa vermelha e branca
Hei de amar até morrer.
(CASTRO, 1958, p. 90)

E nesse cantarolar, Flor da Noite resgata a pendenga entre o Cravo e a Rosa:

O cravo brigou com a rosa, a rosa pôs-se a chorar, o cravo deu um desmaio e rosa [...].

Agora, é a vez de um buquê de flores porem-se a cantar, puxado por Rosa Vermelha:

Ai cana verde, cana verde, canavial [...].

CANA VERDE

Cana verde cana verde, cana do canavial - Bis
 Quem me chama cana verde me quer bem não me quer mal
 (Ai, ai meu bem ai, ai meu bem - Bis
 Quem me chama cana verde me quer bem não me quer mal
 Quando eu era pequeninho e pelo mato andava - Bis
 Todas folhas que caíam os passarinhos voavam
 (Ai, ai meu bem ai, ai meu bem - Bis
 Todas folhas que caíam os passarinhos voavam
 Abaixai-vos cana verde, que eu quero ver a cidade - Bis
 Quero ver o meu amor se não morro de saudade
 (Ai, ai meu bem ai, ai meu bem - Bis
 Quero ver o meu amor se não morro de saudade)
 (CORTES; BARBOSA, 198-

Estavam todas embaladas pela emoção, dispostas a não deixar a tristeza encostar, o grupo intensifica a dança e o canto. E Margarida Rosa exorciza:

Xô, tristeza, sai de mim. Sai coisas ruins de minha vida, sai fora, vai embora e não volte mais.

Rosa Vermelha aproveita para puxar uma nova canção. E logo todos põem-se a cantar:

Tristeza, por favor, vai embora, minha alma que chora, [...] (AS FLORES).

TRISTEZA

Tristeza, por favor, vá embora
 Minha alma que chora está vendo o meu fim
 Tristeza, por favor, vá embora
 Minha alma que chora está vendo o meu fim
 Fez do meu coração a sua moradia
 Já é demais o meu penar
 Quero voltar àquela vida de alegria
 Quero de novo cantar
 (MORAES, 1970).

Altamente afetada, Margarida Branca num devir-primitivo, verdadeira Xamã, invoca:

Que venha tudo de bom para nós, muita saúde.

E Dália lamenta:

Eu não sabia que seria tão bom; pena que não vim nos outros dias.

Mais do que nunca, terminamos essa festiva tarde de primavera, com as flores reunidas ao redor da mesa, comendo e bebendo as guloseimas, com muita cantoria e conversas. Novamente convidei-as para o próximo encontro, entregando o convite.



Figura 19 – Convite para encontro 08/12



CHARNECA-EM-FLORES:

Discotequeando

Outra tarde de terça-feira, ainda primavera, dia 8 de dezembro de 2009, calor profuso; reunidos no salão paroquial estávamos: seis mulheres, um homem, duas psicólogas e eu.

É chegado o dia do nosso último encontro. Momento esperado e de imensa ansiedade da minha parte...

Que proliferações rizomáticas poderiam experimentar o grupo?

Como nas demais vezes, cheguei antes do grupo para preparar o ambiente – o salão paroquial. Nesse dia teríamos uma festa. Então decorei o salão com alguns balões alaranjados. A mesa também foi enfeitada com balões. Sobre a mesa coloquei as guloseimas que nós iríamos deliciar durante a tarde: bolo, biscoito, pãezinhos, patês e sucos variados.

As cadeiras foram arrumadas em roda no salão. E hoje, menos ansiosa, fiquei aguardando a chegada do grupo. Como de costume, chegaram todas juntas, acompanhadas das psicólogas – as duas.

Mais que de imediato, comecei explicando para o grupo que aquele seria o nosso último encontro, que eu não retornaria mais. Naqueles dias em que estivemos juntos, tentei mostrar para elas que tudo é possível; basta quererem.

Palavras de carinho e demonstração de um suposto protesto foram surgindo...

Ah meu Deus, que pena! Eu fiquei muito triste em saber que você não volta mais. Tinha que ficar com a gente (CRAVO).

Estes dias que passamos juntos foi muito bom. Esqueci até as tristezas (MARGARIDA BRANCA).

Foi muito bom estes dias juntos; você mostrou para nós que só depende da gente, que a gente consegue, se esforçando, insistindo (ROSA VERMELHA).

Então, como tarefa para aquela tarde, pedi que elas expressassem, através de desenho, imagem corporal, teatro, palavras, da forma que achassem melhor, como foi para elas aqueles dias, aqueles momentos que passamos juntos.

Margarida Branca não desenhou. Preferiu escrever e ler seu depoimento, e foi muito aplaudida:

Eu estou muito feliz por estar aqui nestes últimos dias do ano, que o ano de 2009 foi muito bom. Para mim, às vezes me sinto triste, mas tenho muita fé em Deus, porque às vezes me aborreço, não gosto, eu fico muito nervosa, muita ansiedade, às vezes falo muito e as pessoas me reparam, e eu não percebo, tenho que tomar meus medicamentos para ser melhor. Tenho dois filhos maravilhosos, meu esposo também, é bom para mim. Então eu sou feliz. Gostei muito de vocês e espero que 2010 traga muita paz, alegria e muito amor de Deus no coração.

Flor da Noite fez um desenho do grupo, todos juntos, como uma família. Eu como parte do grupo, e juntamente com as demais, todas abraçadas:

Desenhei vocês todos, juntos. Você trouxe para nós momentos de alegria. Foi bom demais. Como estava anotado o dia errado, quando vi as horas sai correndo. Ai meu Deus, não posso perder nosso encontro.



Figura 20 – Desenho de Flor da Noite

Vou tentar explicar melhor o que Flor da Noite dizia. Havia acontecido um equívoco no nosso último encontro. A data no convite estava errada. Mas, mesmo assim, não

esqueceram nosso combinado. Com a ajuda também das minhas colegas psicólogas, todas foram lembradas do dia do nosso encontro.

Era a vez de Rosa Rosa falar de seu desenho. Com sua alma gemendo, relembra a perda dos pais, trazendo em seu desenho momentos de recordação e esperança, representados pelo sol e coração, escrevendo sobre esses dias. Estar em dois encontros com o grupo deixou-a mais leve e solta – paixões alegres:

Já está saindo o dia 08/12/2009. Que essa data seja sempre lembrada para o nosso bem. Para mim foi muito bom as brincadeiras. Eu ainda tenho muita dificuldade porque penso nos pais, mas eu estou tentando. Seria bom se continuasse, com paciência, pois o meu coração está partido.



Figura 21 – Desenho do Rosa Rosa

Calada, olhos atentos, Dália começou a falar sobre seu desenho. Desenho que retratava momentos felizes: ela, sua casa e flores. De fala sussurrante, quase emudecida, ela só quer em sua vida falar de coisas alegres:

Para mim foi muito bom, me senti feliz.



Figura 22 – Desenho da Dália

Potencializado, Cravo – dessa vez compreendendo a proposta –, dispõe-se, espontaneamente, a falar:

Eu estou muito feliz com a Janaina, Camila e Wanêssa.

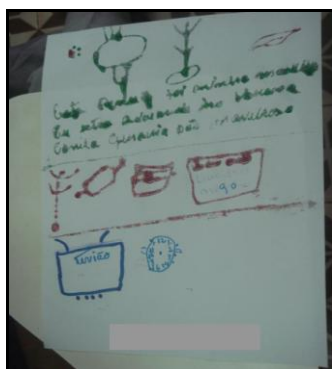


Figura 23 – Desenho do Cravo

Seu desenho com árvores, objetos, folhas e flores demonstra o carinho com as psicólogas e comigo, e ele escreve uma frase retratando este sentimento:

[...] Eu estou adorando a Wanessa, Camila e Janaina, são maravilhosas (CRAVO).

Enfim, foi a vez de Flor Misteriosa, assim denominada por ser seu primeiro encontro conosco. Como expressar sentimentos por um acontecimento não vivido? Então, propus à Flor Misteriosa que fizesse algum desenho que retratasse sua vida.

Mesmo assim, vou apresentar Flor Misteriosa. Inconsolada por não ter participado dos nossos encontros, tinha um motivo admirável. Flor Misteriosa é analfabeta e,

com 71 anos de idade, resolveu concretizar um sonho – aprender a ler e escrever. Faltou porque estava estudando. Está viúva há dois anos, e seu casamento durou 46. Deu à luz dois filhos, mas somente um está vivo – casado e já lhe deu dois netos.

Flor Misteriosa diz ser agitada e solitária; tem muitas dores pelo corpo. Preocupa-se com tudo e, ao mesmo tempo, sente-se triste e desanimada com a vida. Em seu desenho, apresenta-se como uma mulher só:

Viver só é ruim. Sinto falta do meu marido. Ele era companheiro e carinhoso.



Figura 24 – Desenho da Flor Misteriosa

Agora era a vez de Rosa Vermelha falar sobre seu desenho, com flores.

Eu me senti a memória mais ativa e com mais tranquilidade. Eu quero representar tudo com flores.

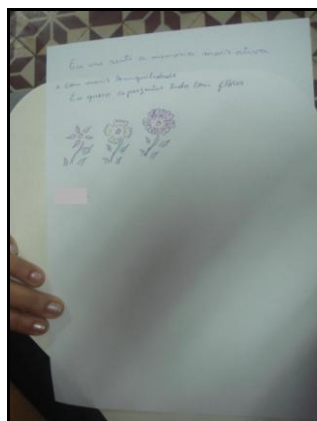


Figura 25 – Desenho da Rosa Vermelha

Depois que todas as flores falaram sobre seus desenhos, agora era minha vez de também me expressar:

Como hoje é nosso último encontro, nós vamos fazer uma festa. E festa tem que ter dança. Nosso salão será uma discoteca (PESQUISADORA).

Rapidamente, burburinho de vozes foram ecoando pelo salão:

Eu nunca dancei em discoteca (MARGARIDA BRANCA).

Sob olhares fervorosos, irrequietos, sorrisos foram surgindo à medida que eu ia explicando como seria aquela nossa tarde de primavera.

Era uma festa, em uma discoteca, com comes e bebes. O salão paroquial, enfeitado com balões e uma mesa rica em guloseimas; era nossa discoteca. Participar de uma festa requer um ritual: um arrumar-se, produção desejante. À disposição do grupo, em cima da mesa estavam: óculos, marabús, tiaras e outros apetrechos. E todas colocaram as mãos à obra.

O Cravo imediatamente proferiu sua inquietação:

Eu nunca fui em uma festa. Eu não sei dançar.

Fingindo não ouvir sua queixa, rapidamente coloquei uma música de rock³¹, e todos começaram a dançar. Estávamos em uma discoteca.



Figura 26 – Dançando na discoteca

³¹ Música: Dreams (Will Come Alive). Autor: desconhecido. Cantor: 2 Brothers On The 4th Floor. Disponível em: <http://letras.kboing.com.br/2-brothers-on-the-4th-floor/dreams-will-come-alive/>. Acesso em: 18 abr. 2010.

Rosa Vermelha e Margarida Branca caíram na dança. De repente, vejo o Cravo dançando; não resistiu. Até esqueceu que não sabia dançar.



Figura 27 – O Cravo dançando

As flores dançavam como ao som de um turbilhão, saculejavam.



Figura 28 – Flores dançantes

Dançamos, dançamos até cansar, duas músicas sem parar.

Como estavam cansadas, interrompi nossa dança e fomos nos deliciar com o lanche. Enquanto beliscávamos as guloseimas, Rosa Vermelha começou a cantar:

Duas forças que se atraem, sonho lindo de viver, estou morrendo de saudade de você.

ALMA GÊMEA
 Por você eu tenho feito
 E faço tudo que puder
 Prá que a vida seja
 Mais alegre
 Do que era antes...
 Tem algumas coisas
 Que acontece
 Que é você
 Quem tem que resolver
 Acho graça quando
 Às vezes louca

Você perde a pose
 E diz: "foi sem querer"...
 Quantas vezes
 No seu canto em silêncio
 Você busca o meu olhar
 E me fala sem palavras
 Que me ama, tudo bem
 Tá tudo certo
 De repente você põe
 A mão por dentro
 E arranca o mal pela raiz
 Você sabe como me fazer feliz...
 Carne e Unha
 Alma Gêmea
 Bate coração
 As metades, da laranja
 Dois amantes, dois irmãos
 Duas forças, que se atraem
 Sonho lindo de viver
 Estou morrendo, de vontade
 De você!...(2x)
 (PENINHA, 1995)

E o cantar ecoa em Rosa Vermelha. E ela puxa nova canção:

Cuide de meu coração [...] do meu caminho [...].

NOSSA SENHORA
 Cubra-me com seu manto de amor
 Guarda-me na paz desse olhar
 Cura-me as feridas e a dor me faz suportar
 Que as pedras do meu caminho
 Meus pés suportem pisar
 Mesmo ferido de espinhos me ajude a passar
 Se ficaram mágoas em mim
 Mãe tira do meu coração
 E aqueles que eu fiz sofrer peço perdão
 Se eu curvar meu corpo na dor
 Me alivia o peso da cruz
 Interceda por mim minha mãe junto a Jesus
 Nossa Senhora me dê a mão
 Cuida do meu coração
 Da minha vida do meu destino
 Nossa Senhora me dê a mão
 Cuida do meu coração
 Da minha vida do meu destino
 Do meu caminho
 Cuida de mim
 Sempre que o meu pranto rolar
 Ponha sobre mim suas mãos
 Aumenta minha fé e acalma o meu coração
 Grande é a procissão a pedir
 A misericórdia o perdão
 A cura do corpo e pra alma a salvação
 Pobres pecadores oh mãe
 Tão necessitados de vós
 Santa Mãe de Deus tem piedade de nós

De joelhos aos vossos pés
 Estendei a nós vossas mãos
 Rogai por todos nós vossos filhos meus irmãos
 Nossa Senhora me dê a mão
 Cuida do meu coração
 Da minha vida do Meu destino
 Do meu caminho
 Cuida de mim...
 (CARLOS; CARLOS, 198-)

O Cravo, de tão contente, dançava, cantava e batia palmas – ué, mas o Cravo não sabia dançar! E Rosa Vermelha mais uma vez soltava a voz:

Neste ano quero paz no meu coração, se quiser ser meu amigo, que me dê a mão. O tempo passa e com ele caminhamos todos juntos, sem parar.

MARCAS DO QUE SE FOI
 Este ano quero paz
 No meu coração
 Quem quiser ter um amigo
 Que me dê a mão...
 O tempo passa e com ele
 Caminhamos todos juntos
 Sem parar
 Nossos passos pelo chão
 Vão ficar...
 Marcas do que se foi
 Sonhos que vamos ter
 Como todo dia nasce
 Novo em cada amanhecer...(2x)
 Este ano quero paz
 No meu coração
 Quem quiser ter um amigo
 Que me dê a mão...
 O tempo passa e com ele
 Caminhamos todos juntos
 Sem parar
 Nossos passos pelo chão
 Vão ficar...
 Marcas do que se foi
 Sonhos que vamos ter
 Como todo dia nasce
 Novo em cada amanhecer...(4x)
 (PERA; FLECHA, 197-)

E nesse cantar sem fim, fomos nos despedindo: cantos e encantos, abraços, sorrisos. Éramos só alegria.



Figura 29 – As flores

CONSIDERAÇÕES MELHORES

Concluir pra quê? Tudo na vida é inconcluso. Irei apresentar algumas considerações sobre os melhores momentos em que estive junto com o grupo “Alegria de Viver”. Foram acontecimentos singulares, palavras não conseguem expressar toda a potência imanente do que vivemos em grupo; mesmo assim, é com palavras que eu vou contar.

Conversações que se deram ao longo de quatro encontros. Pessoas necessitam do inesperado como do ar para sobreviver e viver. O inesperado, o acaso, deu o tom de tudo: espaço para emersão de paixões tristes e alegres.

Em muitos momentos pude perceber que na vida daquelas mulheres existem poucas paixões alegres na vida daquelas mulheres, se agarram como dispositivo para a sobrevivência.

Nesses momentos vividos foi possível perceber a grande satisfação e alegria demonstrada em seus gestos e, pelas suas expressões, o maior contentamento em estar ali.

Charnecas, campos inférteis, um grupo marcado pela reprodução e antiprodução. Mas charnecas têm a potência de se desabrochar em flor. E assim, contando casos de suas vidas, eterno presente, lá vêm coisas tristes, coisas alegres, muito cantarolar, tudo isso faz parte da vida. E nessa charneca-em-flor, como se reterritorializar?

Coisas vividas foram emergindo naquele espaço, em um passado-presente: momentos de dor, rancor, medo, dificuldades, perigo, violência, vida incompreendida, que tinham como sua tradução a depressão, triste alicerce para suportar os percalços e mazelas da vida.

Participar de um grupo, experimentar modos de produzir subjetivações, tornar-se flores, viver acontecimentos, piqueniquear, discotequear, abrir-se para o novo: tudo isso e mais um pouco. Esse foi o movimento vivenciado pelo “Alegria de Viver”.

Tudo o que foi usado como dispositivo permitiu tornar o passado eterna presença. Penso que a vida de cada uma daquelas mulheres, e do homem também, depois dos nossos encontros, bem que poderia caber no soneto de Jorge Humberto (2007):

Das agruras que a vida me deu,
Somente a esperança restou,
A mim próprio se comoveu,
E não outro por mim só aqui estou.

Tinha muito que dizer desta vida,
O quanto em mim ela me pesou,
Mas, a dada altura, ela foi vivida,
E o que era duro leve se tornou.

Ainda hoje me pergunto o porquê
De tanta incongruência assim,
Se tudo o que visionava perto se vê,

Quando descobri que é melhor viver
Do que morrer em vida aqui,
Onde cabe-nos apenas enaltecer.

Rizomática, entrei como um rato naquele espaço, utilizando como dispositivos as clínicas do Esquizodrama, que são reveladoras e também aspirantes às soluções

em todos os campos que as empregue, utilizando uma multiplicidade de klínicas, como de produção-reprodução, de devires e das paixões tristes e alegres, entre outras.

Cartografando suas vidas, fazendo-me cartografar, metamorfoseamos em vários devires: devir-mulher, devir-homem, devir-pai, devir-flor, devir-cantor, devir-dançarina. Assim tem que ser, viver é devir.

Afetada e afetados ficamos. Eu mesma, por exemplo, já não sou eu: “Eu não sou eu nem sou o outro, sou qualquer coisa de intermédio” (SÁ-CARNEIRO, 1946). E o que dizer de minhas colegas psicólogas?

Foi a primeira vez que tive contato com a klínica esquizodramática. A breve aproximação com esta abordagem, até então nova para mim, possibilitou a ampliação do leque de possibilidades e de ferramentas de atuação dentro do meu cotidiano de trabalho. Estive presente em dois encontros – o primeiro e o último – nos quais pude perceber mudanças sutis, mas significantes nos participantes e nas relações estabelecidas entre eles. Muitos se utilizaram do espaço para reviver e atualizar boas experiências que tiveram e que haviam ficado perdidas no tempo: cantigas de roda, danças... Uma senhora redescobriu o prazer de cantar, e hoje, depois das sessões de esquizodrama, tem levado até a unidade de saúde, local onde os participantes se encontram para atividades de grupo, algumas letras de músicas que compõe. Estar presente no “antes” e no “depois” da experiência também me possibilitou notar uma certa fluidez na expressão de muitos deles: a expressão corporal nos momentos de dança, a verbal e a artística. Gostei desta aproximação. Bons encontros, e um belo legado para mim, como profissional da saúde, e decerto para todos os se permitiram “experenciar” esta nova klínica (PSICÓLOGA 1).

Possibilidades mil é o que proporcionou o Esquizodrama, tanto para o grupo quanto para mim e para minhas colegas psicólogas, todas nós máquinas desejantes e libertárias.

E como cartógrafa, lá fui eu, desenhando linhas: “os indivíduos são registrados e cruzados por linhas. Algumas linhas são postas do exterior para eles e não se

cruzam [...]. Outras são produtos do acaso” (DANTAS, 2002, p. 2). Linhas que significaram possibilidades de territorialidades, desterritorialidades e reterritorialidades. Linhas que se cruzavam, entrecruzavam, fazendo de tudo uma geografia experimentada. Linhas de fuga, desesperadas, desejantes, erráticas e errantes. Um mapa onde tudo se traçava e fugia ao mesmo tempo, foi o que tentei desenhar.

Esse campo - grupo “Alegria de Viver” – já não era mais improdutivo, tornou-se potência para o novo e desejante. De inférteis que eram (essas mulheres e o homem também), agora estavam mais para charnecas-em-flor.

REFERÊNCIAS

ADEODATO, V. G. et al. Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 108-113, 2005.

AMORIM, M. A. **Esquizoanálise, esquizodrama e as clínicas da educação**. 2008. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Vale do Rio Verde, Belo Horizonte, 2008.

AMORIM, M. A. **A produção de subjetividade e subjetivação e a inclusão na educação** (por uma pedagogia da diferença). Belo Horizonte: Fundação Félix Guattari, 2009.

APPOLINÁRIO, J. C. et al. Associação entre traços de personalidade e sintomas depressivos em mulheres com síndrome do climatério. **Arq. Bras. Endocrinol. Metab.**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 4, p. 383-389, 2001.

ARAÚJO, T. M. et al. Aspectos psicossociais do trabalho e distúrbios psíquicos entre trabalhadoras de enfermagem. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 424-433, 2003.

ARTAUD, A. Para acabar com o julgamento de Deus. In: WILLER, Cláudio. **Escritos de Antonin Artaud**. 3 ed. Porto Alegre: L&PM, 1983a.

_____. Surrealismo e revolução. In: WILLER, Cláudio. **Escritos de Antonin Artaud**. 3 ed. Porto Alegre: L&PM, 1983b.

ÁVILA, R.; BOTTINO, C. M. C. Atualização sobre alterações cognitivas em idosos com síndrome depressiva. **Rev Bras Psiquiatr**, São Paulo, v. 28, n. 4, p. 316-320, 2006.

BAHLS, S. C. Aspectos clínicos da depressão em crianças e adolescentes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 78, n. 5, p. 359-366, 2002.

BAREMBLITT, G. F. Apresentação do movimento institucionalista. In: LANCETTI, A. et al. **SaúdeLoucura1**. São Paulo: Hucitec, 1989. p. 109-119.

_____. **Compêndio de análise institucional e outras correntes**: teoria e prática. 5 ed. Belo Horizonte: Instituto Felix Guattari, 2002.

_____. **Esquizoanálisis y esquizodrama** (Una Introduccion a la Teoria y las Tecnicas). Belo Horizonte: Fundação Gregório Baremlitt/Instituto Felix Guattari, 2003. 26f. Mimeografado.

_____. **Psicoanálisis y esquizoanálisis** (um ensayo de comparación crítica). Buenos Aires: Ed. Madres de Plaza de Mayo, 2004.

_____. **Corpo sem órgãos**. Fundação Gregório Baremlitt. Instituto Félix Guattari: [2009a]. Disponível em: <<http://www.fgbbh.org.br>>. Acesso em: 11 abr. 2009.

_____. **El “método” de la dramatización en el esquizodrama**. Fundação Gregório Baremlitt. Instituto Félix Guattari: [2009b]. Disponível em: <http://www.fgbbh.org.br/artigos/artigo_10.htm>. Acesso em: 11 abr. 2009.

_____. **As klinicas do esquizodrama**. Fundação Gregório Baremlitt. Instituto Félix Guattari: [2009c].

_____. **Esquizodrama: uma introdução à teoria e à técnica**. Fundação Gregório Barenblitt. Instituto Félix Guattari: [2009d].

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BICHUETTI, J. **Depressão versus as paixões alegres: chega de tristeza**. 2010a. Disponível em: <http://jorgebichuetti.blogspot.com/2010/02/depressao-versus-as-paixoes-alegres.html>. Acesso em: 20 mar. 2010.

BICHUETTI, Jorge. **Esta minha história**. 2010b. Disponível em: <http://jorgebichuetti.blogspot.com/>. Acesso em: 3 abr. 2010.

BICHUETTI, Jorge. **Navegar é preciso**. 2010c. Disponível em: <http://jorgebichuetti.blogspot.com/>. Acesso em: 3 abr. 2010.

BORJA, A.; GUERRA, G.; CALIL, H. M. O transtorno bipolar na mulher. **Rev. Psiq. Clín.**, São Paulo, v. 32, supl. 1, p. 110-116, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Atenção básica e Saúde Mental: O vínculo e o diálogo necessários**. 2003. Disponível em: < <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2008

CALIL, H. M; PIRES, M. L. N. Aspectos gerais das escalas de avaliação de depressão. **Rev. Psiq. Clín.**, São Paulo, v. 25, n. 5, p. 240-244, 1998.

CANDIDO, M. C. F. S.; FUREGATO, A. R. F. Atenção de enfermagem ao portador de transtorno depressivo: uma reflexão. **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 1-13, 2005.

CANGUILHEM, G. O normal e o patológico. Trad. Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas e Luiz Octávio Ferreira Barreto Leite. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CARLOS, R.; CARLOS, E. **Nossa senhora**. [198-]. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/roberto-carlos/48639/>. Acesso em: 3 abr. 2010.

CARVALHO, V. **A flor e a fonte**. [1908]. Disponível em: <http://www.celipoesias.net/atualizacoes/afloreafonte.htm>. Acesso em: 3 abr. 2010.

CASTRO, Z. M. **Jogos e rondas infantis**. 2 ed. S.I.: SESI, 1958.

CAZELLI, C. et al. Proposições de um grupo-clínica. In: JORNADA DE ANÁLISE INSTITUCIONAL, 1., 2007. Vitória. **Anais da I Jornada de Análise Institucional**. Vitória: UFES, 2007. p. 112-116.

CECÍLIO, Paulo. **Sonhos**. [2010]. Disponível em: <http://jorgebichuetti.blogspot.com/2010/03/sociedade-de-amigos-no-caminho.html>. Acesso em: 3 abr. 2010.

CORTES, P.; BARBOSA, L. **Cana Verde**. [198-]. Disponível em: http://letras.azmusica.com.br/P/letras_paixao_cortes_e_barbosa_lessa_33251/letras_otras_22498/letra_cana_verde_1304475.htm. Acesso em: 7 mar. 2010.

CRUZ, E. B. S.; SIMÕES, G. L.; FAISAL-CURY, A. Rastreamento da depressão pós-parto em mulheres atendidas pelo Programa de Saúde da Família. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 181-188, 2005.

DANTAS, A. G. A. **Antonin Artaud: cartógrafo do abismo**. [2002]: Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/alex.html>. Acesso em: 11 abr. 2009.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. São Paulo: Editora Graal, 1988.

_____. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevistas concedidas a Claire Parnet. Paris: 1994 – 1998. Disponível em: www.oestrangeiro.net/index.php?option=com_content&task=view&id=68&Itemid=51 - 40k. Acesso em: 28 fev. 2009.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 94 p.

_____. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. 110 p.

_____. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997a. 176 p.

_____. **O que é filosofia?** 2 ed. 4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997b. 279 p.

_____. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002. 135 p.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

ESPANCA, F. **Charneca em flor**. 1927. Disponível em: <http://marciaapinheiro.tripod.com/charneca.htm>. Acesso em: 5 mai. 2010.

FLECK, M. P. A. et al. Diretrizes da Associação Médica Brasileira para o tratamento da depressão. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 114-122, 2003.

FIGUEIREDO, M. D.; CAMPOS, R. O. Saúde Mental na atenção básica à saúde de Campinas, SP: uma rede ou um emaranhado? **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 129-138, 2009.

FIGUEIREDO, T. A. M. de. **Esquizoanálise sob o signo de um tempo fora dos gonzos**: acontecimentos em revista. 2009. 58 f. Monografia (Especialização em Análise Institucional, Esquizoanálise e Esquizodrama: Clínica de Grupos, Organizações e Redes Sociais) – Fundação Lucas Machado, Centro de Pesquisa e Pós-Graduação, Belo Horizonte, 2009.

FORTUNA, C. M. **Cuidando de quem cuida**. Notas cartográficas de uma intervenção institucional na montagem de uma equipe de saúde como engenhoca-mutante para produção da vida. 2003. 216 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Programa de Pós-graduação em Enfermagem de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2003.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 5 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FUREGATO, A. R. F.; SANTOS, J. L. F.; SILVA, E. C. La depresión entre estudiantes de enfermería relacionada a la autoestima, a la percepción de su salud y al interés por la salud mental. **Rev. Latino-am Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, 2008.

GARCIA, R. M. R.; MARQUES, L. A. **Brincadeiras cantadas**. Porto Alegre: Kuarup, 1989.

_____. **Jogos e passeios infantis**. Porto Alegre: Kuarup, 1991.

GUMARÃES, J. M. N.; CALDAS, C. P. A influência da atividade física nos quadros depressivos de pessoas idosas: uma revisão sistemática. **Rev Bras Epidemiol**, São Paulo, v. 9, n. 4, p. 481-492, 2006.

GUATTARI, F. **Revolução molecular**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1977.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolíticas**: cartografia do desejo. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa *versus* pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-210, 2006.

HUMBERTO, J. **Soneto**. 2007. Disponível em: <http://www.luso-poemas.net/modules/news/article.php?storyid=4745>. Acesso em: 3 abr. 2010.

LAVILLE, C; DIONNE, J. **A construção do saber**: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

L'ABBATE, S. A análise institucional e a saúde coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 265-274, 2003.

LISPECTOR, C. **Poemas**. [1977]. Disponível em: <http://www.pensador.info/frase/NjQ0/>. Acesso em: 3 abr. 2010.

MARAGNO, L. et al . Prevalência de transtornos mentais comuns em populações atendidas pelo Programa Saúde da Família (QUALIS) no Município de São Paulo, Brasil. **Cad Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 8, 2006.

MICHAELIS. Moderno dicionário da língua inglesa. Melhoramentos, 2010. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=charneca>. Acesso em: 5 mai. 2010.

MINAYO, C. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro/São Paulo: HUCITEC, 1992.

MORAES, V. **Tristeza**. [1970]. Disponível em: <http://vinicius-de-moraes.musicas.mus.br/letras/635765/>. Acesso em: 7 mar. 2010.

NATURE: melodias populares e sons da natureza orquestradas especialmente para bebês. Sunday Morning. [S.l.]: Atração Fonográfica, p1996. 1 CD. Faixa 1.

NEPOMUCENO, F. et al. Desenvolvimento embrionário em ratas tratadas com *Hypericum perforatum* durante o período de implantação. **Rev Bras Farmacogn**, Paraíba, v. 15, n. 3, p. 224-228, 2005.

NIEVAS, A. F. et al. Depressão no climatério: indicadores biopsicossociais. **J. Bras. Psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 55, n. 4, p. 274-279, 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial da saúde.** Saúde mental: nova concepção e nova esperança. 1 ed. Lisboa, 2002. 206 p.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação.** 19 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

PELBART, P. P. **O tempo não-reconciliado.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

PENINHA. **Alma gêmea.** [1995]. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/fabio-jr/45819/>. Acesso em: 3 abr. 2010.

PERA, R.; FLECHA. **Marcas do que se foi.** [197-]. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/os-incriveis/47832/>. Acesso em: 3 abr. 2010.

PEREIRA, W. C. C. Movimento institucionalista – principais escolas. In: PEREIRA, W. C. C. (Org.). **Análise Institucional na vida religiosa consagrada.** Belo Horizonte: O Lutador, 2005. p. 59-90.

PEREIRA, W. C. C.; PENZIM, A. M. B. Análise Institucional na vida religiosa: caminhos de uma intervenção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 161-179, 2007.

PESSOA, F. **Poemas.** [1912]. Disponível em: <http://www.pensador.info/frase/OTc4NQ/>. Acesso em: 3 abr. 2010.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PINTO, W. C. Antonin Artaud: ¿Tratamento cruel ou cirurgia ontológica? **Utopía y Praxis Latinoamericana**, Venezuela, v. 7, n. 18, p. 69-79, 2002.

QUEIROZ, M. Brincando de roda: na escola e no lar. Rio de Janeiro: Erca, 1994.

RAMOS, M. Os sintomas depressivos e as relações sociais na terceira idade. **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 397-410, jul./dez. 2007.

RIMBAUD, A. **Poésies**: carta de Rimbaud a Georges Izambard. 1871. Disponível em: <http://www.caiomeira.kit.net/rimbaud.htm>. Acesso em: 13 mar. 2010.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental da América**. Produção do desejo na era da cultura industrial. 1987. 188 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1987.

SÁ-CARNEIRO, M. **Poemas**: Mário de Sá-Carneiro. [1946]. Disponível em: <http://www.astormentas.com/din/poema.asp?key=2523&titulo=7>. Acesso em: 28 mai. 2010.

SANTANA, J. A. **A escola canta**. Florianópolis: UFSC, 1986.

SCHEFFLER, I. O teatro político de Antonin Artaud. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 31, 2003.

SCHULZ, B. **Sanatório**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

SILVA, M. C. F.; FUREGATO, A. R. F.; COSTA JÚNIOR, M. L. Depressão: pontos de vista e conhecimento dos enfermeiros da rede básica de saúde. **Rev. Latino-am Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 1, p. 7-13, 2003.

STRAUSS, J. Vinho, Mulheres e Canções. In: JOHANN STRAUSS. **Os Grandes Clássicos**. Madrid: Ediciones Del Prado, p1995. 1 CD. Faixa 1.

TEIXEIRA, R. R. A Grande Saúde: uma introdução à medicina do Corpo sem Órgãos. **Interface**, Botucatu, v. 8, n. 14, p. 35-72, 2003.

TEIXEIRINHA. **Parabéns.** [2001]. Disponível em: <http://vagalume.uol.com.br/teixeirinha/parabens.html>. Acesso em: 7 mar. 2010.

TIMÓTEO, A. **Mãezinha querida.** [198-]. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/agnaldo-timoteo/250231/>. Acesso em: 7 mar. 2010.

WANNMACHER, L. Depressão maior: da descoberta à solução? **Uso Racional de Medicamentos: Temas Selecionados**, Brasília, v. 1, n. 5, p. 1-6, 2004.

_____. Depressão perinatal: balanço entre uso de antidepressivos e riscos no conceito. **Uso Racional de Medicamentos: Temas Selecionados**, Brasília, v. 4, n. 11, p. 1-6, 2007.

ZAVASCHI, M. L. S. et al. Associação entre trauma por perda na infância e depressão na vida adulta. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 189-195, 2002.

ANEXOS

ANEXO A



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

Vitória-ES, 25 de Junho de 2009

Da: Profa. Ethel Leonor Noia Maciel
Coordenadora
Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde


Para: Prof. Túlio Alberto Martins Figueiredo
Pesquisador Responsável pelo Projeto de Pesquisa intitulado: **"Devir-flor: a mulher buscando superar a depressão"**

Senhor Pesquisador,

Informamos à Vossa Senhoria, que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo, após analisar Projeto de Pesquisa, **Nº de registro no CEP – 085/09**, intitulado: **"Devir-flor: a mulher buscando superar a depressão"** e o **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, cumprindo os procedimentos internos desta Instituição, bem como as exigências das Resoluções 196 de 10.10.96, 251 de 07.08.97 e 292 de 08.07.99, **APROVOU** o referido projeto, em Reunião Ordinária realizada em 24 de Junho de 2009.

Gostaríamos de lembrar que cabe ao pesquisador responsável elaborar e apresentar os relatórios parciais e finais de acordo com a resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 196 de 10/10/96, inciso IX.2. letra "c".

Atenciosamente,


Prof.ª Dra. Ethel Leonor Noia Maciel
COORDENADORA
Comitê de Ética em Pesquisa
Centro de Ciências da Saúde/UFES

Av. Marechal Campos, 1468 – Maruípe – Vitória – ES – CEP 29.040-091.
Telefax: (27) 3335 7211

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado participante,

Queremos agradecer sua participação na pesquisa intitulada: **“Devir-flor: a mulher buscando superar a depressão”**. Este estudo está sendo realizado por Wanêssa Lacerda Poton, como uma das atividades do Curso de Mestrado em Saúde Coletiva – UFES, sob orientação o Prof. Dr. Túlio Alberto Martins de Figueiredo.

Qualquer dúvida você pode esclarecer procurando a pesquisadora pelo telefone 9969-9585.

Considerando que a depressão é atualmente, segundo o relatório da Organização Mundial da Saúde, a principal causa de incapacitação e a quarta principal causa de adoecimento no mundo, decidimos elaborar uma proposta de ação utilizando a Esquizoanálise e o Esquizodrama, tendo os seguintes objetivos a serem investigados e alcançados:

- agenciar espaços para emersão do processo de auto-análise e autogestão de um coletivo de mulheres atendidas em um grupo de saúde mental no município de Vila Velha;
- possibilitar a esse coletivo de mulheres proliferações produtivas e desejantes;
- criar a potência para o vivenciamento de devires nessas mulheres e;
- potencializar a proliferação de uma clínica desejante-inventivo-libertária, no campo da saúde mental/coletiva.

Nesse sentido, as estratégias de pesquisa para coleta dos dados compõem-se da realização de diversas dinâmicas e técnicas utilizando como teoria a Esquizoanálise e o Esquizodrama que tem como princípio a afirmação de processos de criação como fonte de vida, utilizando as qualidades do indivíduo, sua existência de forma inédita, jamais pensada, sentida, percebida ou imaginada.

É importante que você saiba que irá receber uma cópia deste documento após assinatura, e os seguintes aspectos estarão assegurados ao aceitar sua participação na pesquisa:

- a garantia do sigilo que assegura a privacidade dos participantes quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa.
- os responsáveis pela realização do estudo se comprometem a zelar pela integridade e bem-estar dos participantes da pesquisa.
- serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes dos participantes.
- será assegurado aos participantes da pesquisa os benefícios resultantes do estudo, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, condições de acompanhamento e produção de dados.
- a liberdade do participante de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa sem penalização alguma e sem prejuízo.

- lembramos que o sucesso dessa pesquisa depende de sua sinceridade.

O estudo não apresentará riscos aos participantes e terá como benefício ampliar as possibilidades de intervenções não medicamentosas para a prevenção e tratamento do transtorno depressivo.

Caso ocorra de algum dano ao sujeito durante a realização dos grupos terapêuticos, o pesquisador será responsável em prestar toda a assistência de saúde necessária para recuperação do indivíduo.

Não haverá nenhum gasto com sua participação e você não receberá nenhum pagamento pela sua participação.

Certos de contar com a sua colaboração,

Atenciosamente,

Wanêssa Lacerda Poton
Mestranda

Dr. Túlio Alberto Martins Figueiredo
Orientador

Concordo em participar da pesquisa referida neste documento, compreendendo que como participante dela posso me desligar, durante seu desenvolvimento de qualquer de suas etapas previstas.

Vila Velha, ____ de _____ de 2009.

Assinatura

Nome em letra de forma

ANEXO C

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a Sr^a Wanêssa Lacerda Poton, a utilizar publicamente as fotografias e filmagem pessoal, que estou fornecendo para a pesquisa **“Devir-flor: a mulher buscando superar a depressão”**.

Neste sentido, não faço restrições do uso destas imagens iconográficas doadas por mim.

Vila Velha, _____ de _____ de 2009.

Assinatura

Nome em letra de forma

ANEXO D – ARTIGO 1

ESQUIZOANÁLISE E ESQUIZODRAMA: POSSIBILIDADES NO CAMPO DA SAÚDE COLETIVA³²

Wanêssa Lacerda Poton³³

Túlio Alberto Martins de Figueiredo³⁴

RESUMO

Possibilidades, assim é o uso da Esquizoanálise e do Esquizodrama no amplo campo da saúde coletiva. Mostrar essas possibilidades é o objetivo desta revisão sistemática, que utiliza os saberes, pensamentos e ensinamentos de Deleuze, Guattari, Baremlitt, e tantos outros mais, revisitando termos e conceitos criados por estes pensadores, empregados amplamente na Esquizoanálise e no Esquizodrama. A Esquizoanálise, enquanto concepção ético-estético-revolucionário-desejante da vida e do mundo, e o Esquizodrama, enquanto espaço de produção do revolucionário do novo, dão o tom a este artigo. A experimentação, uma possibilidade de oferecer uma nova abordagem terapêutica para uso dos profissionais de saúde que atuam na saúde coletiva, tem buscado como utopia ativa a proposta de uma clínica esquizodramática, de produção desejante-inventivo-libertária.

Palavras-chaves: Saúde Coletiva; Movimento Instituinte; Esquizoanálise; Esquizodrama; Tendências.

ABSTRACT

³² Este artigo será encaminhado à revista Cadernos de Saúde Pública.

³³ Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo.

³⁴ Doutor em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo. Professor do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo.

Possibilities, so is the use of Schizoanalysis and Schizodrama the broad field of public health. Show these possibilities is the objective of this systematic review, which uses the knowledge, thoughts and teachings of Deleuze, Guattari, Barembritt, and many others, revisiting terms and concepts created by these thinkers, used employed in Schizoanalysis and Schizodrama. The Schizoanalysis, as a conception willing-ethical-aesthetic-revolutionary of the life and the word, and the Schizodrama, as a space of production of the revolutionary and the new, they had given the tone of this article. The experimentation, a possibility to offer a new therapeutic approach for use by health professionals who work in public health, has sought as a active utopian the proposition of a clinic schizodramatic, of production desiring-inventive-libertarian.

Keywords: Public Health; Instituting Movement; Schizoanalysis; Schizodrama; Trends.

O Movimento no qual se insere a Esquizoanálise e o Esquizodrama

O Movimento Institucionalista (MI) ou Instituinte foi criado na Europa, surgindo no Brasil no espaço acadêmico, em meados dos anos 70, com a participação de várias categorias profissionais – principalmente a psicologia –, sendo a Análise Institucional ou Socioanálise (de René Lourau e Georges Lapassade), a Sociopsicanálise (de Gérard Mendel) e a Esquizoanálise (de Gilles Deleuze e Félix Guattari) as correntes mais divulgadas no país ^{1,2}. Para Barembritt ¹, o MI “é um conjunto de escolas, um leque de tendências”.

Essas escolas objetivam impulsionar experiências coletivas utópicas, criadoras de novos saberes e modos alternativos de viver. Descrevendo minuciosamente o MI, Pereira ³ o define como: “[...] uma série de teorias, pensamentos, correntes, práticas e experiências de nomes variados, que têm como premissa a autogestão e auto-análise: ‘Análise Institucional’, ‘Pedagogia Institucional’, ‘Psiquiatria Democrática’,

‘Sociopsicanálise’, ‘Psicossociologia’, ‘Esquizoanálise’, ‘Grupo-Drama-Institucionalista’, ‘Sociologia Clínica’, ‘Grupo Operativo’, ‘Educação Popular’ e outros”.

Aos que insistem em classificar o MI como uma teoria, Baremlitt ⁴ esclarece que esse movimento é uma amplitude de teorias com várias características, “[...] às quais podemos acrescentar uma crítica do conceito de verdade e, em segundo lugar, o problema do Poder – seja dos micro e macropoderes – do poder econômico, político, seja do poder como uma questão do domínio ou da capacidade de fazer. O institucionalismo se interessa pela questão do Desejo, da intervenção de forças inconscientes em todas as atividades humanas, e não apenas na questão da saúde; onde quer que a subjetividade tenha participação, o institucionalismo está preocupado em desvendá-la; interessa-se pela questão do inconsciente postulando a existência de muitos inconscientes e a impossibilidade de universalizá-lo, totalizá-lo e sobretudo torná-lo de domínio de uma teoria só”.

O MI, enquanto micropolítica do desejo, é antagônico aos poderes que dominam o indivíduo, tornando-o sujeito. Conceito criado por Félix Guattari, sujeito é o indivíduo alienado em objetivos, procedimentos, estruturas e leis, o qual não consegue cumprir com sua finalidade de vida ¹.

Sobre o processo de sujeitamento ao qual pela via do poder o sujeito se submete, Foucault ⁵ entende que tal poder é “[...] uma relação de força: algo que se exerce, só existe em ação”, logo consiste em relações de força, múltiplas e móveis, desiguais e instáveis, não surgindo somente de um ponto central (Estado), mas sim de instâncias periféricas localizadas. Dessa forma, o poder está, ao mesmo tempo, em todos os pontos do suporte móvel das correlações de força que o constituem; está em toda parte, na relação de um ponto com outro; enfim, multiplica-se e provém, simultaneamente, de todos os lugares.

Na contracorrente do sujeitamento é que se instala o MI, ao afirmar que “[...] as grandes mudanças históricas, as macromudanças, são sempre resultado de pequenas micromudanças, e que os grandes poderes em vigor na sociedade são apenas forças resultantes de pequenas potências que se chocam e conectam em espaços microscópicos de uma sociedade” ¹.

As semelhanças também estão presentes entre os sujeitos, mas o importante para o MI é a produção de diferenças, a singularidade do sujeito, já que “não existe esse sujeito eterno e universal; [...] o que existe são processos de produção de subjetivação ou de subjetividade” ¹.

Subjetivação é o modo “de ser e de existir em que prevalece o desejo produtivo e a prática de ações transformadoras e críticas com relação ao modo de vida característico da organização vigente [...]. A subjetivação vai produzir indivíduos/sujeitos, famílias, grupos, movimentos, cuja principal característica é a capacidade de inventar outros modos de vida. Os paradigmas que mais se aproximam desses novos modos seriam o ecológico e o artístico. São indivíduos/sujeitos mais solidários, cooperativos, inovadores, inventivos, livres e críticos, preocupados com o meio ambiente e por uma vida digna para todos” ⁶.

Subjetividade é o “modo de existir dominante de uma sociedade, constituído por instituições/organizações/equipamentos e pelos indivíduos/sujeitos que o praticam, assim como a prática em si mesma. [...] é a resultante de encontros de diferentes dimensões da realidade, das quais, o indivíduo/ sujeito são apenas uma dentre várias. A subjetividade é a efetuação desse *entre*” ⁶.

Por isso, o MI tem como objetivo criar campos de leitura, de compreensão, de intervenção, para que cada processo produtivo-desejante, revolucionário, seja capaz de gerar os homens (ou sujeitos) de que precisa, ou seja, aceitar a idéia de que os novos homens se fazem a cada momento, em cada circunstância ¹.

As correntes do MI não possuem limites precisos, perpassando uma sobre a outra, como um rizoma (tem diversas formas – heterogêneo -, tem várias conexões e é repleto de multiplicidades, não tem começo e nem fim; ele se encontra sempre no meio, entre as coisas; é um constante “e... e... e...” ⁷), com conceitos semelhantes ², trabalhando a idéia de processos auto-analíticos e autogestivos. Na opinião de Baremblytt ¹ esse movimento “[...] é um conjunto heterogêneo, heterológico e polimorfo de orientações, entre as quais é possível se encontrar pelo menos uma característica comum: sua aspiração a deflagrar, apoiar e aperfeiçoar os processos auto-analíticos e autogestivos dos coletivos sociais”.

A pedagogia do MI requer originalidade na sua produção, da busca constante da diferença, rompendo com o modelo conservador, propondo autonomia, cidadania e a expressão da diversidade e da alteridade. Apesar de existirem várias tentativas, nenhuma escola representa o MI em seu ideário e totalidade ^{1,3}.

Autonomia no sentido de romper com esquemas centralizadores: não se trata de participar de um poder constituído e vertical, mas de ter poder, de estratégia, de ação polivalente. Assim, novos atores, antes excluídos e subalternos, emergem no cenário da vida comunitária, organizativa e institucional ³.

Outra idéia defendida pelo MI é que cada sociedade tem suas diferenças, logo não existem necessidades básicas naturais, pois cada sociedade irá produzir, criar e modular suas próprias necessidades ¹.

Pensando na sociedade conservadora vigente, alienante, da lógica identitária, do sempre igual, que compromete a autonomia do sujeito, Baremlitt ¹ reforça que os coletivos “[...] têm perdido, têm alienado o saber acerca de sua própria vida, a noção de suas reais necessidades, de seus desejos, de suas demandas, de suas limitações e das causas que determinam essas necessidades e essas limitações. Eles têm perdido um certo grau de compreensão e controle sobre que tipos de recursos e formas de organização devem dispor para colocar e resolver seus problemas”.

Baseado nos problemas advindos da sociedade moderna, capitalista, é que o MI defende princípios básicos como a auto-análise e a autogestão, esta sempre presente nos processos autogestivos.

A auto-análise é um processo de produção e re-apropriação de um saber acerca de si mesmo, suas necessidades, seus desejos, demandas, problemas, soluções e limites. É também um processo de autocrítica, possibilitando o conhecimento e a descoberta das causas da alienação. Muitas vezes, fazer a auto-análise é difícil, devido à desqualificação e subordinação proporcionada pelo saber científico e disciplinário, utilizado pelas entidades dominantes ^{1,3}.

A autogestão advém do “grego e do latim: *autós* = auto; *gerére* = gerenciar, administrar, ou seja, um sistema que se autogerencia, se engendra”. O axioma

fundamental da autogestão é a igualdade de direito e de desejo. Um sistema de autogestão não é somente participação, mas uma transformação nos coletivos e nos grupos ³.

Na autogestão a autonomia está sempre presente, com a experiência e as habilidades de cada um se autodirigindo, se autoadministrando, se autocriticando para o êxito do empreendimento, exercendo um prazer coletivo da criação. Devemos lembrar que nesse sistema existem leis que são comuns a todos para a obtenção do êxito, estabelecendo direitos iguais de desejar. Em toda a sociedade existe hierarquia; nos sistemas autogestivos ela corresponde às diferenças de potências e capacidades produtivas que são utilizadas para a vontade coletiva, inexistindo escala de poder ^{1,3}.

Os processos de auto-análise e autogestão ocorrem concomitantes, simultâneos e articulados, e com a participação de experts numa relação horizontal com os membros da comunidade, sendo compartilhados os conhecimentos, e as decisões, coletivas ¹.

A partir do MI derivam-se várias escolas, como as de Guillon de Albuquerque, Pichón-Rivière, Eugène Enriquez, Cornelius Castoriadis, Mendel, Lourau e Lapassade, Deleuze e Guattari, Barembliitt, dentre outros.

Reportando especificamente à Esquizoanálise, enquanto proposição de Deleuze e Guattari, e ao Esquizodrama, produção desejante/delirante de Barembliitt, correntes do MI.

A Esquizoanálise

Uma das vertentes do Movimento Institucionalista, a Esquizoanálise é classificada por Barembliitt ¹ como a “modalidade mais extremista do Institucionalismo”, proposta de Gilles Deleuze e Félix Guattari, a partir das (des) construções apresentadas no livro *O Anti-Édipo* (1972). A Esquizoanálise “[...] consiste em introduzir o desejo na produção e a produção no desejo”; logo trata-se de um desejo produtivo e uma produção ampla, desejante ^{1,8}.

Gilles Deleuze (1925-1995), filósofo francês e grande amigo de Michael Foucault. Escreveu várias obras, muitas delas junto com Félix Guattari, sendo a de maior destaque o *Antiédipo – Capitalismo e Esquizofrenia* –, ponto de partida para a nossa compreensão do que é a Esquizoanálise: rupturas éticas, estéticas, ecológicas, científicas e revolucionárias. Para Deleuze, "a filosofia é a criação de conceitos", porém nunca se prendeu à transformação dos conceitos em verdades a serem reproduzidas⁹.

Pierre-Félix Guattari (1930-1992), filósofo e revolucionário francês. Inventor de vários conceitos como: esquizoanálise, transversalidade, ecosofia, caosmose, entre outros.

A Esquizoanálise surge como uma proposta difusa, aberta, formada por um conjunto de saberes e de fazeres, e uma infinidade de teorias, campos e autores, vindos de diversas fontes filosóficas, sociológicas, religiosas, políticas, jurídicas, artísticas, e também – principalmente – com a participação do saber popular^{8,10}.

Trata-se de uma corrente diferente da Sociopsicanálise e da Análise Institucional, visto que para Deleuze e Guattari não existe, necessariamente, a prestação de serviços convencionais utilizada por essas correntes que possuem uma organização solicitante e uma organização solicitada, com profissionais experts, fazendo o que seria uma autogestão a frio. Os pressupostos da Esquizoanálise se aproximam mais do anarquismo; por isso, ela "[...] pode ser feita por qualquer pessoa e em qualquer lugar, [...] é uma nova forma de pensar, um modo de ser, ou uma maneira de viver"^{1,8,10}.

A Esquizoanálise pode ser indicada ao indivíduo ou coletivos, não necessitando de lugar e tempo determinado, podendo ser feita por um sujeito sobre si mesmo. No entanto, o ato de se esquizoanalisar implica ao sujeito reflexão e compreensão de como as determinações alienantes e dominantes estão influenciando nas atividades afetivas, sentimentais, econômicas, políticas e na relação com o outro e consigo mesmo. A Esquizoanálise não possui técnica nem metodologia própria, mas princípios teóricos que permitem a criação de metodologias e técnicas singulares a cada caso ou situação^{1,8,10}. Por isso, Baremlitt¹ a descreve como "[...] um processo de análise permanente, generalizado e ubíquo, presente por toda parte,

em qualquer momento, e protagonizado por qualquer pessoa que tenha, naturalmente, interiorizados os princípios teóricos desta concepção [...] não implica [...] uma relação de contratação. Não é, indispensavelmente, desempenhada por experts nem por profissionais”.

Como uma práxis de produção de saberes e fazeres, a Esquizoanálise propõe compreender o funcionamento da realidade e da realteridade e intervir no seu funcionamento, visando à mutação da primeira pela atualização da segunda ⁶.

Realteridade, trata-se de um termo criado por Baremlitt, é uma realidade imperceptível e impensada, virtual, ou seja, “uma realidade não acessível diretamente, a não ser a um pensamento, conhecimento, vontade, intuição, etc, produzidos ad hoc. Na Realteridade o tempo vigente é o Aión [...]” ¹¹.

Sobre a tentativa de enquadramento epistemológico, a Esquizoanálise poderia ser considerada uma ciência ou uma filosofia? Na avaliação de Baremlitt ¹, qualquer tentativa de enquadrá-la mostra-se ineficaz, visto que a Esquizoanálise “[...] é um entendimento do mundo, da história, da vida, do psiquismo, que pretende ser um novo gênero, não enquadrável nem como uma ciência, nem como ideologia, mas, na versão dos autores, como uma proposta radicalmente nova, que não é redutível a nenhum dos gêneros de saber anteriores”.

Vislumbrando no indivíduo o desejo como uma potência, não sendo restitutivo, mas revolucionário e produtivo, a Esquizoanálise não é uma produção mecânica social ou natural, mas uma produção desejante, de criação do novo e que não se interessa em decifrar o desejo. Para a Esquizoanálise o importante é “[...] liberar, propiciar, deflagrar a potência da produção, do desejo e da diferença” ¹. “Esse desejo atua em todo e qualquer âmbito do real [...] ignora a lei e não precisa ser simbolizado porque se processa sempre de forma inconsciente. Não tende à morte porque constitui a essência da vida como inconsciente” ¹.

A realidade, para Deleuze e Guattari, é formada pelo conjunto de elementos ligados entre si, como um tecido, com história, emoções, afetos, sentimentos e subjetividades. É como se fosse “[...] uma superfície ‘denominada’, conhecida, familiar, unívoca, plana e monofônica que são próprias dos planos molares” ¹², formada por linhas, linhas de várias naturezas, como as de segmentaridade dura

(plano molar) ¹³. As linhas de segmentaridade mais flexível (plano molecular) “fazem pequenos desvios, delineiam quedas ou impulsos, são como quantas de energia que precipitam” podendo se fundir e até se sobrepor às linhas de segmentaridade dura ¹².

Os indivíduos ou grupos são atravessados por verdadeiras linhas, formando corpos cartográficos, criando seus territórios próprios, a partir de seus devires. Algumas linhas precisam ser inventadas, surgem ao acaso, e também existem as linhas de fuga, que são fissuras que vão para o imprevisível, já que elas possibilitam a territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Todas essas linhas estão em constante entrelaçamento, como em um rizoma, não parando de se misturar ^{12,14,15}.

A cartografia pode estar apenas desenhada, com seus caminhos, curvas, oscilações, mas quando essas linhas, esses devires ali presentes são analisados, torna-se uma “*esquizoanálise*” ¹³. Guattari assegura que “*é através da cartografia das formações subjetivas que podemos esperar nos distinguir dos investimentos libidinais dominantes*” ¹⁶.

O mapa – registro do processo cartográfico – é um constante rizoma, por ser aberto, desmontável, suscetível a modificações constantes, podendo ser adaptado, rasgado, revestido; é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, construído como uma ação política, ou com diversas ações. É um território, local em constante movimento, onde estamos sempre saindo e entrando, ou seja, desterritorializando e reterritorializando ao mesmo tempo ⁷.

Desterritorializar no sentido de quebrar com a realidade conhecida, raspando os conceitos e referências intuídos, e territorializar como um conjunto de referências instituídas ^{12,17}.

Esses processos de diferenciação estão em constante movimento, chamado de revolução molecular. Vivemos num mundo feito de planos - molar e molecular. O molar se restringe ao macro, ao grande, ao evidente, ao enunciável, lugar da reprodução. O plano molecular é o micro, lugar da produção, do aleatório, do imprevisível ^{1,12}.

Baremlitt ¹ afirma que nesses campos molar e molecular “[...] não existe separação radical entre a vida econômica, vida política, vida do desejo inconsciente, vida biológica e natural. O que existe são imanências – isto é, a inerência, a posição intrínseca de cada um destes campos em relação aos outros, que só se podem separar de uma maneira artificial para a finalidade de seu estudo”.

Os indivíduos, as pessoas estão em constante construção de territórios, com suas linhas que se entrecruzam, dando sentido à existência, no plano molar e molecular, de um processo que “[...] não implica uma avaliação na qual o molecular seria o bom e o molar, o mau. Os problemas se colocam sempre e ao mesmo tempo nos dois níveis” ^{16,18}.

O convencional é o modelismo criado pelas sociedades modernas, capitalistas, “[...] indivíduos reduzidos a nada mais do que engrenagens concentradas sobre o valor de seus atos” ¹⁶, apropriando-se de suas subjetividades e controlando-os como máquinas seriadas, produzindo modos de vida e até ações inconscientes, ou seja, o modo como se ama, como se transa, como se fala, até como se pensa ^{16,18}.

As revoluções moleculares são processos de diferenciação desse indivíduo, dessa sociedade de subjetividade seriada. São processos de resistência para produzir modos de subjetivação originais e singulares, perpassando por todos os níveis: infrapessoal (suas criações, seus sonhos), pessoal (suas relações de autodominação) e interpessoal (relação do indivíduo com o outro e com a sociedade) ^{16,18}.

O Corpo sem Órgãos (CsO) vem romper, quebrar esta realidade posta, rigorosa, totalizável; é o que resta quando tudo foi retirado. O CsO é composto de matérias não formadas e energias ainda não vetorizadas como forças, é o grau zero de intensidades. E o que se retira é justamente o fantasma, o conjunto de significâncias e subjetivações ^{1,14,19}.

O CsO não é contrário aos órgãos, e sim à sua organização, que é conhecida como organismo; é onde tudo se traça e foge ao mesmo tempo ^{14,15}. Deleuze e Guattari ¹⁴ afirmam que ao CsO “[...] não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite. [...] É sobre ele que dormimos, velamos, que lutamos, lutamos e somos vencidos, que procuramos nosso lugar, que descobrimos nossas

felicidades inauditas e nossas quedas fabulosas, que penetramos e somos penetrados, que amamos”.

A noção de CsO foi cunhada por Deleuze e Guattari, a partir de Antonin Artaud. “No dia 28 de novembro de 1947, Artaud declara guerra aos órgãos: “[...] se quiserem, podem meter-me numa camisa de força, mas não existe coisa mais inútil que um órgão. Quando tiverem conseguido um corpo sem órgãos então o terão libertado dos seus automatismos e devolvido sua verdadeira liberdade”²⁰. Sobre o CsO, assume-se que ele é contra a noção de um corpo com órgãos sistematizados, a serviço da moral e do utilitarismo. O CsO é o próprio anti-édipo, que penetramos e somos penetrados, que amamos^{14,15,19}.

Teixeira²¹ afirma que, para assumir um CsO, deve-se ter cautela, pois “[...] tudo isso é muito arriscado e é realmente preciso muita prudência para se fazer um CsO. A rigor, jamais se chega completamente a um CsO, pois ele é um limite. É preciso saber disso para se ter alguma chance de saber fazê-lo: o CsO deve ser uma desterritorialização relativa; para fazê-lo é preciso “ter sempre um pedaço de nova terra [...]”.

O CsO é desejo ocupado por intensidades, e essas passam e circulam, num campo imanente do desejo, entendido como processo de produção, preenchido por prazer. Ele é feito de platôs, que se comunicam consistentemente, sendo um componente de passagem^{14,19}.

Para Deleuze e Guattari¹⁴ “[...] o corpo sem órgãos nunca é o seu, o meu [...] é sempre *um* corpo. Ele não é mais projetivo do que regressivo. É uma involução, mas uma involução criativa e sempre contemporânea”.

Portanto, a Esquizoanálise é uma máquina, com vários elementos integrantes de conjuntos de sequências, de conexões, protagonista de “[...] uma prática micropolítica que só toma sentido em relação a um gigantesco rizoma de revoluções moleculares, proliferando a partir de uma multidão de devires mutantes: devir mulher, devir criança, devir velho, devir animal, planta, cosmos, devir invisível [...] tantas maneiras de inventar, de “maquinar” novas sensibilidades, novas inteligências da existência, uma nova doçura²².

A idéia de rizoma, termo tomado de empréstimo da botânica por Félix Guattari, conteúdo presente em sua formação básica – um estudante do curso de Farmácia. Na botânica, rizomas são “os sistemas de caules subterrâneos de plantas duradouras e flexíveis que dão brotos e raízes adventícias em sua parte inferior” ¹⁶. Todavia, os animais também são seres rizomáticos, como os ratos quando deslizam uns sobre os outros. Assim posto, nesta leitura ampliada “há o melhor e o pior no rizoma: a batata e a grama, a erva daninha. Animal e planta, a grama é o capim pé-de-galinha [...]” ⁷.

O rizoma possui como principal característica a capacidade de conexão e heterogeneidade: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo de tal forma que, quando rompido, quebrado em qualquer lugar, retoma a partir de uma ou outra de suas linhas. Essas linhas estratificam o rizoma, territorializam, organizam, simplificam, mas também desterritorializam, e por elas ele foge sem parar ⁷.

Outra característica importante do rizoma é ter sempre múltiplas entradas, permitindo movimentos contínuos de desterritorialização e reterritorialização, fazendo uma produção permanente de subjetividade ⁷.

A Esquizoanálise é uma proposta de produção de um devir, deflagradora de novas invenções para produzir novos sentidos e modos de existir e de atuar, entendendo o devir como um termo relativo ao desejo, ao afeto ^{8,23}. Para Guattari e Rolnik ¹⁶ é relativo “à economia do desejo. [...] os fluxos de desejo procedem por afetos e devires, independentemente do fato de que possam ser ou não rebatidos sobre pessoas, sobre imagens, sobre identificações”.

Um indivíduo pode passar por vários devires e muitas vezes assumi-los: um devir-animal, um devir-flor, um devir-criança, um devir-mulher, um devir-homem, um devir-molecular, etc., assumindo certas relações subjetivas, do ponto de vista de uma imaginação coletiva, ou do ponto de vista de um entendimento social ²³.

Ao assumir seu devir, ao indivíduo ocorre um aspecto progressão-regressão, transformador possível da libido (metamorfose), podendo manifestar sequências femininas ou masculinas, infantis, animais, vegetais, ou até elementares,

moleculares. Opera efeitos sobre a personalidade, mas não altera sua identidade básica, a qual provê o sentido de totalidade e autonomia ²³.

Esse devir, uma verdadeira metamorfose, “[...] não é certamente imitar, nem identificar-se; nem regredir-progredir; nem corresponder, instaurar relações correspondentes; nem produzir, produzir uma filiação, produzir por filiação. Devir é um verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, ele não nos conduz a "parecer", nem "ser", nem "equivaler", nem "produzir" ²³.

A Esquizoanálise pode ser praticada em qualquer campo da realidade, pois, como uma nova terra, nos permite realizar um processo que, em vez de travar, propicia espaços de irrupção do novo.

O Esquizodrama

O Esquizodrama foi criado por Gregorio F. Baremlitt e colaboradores, há mais de quarenta anos, baseado principalmente nas ideias de Deleuze e Guattari, utilizando-se como paradigma a ética, a política, a estética e a tecnologia ^{24,25}. Trata-se de [...] raspagem, transformação e, finalmente, metamorfose e mutação de todos e de cada um dos elementos, estruturas, parâmetros, papéis e funções antes descritos ¹¹.

Gregorio Félix Baremlitt, psiquiatra e professor, nascido na Argentina ao se estabelecer no Brasil fundou o Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições (Ibrapsi) e o Instituto Félix Guattari de Belo Horizonte. Alguns profissionais, inspirados em suas idéias, criaram em sua homenagem a Fundação Gregorio Baremlitt em Uberaba (MG).

A ideia de utilizar o “teatro espontâneo” como uma forma de trabalhar pontos em comum, como os conflitos, foi pensada desde 1920 por Antonin Artaud, com a finalidade de romper as ideias de evolução e hierarquia. A ação dramática possibilitava o reconhecimento e a identificação do outro, através de sua subjetividade, fazendo o encontro do homem consigo mesmo, diante da angústia que é a sua humanidade ²⁶.

Artaud (1896-1948) não tinha pretensões político-partidárias. Ele propunha uma revolução social, através do teatro, por reconhecer um indivíduo e uma sociedade confusa e fragmentada. Por isso, acreditava que, para ocorrer a mudança, devia-se investir na cultura, partindo pelo teatro, fazendo transformações profundas na forma de a sociedade viver suas relações, não como indivíduos isolados, mas como um ser integrado ao social. Com o teatro, Artaud pretendia transformar a consciência do espectador, sensorial e espiritualmente, mas para ele o teatro não podia ter uma linguagem fixa, devendo ser flexível para que atingisse o espírito ²⁷.

O Esquizodrama utilizou como pressupostos os ideários da Esquizoanálise de Deleuze e Guattari e a filosofia de Antonin Artaud, além de outras fontes como a literatura, a poesia, a música, o cinema, etc. É um procedimento utilizado para fins terapêuticos, educacionais, artísticos, políticos... ^{24,25}.

O Esquizodrama tem como princípio a afirmação dos processos de criação como fonte de vida, engendrando qualidades de ser e de existir inéditas, jamais pensadas, sentidas, percebidas ou imaginadas, sendo verdadeiras linhas de fuga e individuações ²⁴.

Ele é utilizado como mecanismo para o indivíduo acessar sua realidade virtual, sua expressão, sua subjetividade, através da dramatização individual ou coletiva. Os dispositivos que o Esquizodrama trabalha são as clínicas, por referência a *clinamen*, palavra grega que significa desvio e invenção, através da dramatização (encenações) com a finalidade de realizar tarefas negativas e positivas da vida social, cultural, biológica, econômica, etc ²⁵.

As aplicações do Esquizodrama não se limitam ao(s) indivíduo(s), mas também a todo tipo de grupo ou organização. Assim posto, o Esquizodrama é “[...] um procedimento que pode ser utilizado em todo tipo de organização, estabelecimentos, grupos e também com indivíduos, com finalidades terapêuticas, pedagógicas e organizativas, consubstanciadas em um propósito inventivo ²⁵.

Os objetivos do Esquizodrama, descritos por Baremblytt ²⁸, são:

- atuar sobre os aspectos físicos, químicos, biológicos, etológicos, sociais, econômicos, políticos, semióticos, subjetivos e tecnológicos de seus dispositivos de

intervenção para tentar [...] decodificar, desestratificar e desterritorializar seus agenciamentos coletivos de enunciação e seus agenciamentos maquínicos de corpos, propiciando a eclosão de um espaço liso, caosmótico, que gere condições para a emissão de linhas de fuga, quantas, vibrações e outros enenamentos (neologismo proveniente de $n = \text{infinito}$) inventivos, mutativos;

- favorecer a atualização do inconsciente maquínico produtivo desejante e das máquinas abstratas, propiciando a ativação de seus diagramas de forças, através dos funcionamentos acontecimentos por variação contínua, devires, heterogêneses, transversalidades e autopoiesis; a partir dessas efetuações, favorecer devires de “novos regimes de signos, novas territorializações rizomáticas, novos estilos de vida produtivo-revolucionário-desejante, novas utopias ativas, uma nova terra.

O Esquizodrama é uma proposta ético-política autogestiva, que utiliza como dispositivo as clínicas rizomáticas e proliferativas, fazendo com que os participantes tenham uma performance, além de sua identidade molar, com produção desejante e revolucionária, formada por multiplicidades ²⁴.

Baremlitt ²⁸ propõe vários tipos de clínicas, que considera elementares ou de passagem; são elas:

- clínica da produção de produção, de reprodução e de antiprodução;
- clínica do caos, caosmos, cosmos;
- clínica da diferença/repetição;
- clínica do acontecimento/devir;
- clínica da multiplicação dramática.

O importante nessas clínicas é sempre manter a ética, proposta tanto pela Esquizoanálise quanto pelo Esquizodrama, ou seja, uma ética coerente com as utopias ativas de quem participa, sendo elas coletivas, desejantes, libertárias, democráticas, logo, auto-analíticas e autogestivas ²⁴.

Utopias são “[...] metas e objetivos mais altos e nobres [...] que orientam os processos produtivo-desejante-revolucionários dos movimentos e agenciamentos

sociais em seus aspectos instintivos-organizantes. Essas metas não estão colocadas em um futuro remoto nem terminal [...]. Na Utopia Ativa há uma imanência entre fins e meios; o processo produtivo-desejante-revolucionário é seu próprio fim e meio em cada aqui e agora”¹.

Para a aplicação do Esquizodrama, não é necessário ser expert; contudo, é importante a sensibilidade do esquizodramatista em perceber movimentos de antiprodução, para que possa desenvolver processos de produção desejante, libertária. Amorim²⁴ acrescenta como etapa importante, após a esquizodramatização, a expressão do grupo sobre os perceptos e afetos experimentados, verbalmente ou através de outras formas expressivas, podendo ser ou não necessária alguma outra intervenção para a finalização da clínica eleita. A autora ainda recomenda que as dramatizações incluam todas as faculdades (percepção, sensibilidade, imaginação, desejo, vontade, entendimento, inteligência, pensamento), assim como a rusticidade, a gestualidade, os movimentos, os corpos e as ações.

Essas clínicas são grupos, encontros que possibilitam a desterritorialização e o desembaraçamento das linhas de produção. O grupo é formado por pessoas com histórias de vida particular, com momentos marcantes, e muitas vezes por fatos semelhantes, mas a vivência de cada um é singular. Estar em grupo possibilita a produção de novas formas de estar no mundo, de novos agenciamentos. Permite ao indivíduo a possibilidade de criação e preserva sua autonomia²⁹.

Agenciamento ou dispositivo “[...] é uma montagem ou artifício produtor de inovações que gera acontecimentos e devires, atualiza virtualidades e inventa o novo radical. [...] geradores da diferença absoluta, produzem realidades alternativas e revolucionárias que transformam o horizonte considerado do real, do possível e do impossível”¹.

O grupo sujeito, protagônico, é aquele que constitui uma utopia ativa, construindo-se durante o processo e elaborando suas próprias leis. O grupo sujeito está em constante movimento de desterritorializar e reterritorializar¹.

Em contraposição, o grupo sujeitado, alienado, não consegue cumprir com sua finalidade, não possui identidade própria, leis e regras, estando sempre sujeitado às regras impostas pela sociedade ¹.

Além das clínicas do Esquizodrama, existem vários métodos para a realização de um grupo, que são: Grupo Operativo de Pichón-Rivière; Transeanalysis de Lapassade; A vida afetiva nos grupos de Pagés; Ayaguasca y a Grupalidade de Álvares de Toledo; e a Multiplicação Dramática de Kesselman-Pavlovsky ³⁰.

CONSIDERAÇÕES

A Saúde Coletiva é um vasto campo para produção de saberes e fazeres. E nesse campo, a Esquizoanálise e o Esquizodrama, propostas produtivas-desejantes-revolucionárias, inserem-se pela amplitude de possibilidades de prática de intervenção, com produção e invenção de subjetividades.

A heterogeneidade dessas abordagens não se trata em buscar a verdade, mas observá-la com neutralidade, no objeto de estudo – o indivíduo, o grupo, a organização –, para compreender e intervir, teórica e clinicamente.

A Esquizoanálise e o Esquizodrama, enquanto concepções ético-estético-político-científico- tecnológico-ambiental, cabem nos diferentes campos de saberes e práticas que se propõem a trabalhar com indivíduos, grupos, organizações, redes sociais e políticas públicas.

Na pesquisa *stricto sensu* essas abordagens – micro e macropolítica – podem ser articuladas à intervenção para introduzir uma outra relação, desconstruindo as práticas e os discursos instituídos, utilizando processos auto-analíticos e autogestivos; transformando para conhecer, e não conhecer para transformar.

A evidente expansão do pensamento institucionalista tem-se demonstrado pelo seu amplo campo de saberes e práticas, porém, nas pesquisas *stricto sensu*, o uso dessas metodologias apresenta-se de forma insipiente.

Nesse contexto, diversos autores (Emerson Merhy, Margareth Amorim, Ricardo Teixeira, Solange L'Abbate, Cinira Fortuna, Jorge Bichuetti...) vêm utilizando essas

correntes de pensamento na saúde, educação, trabalho, administração, pedagogia, etc. A psicologia é área com maior destaque para as produções esquizoanalíticas e esquizodramáticas.

Possibilidades... Assim são essas correntes, com suas inúmeras contribuições nas diversas áreas (saúde, educação, redes sociais, etc.) com a utilização de diversos dispositivos para atingir a auto-análise e a autogestão – um novo modo de ver a vida e o mundo.

REFERÊNCIAS

1. Baremlitt GF. Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática. 5nd ed. Belo Horizonte: Instituto Felix Guattari; 2002.
2. L'abbate S. A análise institucional e a saúde coletiva. Ciênc Saúde Coletiva 2003; 8(1): 265-74.
3. Pereira WCC. Movimento institucionalista – principais escolas. In: Pereira WCC, org. Análise Institucional na vida religiosa consagrada. Belo Horizonte: O Lutador; 2005. p. 59-90.
4. Baremlitt GF. Apresentação do movimento institucionalista. In: Lancetti A. SaúdeLoucura1. São Paulo: Hucitec; 1989. p. 109-19.
5. Foucault M. Microfísica do poder. 5nd ed. Rio de Janeiro: Graal; 1985.
6. Amorim MA. A produção de subjetividade e subjetivação e a inclusão na educação (por uma pedagogia da diferença). Belo Horizonte: Fundação Félix Guattari; 2009.
7. Deleuze G, Guattari F. Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34; 1995.
8. Deleuze G, Guattari F. O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Imago; 1976.
9. Deleuze G, Guattari F. O que é filosofia? 2nd ed. 4. Rio de Janeiro: Ed. 34; 1997.

10. Baremlitt GF. Psicoanálisis y esquizoanálisis (um ensayo de comparación crítica). Buenos Aires: Ed. Madres de Plaza de Mayo; 2004.
11. Baremlitt GF. As klinicas do esquizodrama. Em publicação 2009.
12. Fortuna CM. Cuidando de quem cuida. Notas cartográficas de uma intervenção institucional na montagem de uma equipe de saúde como engenhoca-mutante para produção da vida [Tese de Doutorado]. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo; 2003.
13. Deleuze G, Parnet C. Diálogos. São Paulo: Escuta; 1998.
14. Deleuze G, Guattari F. Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia. v. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34; 1996.
15. Dantas AGA. Antonin Artaud: cartógrafo do abismo. [serial online] 2002 [cited 2009 Abr 11]. Disponível em: URL: <http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/alex.html>.
16. Guattari F, Rolnik S. Micropolíticas: cartografia do desejo. 5nd ed. Petrópolis: Vozes; 2007.
17. Deleuze G. O abecedário de Gilles Deleuze. Entrevistas concedidas a Claire Parnet. [serial online] 1994–1998 [cited 2009 Fev 28]. Disponível em: URL: http://www.oestrangeiro.net/index.php?option=com_content&task=view&id=68&Itemid=51 - 40k .
18. Rolnik S. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; 2007.
19. Baremlitt GF. Corpo sem órgãos. [serial online] 2009 [cited 2009 Abr 11]. Disponível em: URL: <http://www.fgbbh.org.br>.
20. Artaud A. Para acabar com o julgamento de Deus. In: Willer C. Escritos de Antonin Artaud. 3nd ed. Porto Alegre: L&PM, 1983.
21. Teixeira RR. A Grande Saúde: uma introdução à medicina do Corpo sem Órgãos. Interface 2003; 8(14):35-72.
22. Guattari F. Revolução molecular. São Paulo: Ed. Brasiliense; 1977.

23. Deleuze G, Guattari F. Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia. v. 4. Rio de Janeiro: Ed. 34; 1997.
24. Amorim MA. Esquizoanálise, esquizodrama e as clínicas da educação [Dissertação de Mestrado]. Belo Horizonte: Universidade Vale do Rio Verde; 2008.
25. Baremlitt GF. El “método” de la dramatización en el esquizodrama. [serial online] 2009 [cited 2009 Abr 11]. Disponível em: URL: http://www.fgbbh.org.br/artigos/artigo_10.htm.
26. Pinto WC. Antonin Artaud: ¿Tratamento cruel ou cirurgia ontológica? Utopía y Praxis Latinoamericana 2002; 7(18):69-79.
27. Scheffler I. O teatro político de Antonin Artaud. [serial online] 2003 [cited 2009 Abr 11]. Disponível em: URL: http://www.neelic.com.br/site/textos/Antonin_Artaud.pdf.
28. Baremlitt GF. Esquizoanálisis y esquizodrama (Una Introduccion a la Teoria y las Tecnicas). Belo Horizonte: Fundação Gregório Baremlitt/Instituto Felix Guattari; 2003.
29. Cazelli C, Fontoura GA, Curado MC, Oliveira SP. Proposições de um grupo-clínica. In: Anais da I Jornada de Análise Institucional. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo; 2007. p. 112-6.
30. Baremlitt GF. Esquizodrama: uma introdução à teoria e à técnica. Em publicação 2009.

ANEXO E – ARTIGO 2

DEVIR-FLOR: A MULHER BUSCANDO SUPERAR A DEPRESSÃO³⁵

BECOMING-FLOWER: THE WOMAN SEARCHING TO OVERCOME DEPRESSION

Wanêssa Lacerda Poton³⁶

Túlio Alberto Martins de Figueiredo³⁷

RESUMO

Experimentação vivenciada com um grupo de mulheres diagnosticadas como depressivas e acompanhadas pelo Programa de Saúde Mental de uma unidade de saúde do Município de Vila Velha – ES. Oficinas qualitativas, quatro ao todo, tendo como dispositivos as cantigas de roda, o desenho com massa de modelar, a dramatização e a dança; foram as abordagens utilizadas neste trabalho que potencializaram o processo de auto-análise e autogestão dessas mulheres: a Esquizoanálise – enquanto concepção ético-estético-revolucionário-desejante da vida e do mundo –, e o Esquizodrama – enquanto espaço de produção do revolucionário e do novo –, deram o tom dos acontecimentos. Buscando desviar-se do trabalho de grupo convencional, marcado pela repetição, a proposta de clínicas ofereceu a possibilidade de proliferação de multiplicidades. Durante as oficinas muitos acontecimentos tristes de suas vidas, parte de um eterno presente, foram sendo revisitados; mas, como ninguém consegue ser depressivo vinte e quatro horas por dia, acontecimentos alegres – verdadeiras palhaçadas amorfas –, permitiram a essas mulheres, numa explosão de alegria, metamorfosearem-se em

³⁵ Este artigo será encaminhado à revista Ciência e Saúde Coletiva.

³⁶ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo.

³⁷ Professor do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo.

flores. Essas mulheres (e um homem também), com histórias singulares e modos de vida peculiares, vivenciaram processos produtivo-desejante-revolucionários da vida e do mundo, com produção do novo.

Palavras-chave: Saúde Coletiva. Movimento Instituinte. Esquizoanálise. Esquizodrama. Depressão.

ABSTRACT

An experimentation deeply experienced with a group of women diagnosed as depressive and followed by Mental Health Program from a Health Care Unit in the City of Vila Velha-ES. There were four qualitative workshops, in which the mechanism used were children ballads, drawing with modeling clay, dramatization and dance; this work had approaches which potencialized the process of self-analysis and self management of these women: the Schizoanalysis – as a conception willing-ethical-aesthetic-revolutionary of the life and the world -, and the Schizodrama – as a space of production of the revolutionary and the new -, they had given the tone of the events. Trying to turn aside the conventional group work, marked by the repetition, Clínica's proposal is to offer the possibility of proliferation of multiplicities. During the workshops a number of sad events of their lives, part of a perpetual gift, had been revisited; but, since nobody can be depressive twenty four hours a day, happy events also happened – original amorphous jokes -, which allowed these women, in a joy explosion, like a metamorphosis into flowers. These women (and one man), with singular histories and peculiar ways of living, had lived productive-willing-revolutionary processes of the life and the world, with the production of the new.

Keywords: Public Health. Institutional Movement. Schizoanalysis. Schizodrama. Depression.

POSSIBILIDADES...

Este estudo parte do pressuposto de que no campo da saúde coletiva deve existir uma vinculação entre o pensamento e a ação de forma que “[...] nada pode ser um problema intelectual, se não tiver sido, em primeira instância, um problema da vida prática”¹.

Esta é uma pesquisa cartográfica da vivência de um coletivo de mulheres diagnosticadas clinicamente como depressivas, e que freqüentam um grupo em uma unidade de saúde do município de Vila Velha – ES, sob a supervisão de duas psicólogas. Trata-se, no entanto, de um grupo de mulheres marcado pela diferença; um coletivo de mulheres que até possui como um de seus integrantes um homem. Estive com eles por quatro momentos: momentos singulares, marcados por proliferações produtivas, desejantes e até mesmo revolucionárias.

Os indivíduos ou grupos são atravessados por verdadeiras linhas, formando corpos cartográficos. Todas essas linhas estão em constante entrelaçamento, como em um rizoma (não tem começo e nem fim), não parando de se misturar^{2,3,4}.

A cartografia pode estar apenas desenhada, com seus caminhos, curvas, oscilações, mas quando essas linhas, esses devires ali presentes são analisados, torna-se uma “*esquizoanálise*”³. Guattari assegura que “é através da cartografia das formações subjetivas que podemos esperar nos distinguir dos investimentos libidinais dominantes”⁵.

Os indivíduos, as pessoas estão em constante construção de territórios, com suas linhas que se entrecruzam, dando sentido à existência, no plano molar e molecular, de um processo que “[...] não implica uma avaliação na qual o molecular seria o bom e o molar, o mau. Os problemas se colocam sempre e ao mesmo tempo nos dois níveis”⁵.

Barembritt afirma que nesses campos molar e molecular “[...] não existe separação radical entre a vida econômica, vida política, vida do desejo inconsciente, vida biológica e natural. O que existe são imanências – isto é, a inerência, a posição

intrínseca de cada um destes campos em relação aos outros, que só se podem separar de uma maneira artificial para a finalidade de seu estudo”⁶.

Esta pesquisa tentou vislumbrar as multiplicidades existentes nesse grupo, aqui entendidas como “aquilo que DIFERE DE SI MESMO e nunca se caracteriza por uma suposta identidade, nem tampouco pela presença em si de sua negação ou de seu contrário”⁷.

O eixo norteador do estudo foi o potencializar possibilidades e proliferações a esse grupo. Afinal, por que esse rótulo de depressão? As pessoas são depressivas vinte e quatro horas por dia, em tempo integral, durante toda a sua vida?

Para tal, a Esquizoanálise, enquanto concepção ético-estético-revolucionário-desejante, proposta por Deleuze e Guattari, a partir das (des) construções apresentadas no livro *O Anti-Édipo*, que “consiste em introduzir o desejo na produção e a produção no desejo”⁶; logo uma proposta de produção de devir, deflagradora de novas invenções para produzir novos sentidos e modos de existir e de atuar⁸.

A Esquizoanálise é uma proposta difusa, aberta, formada por um conjunto de saberes e de fazeres, e uma infinidade de teorias, campos e autores, vindos de diversas fontes filosóficas, sociológicas, religiosas, políticas, artísticas, e também – principalmente – com a participação do saber popular⁹. Seus pressupostos se aproximam mais do anarquismo; por isso ela “[...] pode ser feita por qualquer pessoa e em qualquer lugar, [...] é uma nova forma de pensar, um modo de ser, ou uma maneira de viver”⁶.

Como uma práxis de produção de saberes e fazeres, a Esquizoanálise propõe compreender o funcionamento da realidade e da realteridade (a realidade virtual) e intervir no seu funcionamento, visando à mutação da primeira pela atualização da segunda e propiciando espaços de irrupção do novo¹⁰.

Como intensificar a potência desse grupo, senão pela via da auto-análise e da autogestão!

Auto-análise... Autogestão... Modos de potencializar devires nas pessoas, buscando como desafio a utopia ativa, a qual Baremblyt denomina como “as metas e objetivos

mais altos e nobres [...] que orientam os processos produtivo-desejante-revolucionários dos movimentos e agenciamentos sociais em seus aspectos instituintes – organizantes”⁶.

Processos potencializados pelo Esquizodrama, espaço de produção do revolucionário e do novo, criado por Baremlitt, utilizando-se como paradigma a ética, a política, a estética e a tecnologia^{10,11}. O Esquizodrama é uma proposta ético-política autogestiva, que utiliza como dispositivo as clínicas rizomáticas e proliferativas, fazendo com que os participantes tenham uma performance, além de sua identidade molar, com produção desejante e revolucionária, formada por multiplicidades¹⁰.

O Esquizodrama tem como princípio a afirmação dos processos de criação como fonte de vida, engendrando qualidades de ser e de existir inéditas, jamais pensadas, sentidas, percebidas ou imaginadas, sendo verdadeiras linhas de fuga e individuações¹⁰. Utilizando como dispositivo a dramatização individual ou coletiva, fazendo o indivíduo acessar sua realidade virtual, sua expressão, sua subjetividade¹¹.

Afastando-se das atividades rotineiras tão comuns na condução de um processo grupal, essa proposta vislumbrou a possibilidade de vivenciar com o grupo uma clínica. Sobre a clínica, Amorim a entende como “[...] um lugar onde se propicie incessantemente a perspectiva de desterritorializar-se, e ‘despersonalizar-se’, ou seja, de ‘desviar-se’ dos macro-modelos segmentários já instituídos na sociedade, das grandes identidades (pai, mãe, mulher, homem, criança, cientista e leigo, analista e analisando, etc.) para acontecer como novos sentidos e devir como novos corpos intensivos”¹⁰.

Este texto é uma bricolagem. Nele atuo como ladra de idéias, roubando conceitos, opiniões, juízo, pensamentos de diversos autores, e também desse grupo com o qual vivi acontecimentos.

Tento neste estudo exercitar as idéias de Deleuze: a fuga à reprodução do eterno, o desafio de produzir o novo, o criativo, remetendo-me aos acontecimentos da vida dessas mulheres, em um tempo que não o cronológico – passado, presente e futuro

–, mas em um tempo aiônico, o “[...] tempo do acontecimento que é um tempo que *não passa*, uma vez que o acontecimento é um entre-tempo”¹².

Esse tempo (aiônico) é repleto de acontecimentos, acontecimentos estes que “chegaram atrasados à estação da vida e perderam o trem da história. Eles chegaram à estação quando já tinha sido realizada a distribuição das passagens; por isso, não possuem lugar no trem”. Portanto, esse tempo vivido nesses momentos com o grupo “Alegria de Viver” ficou “propenso totalmente a transgressões, travessuras irresponsáveis, palhaçadas amorfas”¹³.

Rotuladas como depressivas, cada uma dessas mulheres poderia ser uma “charneca”. Diz a língua portuguesa que charneca é um “terreno inculto e árido onde há apenas vegetação arbustiva e rasteira”¹⁴.

Florbela Espanca, poetisa portuguesa (1894 – 1930), no entanto, considera que charneca, por mais rude que seja, é um campo fértil, pois tem a potência de abrir-se em flor: “[...] Olhos arder em êxtases de amor, boca a saber a sol, a fruto, a mel: Sou a charneca rude a abrir em flor”¹⁵. Como Florbela Espanca, creio que pessoas são charnecas com potência para produzir o novo... metamorfosearem-se em flores!

Com a Esquizoanálise e o Esquizodrama busquei criar um campo fértil para o coletivo de mulheres do grupo “Alegria de Viver” – aqui charnecas –, de tal forma que as mesmas pudessem experimentar processos de auto-análise e autogestão, proliferações produtivas e desejantes e uma clínica desejante-inventivo-libertária.

SOBRE O “MÉTODO” – A CARTOGRAFIA

O estudo optou pela abordagem qualitativa, como considera Fortuna que “[...] não há o que explicar, não há verdades a serem reveladas, tudo é provisório e movimento”².

Como cartógrafa percorri vários caminhos, construindo um mapa de ideias, de possibilidades, de vontades e de devires. Segui as recomendações de Rolnik, visto que para a mesma o cartógrafo é “[...] um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado. Está sempre buscando elementos para compor suas cartografias. [...] Aliás, “entender” para o cartógrafo

não tem nada a ver com explicar, muito menos com revelar”¹⁶. Mas, não tento descobrir, transformar nem usurpar idéias, e sim mostrar como esses momentos foram vividos e como são especiais nas nossas vidas.

No bairro Paul, do município de Vila Velha, um grupo. Trata-se de um grupo, que surgiu há mais de 4 anos, criado para suporte às mulheres depressivas que faziam acompanhamento psicoterapêutico na Unidade de Saúde local. Hoje esse grupo, conhecido como “*Alegria de Viver*”, é formado por várias mulheres e um homem.

Quanto à seleção dos sujeitos que participaram deste estudo, não houve exclusão, somente inclusão de pessoas, de sujeitos, de indivíduos que já faziam parte do grupo de depressão, a partir de agora denominado “*Alegria de Viver*”. Antes um grupo de mulheres com depressão, agora um grupo de mulheres com a potência de viver com alegria.

O que importava não era incluir ou excluir sujeitos, e sim entender os modos de subjetivação e proporcionar devires a esses indivíduos, por entender que a Esquizoanálise “se interessa pelas diferenças na medida em que o ser das diferenças é a própria produção do novo absoluto e revolucionário”¹¹.

Todos os aspectos éticos foram adotados, sendo o estudo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da UFES sob registro nº 085/09.

A apreensão do material deu-se utilizando múltiplos dispositivos, a saber: dramatização, representação pictográfica, filmagem e fotografia.

As sessões esquizodramáticas foram filmadas e transcritas, e delas retirado fragmentos de discursos e cenas vivenciadas pelos sujeitos.

Como uma pesquisa/intervenção, as sessões esquizodramáticas foram construídas sob o signo de uma produção desejante, libertária e revolucionária, antípoda à ideia de reprodução, pois “por produção, deve-se entender aqui a geração do novo enquanto serve à invenção da vida, cada vez mais diferente, forte, bela, sã etc. Por reprodução, compreendemos o que tende a ser igual, idêntico a si mesmo, podendo entorpecer e parasitar os processos produtivos. Como antiprodução, concebemos aquilo que destrói, não como operação de produção, mas como eliminação de seu andamento e de suas realizações”⁷.

Foram realizadas quatro sessões esquizodramáticas – cada uma delas denominada de charneca-em-flor –, contando com aproximadamente seis pessoas por encontro. Por falta de espaço na unidade de saúde, utilizamos como espaço para nosso encontro o salão paroquial da Igreja Católica situada nas proximidades da unidade de saúde.

Os participantes foram identificados por pseudônimos, nome de flor, que emergiram em uma das sessões esquizodramáticas, em um devir-flor.

Embora houvesse um planejamento de como se daria cada sessão, a (des) ordem, é que deu o tom de cada um daqueles encontros: novos dispositivos iam surgindo ao acaso, nada era cristalizado, tudo era espaço de reinvenção. Um simples lanche tinha potência para transformar-se num piquenique.

CHARNECA-EM-FLOR 1: Piqueniqueando

Nosso primeiro encontro: seis mulheres, um homem, uma psicóloga (Coordenadora do grupo) e eu – mais rato do que gente, visto que um rato tem a potência de adentrar-se nos espaços com mais facilidade que os humanos. Naquele espaço, tudo era permitido. Espaço do novo, elas – aquelas mulheres –, eram potências desejanter.

Como dismantelar essas máquinas duras e sem cintura e torná-las engenhocas mutantes?²

Era chegado o momento dessas mulheres falarem, sobre si. Falar da vida, sonhos, pensamentos, ilusões, desilusões, como cada uma se adentrou no grupo... O silêncio reinou... “[...] o silêncio tem razões bastante complexas. Para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa a indiferença e a colaboração”¹⁷.

Mas o silêncio tem uma dimensão inquietante. E, qualificando-se como falante, Margarida Branca falou ser uma pessoa muito nervosa, fato esse percebido por todos.

Margarida Branca diz orgulhar-se de sua família. Um dos grandes motivos de sua infelicidade é saber-se rejeitada pelas pessoas, só por gostar de ser tão falante!

Com relação à aprendizagem de coisas simples da vida, trabalhos manuais, por exemplo, Margarida Branca sente-se limitada e com dificuldade.

Totalmente instituída, no plano molar estava Margarida Branca, reproduzindo a regularidade da sua vida cheia de repetições. Não vislumbrava possibilidades, potências nem transformações.

As pessoas são movidas a sonhos, desejos e sentidos. O sonho de Margarida Branca se perdeu, o desejo naufragou, mesmo assim não deixou de ser feliz: *meu sonho era ser professora, sonho que eu não realizei, mas eu sou feliz, a gente é que tem que se achar feliz, e não esperar por ninguém te fazer feliz [...]*.

Como conversa puxa conversa, Rosa Vermelha sente vontade de contar sua história, narrando momentos de sua vida. Como uma flor solitária em um jardim, triste, abandonada e só, reconhece a falta de sentido na vida devido à perda do marido – um profundo vazio se instalou em seu peito desde que ficou viúva.

A fé, muito presente em todas essas mulheres, muito forte em Rosa Vermelha, a movia para a superação de suas dificuldades; momentos de auto-análise, tentativas de autogestão.

E a conversa continua, agora com Margarida Rosa; muito contente e comunicativa, inicia com alegria sua história, e não demora para que chuvas de lágrimas surjam. Ela voltou no tempo. Voltou? Ou esse tempo é eterno presente na vida de Margarida Rosa? *Até que meu filho morreu. Assassinado. [...] Eu nunca consegui superar a perda do meu filho.* (Margarida Rosa, chora).

Margarida Rosa é como o José, aquele protagonista de O Sanatório, de Bruno Schulz, que vive uma relação de eterna presença com o seu pai, na qual os acontecimentos se sucedem independentemente da linearidade do tempo¹⁸. Margarida Rosa vive a eterna presença de seu filho.

Eis que surge o falar da Hortência, solitária; gosta de ficar só, como uma flor perdida em um vasto e verde campo.

Hortência aos 17 anos conheceu um rapaz, e para alcançar a liberdade resolveu trocar alianças de compromisso. Amor? Não daquele que rasga o peito de dor.

A fragilidade de Hortência no casamento era apenas aparente: como uma flor agreste, foi capaz de fazer rupturas e, a partir daí, sempre encarou a vida como um desafio, mas estava sempre só.

No continuar de nossa conversa, agora era a vez de Flor da Noite falar. Tímida, analfabeta, fala embolada como um novelo de lã.

Flor da Noite é como a noite, com períodos de escuridão; são os episódios em que tem perda da consciência, e nesses momentos fica muito agitada, com crises de choro. Ela nunca pôde experimentar outra vida – falta liberdade –, a impossibilidade de ir e vir: *por causa desse meu problema, nunca pude trabalhar*.

Todas as mulheres presentes no grupo haviam falado. E aquele homem? Timidez? Pode ser. Ele estava relutante em contar sua história, o que fez somente após muita insistência.

Em sua fala, Cravo demonstra muito carinho e amor à mãe, refere que se pôs depressivo após a morte da mesma. Cravo é mais um vitimado, ao qual roubaram a poesia, o sonho e a luta. Nem sofrer de amor, sofreu: *minha mãe sempre falou que eu não podia namorar*.

Não fosse datado do século XIX, um poema de Francisco Octaviano até poderia tratar-se da vida de Cravo: “[...] Quem passou a vida e não sofreu, foi espectro de homem, não foi homem, só passou pela vida, não viveu”.

Então, como um novo dispositivo que brota naquele momento em minha mente, – não estava no script – propus ao grupo um piquenique. Ali não era mais um salão paroquial, era um campo lindo, verde, com pássaros cantarolando e as águas mansas de um rio. E falas foram surgindo: *eu nunca fiz um piquenique*. Disse apreensiva a Margarida Branca.

Outras mulheres participantes daquele grupo de imediato, também, se opuseram à idéia: alegaram artrose, joelho duro, dificuldade em abaixar, mas, no final, tomadas pela imensa vontade de viver aquele momento, se afetaram com a proposta. Então, fomos todos piqueniquear.

Esse dispositivo – o piquenique – foi pensado como resgate do passado como condição de passagem dos presentes. “O passado e o presente não são dois momentos sucessivos no tempo, mas dois elementos que coexistem, o presente que não pára de passar, o passado que não pára de ser, mas pelo qual todos os presentes passam, o passado como condição de passagem dos presentes”¹².

Como piquenique nos remonta aos sabores doces da nossa infância! Infância com brincadeiras e cantigas de roda; era o momento de lembrar nossos cantos favoritos quando criança.

Rosa Vermelha imediatamente começou cantando: *A carrocinha pegou três cachorros de uma vez [...]*.

E um imenso cantarolar invadia o salão paroquial. Será que ali ainda era mesmo um salão paroquial, ou estávamos em um lindo campo verde? A cada música cantada, alegria se espalhava pelo ar, com muitas palmas e sorrisos cobrindo os rostos.

A tristeza de Margarida Rosa tinha desaparecido; não precisava dizer nada, seu olhar dizia tudo – satisfação, alegria, felicidade.

As flores expressavam imenso contentamento com sorrisos, palmas, cantos, esquecendo momentaneamente os problemas, as dores, as doenças, as artroses... Entre um cantar e outro, explosões de alegria sobre o piqueniquear: *Brincar é bom. Eu não tive momentos bons na minha infância, mas eu achei diferente, gostei muito. [...] Eu nunca tinha feito um piquenique na minha vida. (Hortência). Lembrar a infância é sempre muito bom. [...] Brincadeira é bom. A gente fica muito ligada só em serviço. Eu ficaria aqui até as seis da tarde e não ficaria cansada. (Margarida Branca). Foi um dia diferente. Eu nunca tive um dia assim. (Margarida Rosa).*

O piquenique chegava ao fim. Esse piquenique vai ficar marcado em minha vida. E para a vida do coletivo “Alegria de Viver”?

CHARNECA-EM-FLOR 2: Pictografando acontecimentos

Em nosso segundo encontro, jogar sementes de flores por essas charnecas foi o que tentei fazer.

Sorrisos largos, olhares brilhantes, assim chegaram ao encontro. Nem parecia um grupo de mulheres rotuladas como depressivas.

A proposta da tarde é que expressassem, através de desenhos com massinha de modelar, sobre suas paixões, tristes e alegres, um ou mais de um acontecimento de suas vidas.

Paixão. O que será paixão? Para Espinoza citado por Deleuze, nós temos em nossas vidas paixões boas e paixões tristes, decorrentes dos nossos encontros que podem afetar e ser afetados. Os bons encontros intensificam nossa existência, trazendo entusiasmo e proporcionando paixões alegres. Os maus encontros, paixões tristes, cristalizam, causam concretude à existência e à criação¹⁹.

Foi então que num processo de tensão psíquica²⁰ (termo proposto por Ostrower, onde o criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer), com caneta hidrocor, massa de modelar e lápis de cor, os desenhos começaram a tomar vida no papel, esboçando um ou mais de um acontecimento de suas vidas.

Quando terminaram o desenho, uma súbita vontade de falar invadiu aquele coletivo de mulheres.

Rosa Vermelha começou a conversar sobre seu desenho, como se fosse um conto, de uma história triste com final feliz – ou quase feliz? Ela sempre gostou de cantar, e junto com seu marido cantavam no coral da Igreja. Mas, a morte levou seu marido e também o canto. A música ressurgiu em sua vida no dia do nosso piquenique: *Eu tinha parado de cantar, desde que meu marido faleceu. Agora eu voltei a cantar. Estou muito feliz!*

Irrequieta, era a vez de Margarida Branca contar sobre suas paixões boas. Só que seus encontros nem sempre foram felizes, havia em sua vida encontros ruins: *A minha vida tem momentos de luz e outros momentos de tristeza com algumas coisas que as pessoas me dizem. Aí eu choro, e toda essa tristeza passa.*

O Cravo adora desenhar. Então ilustrou bichos, gente, objetos, árvores, e até comida. Não quis desenhar seus momentos alegres e tristes. O momento triste de sua vida foi a perda de sua mãe – não superou, sente saudades.

Agora era a vez de Margarida Rosa. Sua alegria era o filho; só lhe proporcionava felicidades. Margarida Rosa não superou a perda: *Este meu filho era a maior alegria da minha vida.*

Em homenagem a seu filho assinado, ela compôs uma música, a qual começou a cantar. Margarida Rosa chora. Todos, calados, estávamos comovidos com a história de Margarida Rosa. Imediatamente, Hortência inicia a sua história.

Hortência situa-se em seu desenho envolta pelo sol, flores e árvore. Solitária, porém feliz, sente-se triste pela situação de vida de sua filha, maltratada pelo marido.

A história de Margarida Rosa afetou-nos a todos, sentimo-nos perturbados, comovidos. Sua história havia tocado nossos corações.

Rosa Vermelha, agora denominada por todas, a cantora do grupo, pela primeira vez apresentou-nos o seu caderno de músicas, esquecido no fundo de uma gaveta há muito tempo e só agora resgatado. Ela foi tirando daquele caderno músicas que ganharam vida em seu canto naquele fim de tarde.

Até que nossa tarde terminou, alegremente, ao som das músicas de Rosa Vermelha e das palmas de todos, após deliciarmos de um saboroso lanche.

CHARNECA-EM-FLOR 3: Devir-flor

Nosso terceiro encontro. Eis que surge Rosa Rosa e Dália; era a primeira vez delas nesses encontros do grupo.

Rosa Rosa tornou-se depressiva, após a separação do marido.

Dália mora de favor na casa da sobrinha, o que a deixa muito constrangida. Tem momentos de esquecimento, o que já a deixou perdida, vagando pelas ruas.

Mas, voltando ao grupo, antes mesmo de falar sobre nossas atividades, subitamente Rosa Vermelha pôs-se a cantar. Era o aniversário de Margarida Rosa, e quis cantar uma música em sua homenagem. Todos estavam alegres, os momentos proporcionados nesses encontros fazia o grupo tornar-se mais unido.

Assim que Rosa Vermelha deu uma pausa em seu cantar, aproveitei o momento para explicar sobre nossa atividade da tarde: dançaríamos e seríamos flores. Cada uma podia escolher sua flor predileta e se caracterizar como tal.

Olhares assustados, entusiasmados, múltiplos sorrisos; a idéia, pura inovação. Imediatamente elas se colocaram de corpo e alma em ação.

Era o momento de desterritorialização; ao som de Johann Strauss, dançamos uma valsa. Aos pares se agruparam e foram deslizando pelo salão. Aos pares e até sozinhos, dançamos. Cravo não quis dançar, acha que não sabe. De tanto insistir, deu dois passinhos. Todos entraram na dança.

Agora, desterritorializados, seríamos uma flor. Envoltos em TNT, laços, fitas, maquiagem, assim estavam as flores. Flores verdadeiras, flores de plástico, verdadeira multiplicidade.

Felizes. Onde está a tristeza? Foi embora. Naquele espaço só existia alegria, prazeres e emoções boas. A angústia foi embora, junto com a depressão; ficou a vontade de brincar, de sorrir e de cantar.

Vão emergindo nessas mulheres variados nomes de flores, e eis que surge um Cravo e uma Rosa no jardim, e, de imediato, Flor da Noite começa a cantar: *O cravo brigou com a rosa, debaixo de uma sacada [...]*.

As flores estavam prontas. Até eu virei flor. A partir desse momento iríamos experimentar um devir-flor; então, coloquei uma música com sons da natureza, à medida que ia relatando as emoções que as flores estavam experienciando: momentos bons (desbrochando, sol, luz, calor, chuva...) e momentos ruins (pisoteadas, amassadas, arrancadas...).

Elas não imitavam flores. Elas capturaram o sentido de ser flor. Como numa explosão de linhas de fuga, um rizoma, um buquê de multiplicidades.

É chegado o momento de terminar nossa experimentação de sermos flores. Foi então que as falas foram surgindo: *Eu me senti uma própria flor. Na vida a gente tem momentos alegres e tristes, mas faz parte da vida, e para mim foi muito bom.* (Hortência). *Para mim foi muito bom, um momento que esqueci de tudo.* (Margarida

Branca). *Assim, se eu estivesse em casa estaria triste, chorosa, aqui eu consegui esquecer as tristezas.* (Rosa Rosa). *Os momentos de flor pareceram muito com minha vida, um sobe e desce, com momentos felizes e momentos tristes.* (Rosa Vermelha). *Eu me senti muito bem na hora do buquê, achei que o grupo estava mais unido.* (Margarida Rosa).

Rosa Vermelha até lembrou de uma música, e com o seu caderninho em mãos, começou a cantar. E como em um coral, todos cantavam.

Como de costume, terminamos esta amável tarde de primavera, com todas reunidas ao redor da mesa, comendo e bebendo as guloseimas, com muita cantoria e conversas.

CHARNECA-EM-FLOR 4: discotequeando

É chegado o dia do nosso último encontro. Palavras de carinho e demonstração de um suposto protesto foram surgindo: *Ah meu Deus, que pena. Eu fiquei muito triste em saber que você não volta mais. Tinha que ficar com a gente.* (Cravo). *Estes dias que passamos juntos foi muito bom. Esqueci até as tristezas.* (Margarida Branca). *Foi muito bom estes dias juntos, você mostrou para nós que só depende da gente, que a gente consegue, se esforçando, insistindo.* (Rosa Vermelha).

Então, como tarefa daquela tarde, pedi que elas expressassem, através de desenho, imagem corporal, dramatização, palavras, da forma que achassem melhor, como foi para elas aqueles dias, os momentos que passamos juntos. E as falas foram aparecendo: *Eu estou muito feliz por estar aqui nestes últimos dias do ano, que o ano de 2009 foi muito bom. [...] Gostei muito de vocês e espero que 2010 traga muita paz, alegria e muito amor de Deus no coração.* (Margarida Branca). *Eu desenhei todos juntos abraçados, com você.* (Flor da Noite). *Que essa data seja sempre lembrada para o nosso bem. Para mim foi muito bom as brincadeiras. [...]* *Seria bom se continuasse [...].* (Rosa Rosa). *Para mim foi muito bom, me senti feliz.* (Dália). *Eu estou muito feliz [...] Eu estou adorando a Wanessa, Camila e Janaina, são maravilhosas.* (Cravo). *Eu me senti a memória mais ativa e com mais tranquilidade. Eu quero representar tudo com flores.* (Rosa Vermelha).

Depois que todas as flores falaram sobre seus desenhos, aproveitei para falar sobre nossa tarde. Faríamos uma festa em uma discoteca.

Rapidamente, burburinho de vozes foram ecoando pelo salão: *Eu nunca dancei em discoteca.* (Margarida Branca). *Eu nunca fui em uma festa. Eu não sei dançar.* (Cravo).

Convidados a se preparar para a festa, eu levei alguns enfeites que deixei a disposição das flores: óculos, marabús, tiaras e outros apetrechos.

Rosa Vermelha e Margarida Branca caíram na dança. O Cravo dançou, não resistiu, até esqueceu que não sabia dançar.

Dançamos, dançamos até cansar, duas músicas sem parar.

Como estavam cansadas, interrompi nossa dança e fomos nos deliciar com o lanche. Enquanto beliscávamos as guloseimas, Rosa Vermelha começou a cantar.

E nesse cantar sem fim, fomos nos despedindo: cantos e encantos, abraços, sorrisos. Éramos só alegria.

CONSIDERAÇÕES MELHORES

Concluir pra quê? Tudo na vida é inconcluso. Irei apresentar algumas considerações sobre os melhores momentos em que estive junto com o grupo “Alegria de Viver”. Foram acontecimentos singulares, palavras não conseguem expressar toda a potência imanente do que vivemos em grupo; mesmo assim, é com palavras que eu vou contar.

Conversações que se deram ao longo de quatro encontros. Pessoas necessitam do inesperado como do ar para sobreviver e viver. O inesperado, o acaso, deu o tom de tudo: espaço para emersão de paixões tristes e alegres.

Em muitos momentos pude perceber que na vida daquelas mulheres existem poucas paixões alegres, mas elas se agarram às mesmas como dispositivo para a sobrevivência.

Nesses momentos vividos foi possível perceber a grande satisfação e alegria demonstrada em seus gestos e, pelas suas expressões, o maior contentamento em estar ali.

Charnecas, campos inférteis, um grupo marcado pela reprodução e antiprodução. Mas charnecas têm a potência de se desabrochar em flor. E assim, contando casos de suas vidas, eterno presente, lá vêm coisas tristes, coisas alegres, muito cantarolar, tudo isso faz parte da vida. E nessa charneca-em-flor, como se reterritorializar?

Coisas vividas foram emergindo naquele espaço, em um passado-presente: momentos de dor, rancor, medo, dificuldades, perigo, violência, vida incompreendida, que tinham como sua tradução a depressão, triste alicerce para suportar os percalços e mazelas da vida.

Participar de um grupo, experimentar modos de produzir subjetivações, tornar-se flores, viver acontecimentos, piqueniquear, discotequear, abrir-se para o novo: tudo isso e mais um pouco. Esse foi o movimento vivenciado pelo “Alegria de Viver”.

Tudo o que foi usado como dispositivo permitiu tornar o passado eterna presença. Penso que a vida de cada uma daquelas mulheres, e do homem também, depois dos nossos encontros, bem que poderia caber no soneto de Jorge Humberto: “[...] Quando descobri que é melhor viver do que morrer em vida aqui, onde cabe-nos apenas enaltecer”.

Rizomática, entrei como um rato naquele espaço, utilizando como dispositivos as klínicas do Esquizodrama, que são reveladoras e também aspirantes às soluções em todos os campos que as empregue, utilizando uma multiplicidade de klínicas, como de produção-reprodução, de devires e das paixões tristes e alegres, entre outras.

Cartografando suas vidas, fazendo-me cartografar, metamorfoseamos em vários devires: devir-mulher, devir-homem, devir-pai, devir-flor, devir-cantor, devir-dançarina. Assim tem que ser, viver é devir.

Afetada e afetados ficamos. Eu mesma, por exemplo, já não sou eu: “Eu não sou eu nem sou o outro, sou qualquer coisa de intermédio”²¹. E o que dizer de minhas

colegas psicólogas? *Foi a primeira vez que tive contato com a clínica esquizodramática. A breve aproximação com esta abordagem, até então nova para mim, possibilitou a ampliação do leque de possibilidades e de ferramentas de atuação dentro do meu cotidiano de trabalho. Estive presente em dois encontros – o primeiro e o último – nos quais pude perceber mudanças sutis, mas significantes nos participantes e nas relações estabelecidas entre eles. Muitos se utilizaram do espaço para reviver e atualizar boas experiências que tiveram e que haviam ficado perdidas no tempo: cantigas de roda, danças... Uma senhora redescobriu o prazer de cantar, e hoje, depois das sessões de esquizodrama, tem levado até a unidade de saúde, local onde os participantes se encontram para atividades de grupo, algumas letras de músicas que compõe. Estar presente no “antes” e no “depois” da experiência também me possibilitou notar uma certa fluidez na expressão de muitos deles: a expressão corporal nos momentos de dança, a verbal e a artística. Gostei desta aproximação. Bons encontros, e um belo legado para mim, como profissional da saúde, e decerto para todos os se permitiram “experenciarmos” esta nova clínica.* (Psicóloga 1).

Possibilidades mil é o que proporcionou o Esquizodrama, tanto para o grupo quanto para mim e para minhas colegas psicólogas, todas nós máquinas desejantes e libertárias.

E como cartógrafa, lá fui eu, desenhando linhas: “os indivíduos são registrados e cruzados por linhas. Algumas linhas são postas do exterior para eles e não se cruzam [...]. Outras são produtos do acaso”²². Linhas que significaram possibilidades de territorialidades, desterritorialidades e reterritorialidades. Linhas que se cruzavam, entrecruzavam, fazendo de tudo uma geografia experimentada. Linhas de fuga, desesperadas, desejantes, erráticas e errantes. Um mapa onde tudo se traçava e fugia ao mesmo tempo, foi o que tentei desenhar.

Esse campo – grupo “Alegria de Viver” – já não era mais improdutivo, tornou-se potência para o novo e desejante. De inférteis que eram (essas mulheres e o homem também), agora estavam mais para charnecas-em-flor.

REFERÊNCIAS

1. Minayo C. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro/São Paulo: Hucitec; 1992.
2. Fortuna CM. Cuidando de quem cuida. Notas cartográficas de uma intervenção institucional na montagem de uma equipe de saúde como engenhoca-mutante para produção da vida [Tese de Doutorado]. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo; 2003.
3. Deleuze G, Parnet C. Diálogos. São Paulo: Escuta; 1998.
4. Deleuze G, Guattari F. Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia. v. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34; 1996.
5. Guattari F, Rolnik S. Micropolíticas: cartografia do desejo. 5nd ed. Petrópolis: Vozes; 2007.
6. Baremlitt GF. Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática. 5nd ed. Belo Horizonte: Instituto Felix Guattari; 2002.
7. Baremlitt GF. As clínicas do esquizodrama. Em publicação 2009.
8. Deleuze G, Guattari F. O que é filosofia? 2nd ed. 4. Rio de Janeiro: Ed. 34; 1997.
9. Baremlitt GF. Psicoanálisis y esquizoanálisis (um ensayo de comparación crítica). Buenos Aires: Ed. Madres de Plaza de Mayo; 2004.
10. Amorim MA. Esquizoanálise, esquizodrama e as clínicas da educação [Dissertação de Mestrado]. Belo Horizonte: Universidade Vale do Rio Verde; 2008.
11. Baremlitt GF. El “método” de la dramatización en el esquizodrama. [serial online] 2009 [cited 2009 Abr 11]. Disponível em: URL: http://www.fgbbh.org.br/artigos/artigo_10.htm.
12. Pelbart PP. O tempo não-reconciliado. São Paulo: Perspectiva; 2007.
13. Figueiredo TAM. Esquizoanálise sob o signo de um tempo fora dos gonzo: acontecimentos em revista [Especialização em Análise Institucional, Esquizoanálise

e Esquizodrama: Clínica de Grupos, Organizações e Redes Sociais]. Belo Horizonte: Fundação Lucas Machado, Centro de Pesquisa e Pós-Graduação; 2009.

14. Michaelis. Moderno dicionário da língua inglesa. [serial online] 2010 [cited 2010 Mai 5] Disponível em: URL: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=charneca>.

15. Espanca F. Charneca em flor. [serial online] 1927 [cited 2010 Mai 5]. Disponível em: URL: <http://marciaapinheiro.tripod.com/charneca.htm>.

16. Rolnik S. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; 2007.

17. Pollak M. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos 1989; 2(3): 3-15.

18. Schulz B. Sanatório. Rio de Janeiro: Imago; 1994.

19. Deleuze G, Guattari F. Espinosa: filosofia prática. São Paulo: Escuta; 2002.

20. Ostrower F. Criatividade e processos de criação. 19nd ed. Petrópolis: Vozes; 1987.

21. Sá-Carneiro M. Poemas: Mário de Sá-Carneiro. [serial online] 1946 [cited 2010 Mai 28]. Disponível em: URL: <http://www.astormentas.com/din/poema.asp?key=2523&titulo=7>.

22. Dantas AGA. Antonin Artaud: cartógrafo do abismo. [serial online] 2002 [cited 2009 Abr 11]. Disponível em: URL: <http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/alex.html>.